

ENTRE A GRAVURA E A ESCULTURA:
A ESTAÇÃO RUPESTRE DE LAMPAÇA
NO CONTEXTO DA ARTE DE AR LIVRE DA REGIÃO

JOANA CASTRO TEIXEIRA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Licenciatura em Arqueologia

Seminário de Projecto

**Entre a Gravura e a Escultura:
A Estação Rupestre de Lampaça
no contexto da arte de ar livre da região**

Joana Coelho de Castro Teixeira

Porto, Julho de 2007

“edição revista”

Índice

Agradecimentos	4
Introdução	5
Objectivos e Plano do Trabalho	9
1. Localização e Historiografia	11
2. A Incorporação.....	13
2.1. Metodologia.....	13
2.1.1. Acerca da perspectiva: Pequeno apontamento.....	13
2.1.2. O percurso.....	17
2.2. Caracterização Geomorfológica e Climática. O Sítio na Paisagem.....	18
2.3. Descrição das Rochas	23
2.4. Registo.....	25
2.5. Motivos Iconográficos e sua Organização	26
2.5.1. Descrição das gravuras.....	26
2.5.2. Estruturação - Organização na Superfície e na Rocha	31
2.5.3. Acerca da Estratigrafia Interna - Hipóteses Interpretativas	35
3. A Organização de um Discurso.....	38
3.1. Entre a Gravura e a Escultura	38
3.2. Dinâmica de Visualização segundo a Luz Solar.....	40
3.3. Acerca da Localização.....	42
3.4. A Questão Cronológica: Problematização.....	44
Considerações Finais	50
Bibliografia	52
Anexos	57
Anexo A: Descrição das rochas e das áreas gravadas	58
Anexo B: Descrição pormenorizada das gravuras	62
Anexo C: Quadros.....	76
Anexo D: Mapas.....	79
Anexo E: Fotografias e Figuras.....	84
Anexo F: Plantas, Perfis, Levantamento das Gravuras	94

Agradecimentos

Um especial agradecimento à minha orientadora, Prof^a Doutora Maria de Jesus Sanches, pela orientação, por todo o apoio, disponibilidade e incentivo;

ao Prof. Doutor Vitor Oliveira Jorge, por toda a inspiração e disponibilidade;

ao grupo de Pré-história em geral;

à Dra. Dulcineia Pinto e ao Dr. Rafael Morais;

ao Bruno, pela presença contínua, apoio absoluto e incondicional;

à minha família e amigos, ao Neferu e ao Gaspar.

Introdução

O desenvolvimento do presente trabalho, entendendo-se este não apenas como o corpo escrito que aqui se apresenta, mas também como todo o percurso até então realizado (incluindo todo o trabalho de campo) ocorreu no âmbito da disciplina de Seminário de Projecto, curricular do 4ºano da Licenciatura em Arqueologia, sob orientação da Professora Doutora Maria de Jesus Sanches.

Trata-se do estudo, iniciado de raíz, de um sítio de arte de ar livre cujo estudo aprofundado se considera urgente e de grande importância: a Estação Rupestre de Lampaça – Sra. da Ribeira, constituída por um conjunto de afloramentos graníticos densamente gravados/ insculpidos.

A escolha deste sítio como objecto de estudo para trabalho de Seminário, prendeu-se quer com uma empatia imediata com a estação a quando de uma primeira visita em 2004¹, quer com um interesse pessoal pela Pré-História em geral e especificamente pela denominada Arte Rupestre. Com efeito, se por um lado constatamos que uma amostra significativa dos estudos nesta área adquire um carácter ora superficial, ora volátil, por falta de sustentação; ora ainda também por vezes de livre e delirante exercício de imaginação, parece-nos também, que algo começa efectivamente a mudar, nomeadamente no nosso país, com um contributo muito significativo da escola de Pré-História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Deste modo achamos que os estudos da Arte Rupestre devem romper definitivamente com a postura hermética e alheada das demais áreas de investigação e devem seguir um rumo, teóricamente bem enquadrado, de estudos sistemáticos, bem sustentados, de carácter arrojado e sobretudo de dissolução das fronteiras que, em muitos casos, se parecem ter criado em seu torno (como se este tipo de manifestações quer no passado, quer no presente fossem remetidas para um domínio quase esotérico, ou de obscuridade). cremos que esse caminho foi aberto pela Escola de que nos orgulhamos de fazer parte. Deste modo esperamos que este trabalho seja um ponto de partida para que um dia também nós possamos contribuir para o avanço da investigação nesta área.



O trabalho científico assenta sobre um conjunto de dados que se pretendem recolhidos e disponibilizados por forma a que possam ser tratados e experienciados pelos demais que o queiram fazer. Pequenos apontamentos sobre o carácter destes dados serão feitos, quando pertinente, ao longo deste trabalho. Por ora, gostaríamos de focar um pouco o produto escrito do trabalho de investigação. Se os dados, por si só, são matéria quase inerte, o discurso que se tece em torno deles, estabelecendo uma teia de linhas embrenhadas de inter-relações entre estes, entre estes e outros, entre estes e as fundamentações teóricas, entre estes e o(s) sujeito(s) (etc...), constituem os grandes factores de avanço e mudança na

1 No âmbito de um outro trabalho académico, que não especificamente sobre o sítio de arte rupestre.

investigação. A ciência avança portanto mediante narrativas.

À luz de uma perspectiva fenomenológica, a narrativa/ texto é intrínsecamente metafórica. O método científico é necessariamente analógico pois relaciona o conhecido com o desconhecido. Em termos de discurso este processo adquire os contornos de uma metáfora pois, segundo a lógica analógica, a metáfora permite a mapeação de um domínio em termos de outro. A metáfora estabelece pois a relação do conhecido para o desconhecido (TILLEY, 2004, pp.22-23), adquirindo portanto um âmbito que ultrapassa o das palavras e se torna ele próprio generativo – a narrativa não se forma, cresce. O texto/ discurso não é uma representação real do mundo, ou do passado, mas sim uma representação interpretativa, corpórea e incorporada: "...a palavra é a emanação de um "corpo" e de um "espírito" indissociáveis, indistinguíveis um do outro;" (JORGE; 2005, p.161).

O discurso plasmado neste trabalho é o resultado da nossa experiência sinestética do sítio da Estação de arte rupestre de Lapaça: dos aspectos do ambiente/ paisagem que poderiam (ou não) estar associados à identidade do sítio, formando uma envolveria identificada, constituindo-se como parte da narrativa do sítio. Estamos contudo conscientes de que a lógica simbólica da estação poderia ser exclusivamente interna, voltada para o interior do conjunto, para o interior das rochas. Mas o que também não podemos ignorar é que esta manifestação de intenção humana se encontra in situ. Este local foi escolhido e transformado num sítio, ao qual foi associado um conjunto de ideias que o legitimaram, no qual as gravuras foram arranjadas/ conformadas e inter-relacionadas de um modo estruturado em certas rochas e em certas superfícies. Isto implica vontade, escolha e intenção; implica a manutenção de uma ordem. Implica ainda que se coloquem questões como: "Porquê aqui e não ali?"; "Porquê estes afloramentos e não aqueles outros?", etc...; ou ainda questões relacionadas com a dificuldade ou facilidade de encontrar o sítio, acerca do número de pessoas que poderiam ali permanecer, etc.

Enquanto exercício parece-nos interessante a abordagem que André Tomás Santos faz da arte rupestre, ela própria enquanto texto (SANTOS, 2003,pp.20-24). No entanto, como poderemos saber se haveria realmente uma intenção de fixação de um discurso implícita neste tipo de manifestações? A análise de um corpus bem documentado ao nível formal, das manifestações de determinada área ou região poderia, com efeito, sustentar uma visão nesse sentido. Mas sem um estudo de fundo parece-nos que um (pré)conceito da arte para ser lida como um texto poderá desviar o enfoque para outras questões que, parece-nos, também devem estar subjacentes à nossa aproximação a estes sítios. Por exemplo, não poderiam as gravuras ser essencialmente um acto, ou conjunto de actos, de significado exclusivo nele próprio, sem que se mantivesse um discurso plasmado nas rochas fora do evento de cada acto? Ou ainda, se mesmo constituído um texto, estaria ele acabado nas rochas gravadas, ou

seria re(gerado) em determinados momentos através de performances e/ou relações com outros elementos exteriores às rochas em si?



Acerca do uso do termo “Arte”, ainda que seja uma frequente discussão no âmbito dos trabalhos sobre esta temática, não se pretende desenvolver aqui por demais o assunto, pois tal não se assume como primordial objectivo deste estudo. Usa-se aqui o termo no seu âmbito convencional, ou seja, na condição de termo mais frequentemente usado e generalizado (ainda que pertinentemente discutido) uma vez que não se pretende neste trabalho discutir a sua etimologia e aplicabilidade à realidade Pré-Histórica, muito menos avançar com nova terminologia – trabalho que contudo se considera de grande interesse desenvolver. Compete-nos ainda assim clarificar o espectro em que tal termo é entendido e usado ao longo do trabalho. Em primeiro lugar, e no contexto fenomenológico em que este estudo se desenvolve, assume-se por um lado o conceito de “Arte” na perspectiva do nosso olhar presente sobre o sítio de arte rupestre de Lapaça. Isto é, independentemente do maior, menor ou, muito provavelmente, nenhum enquadramento que o conceito, nascido no mundo ocidental, pudesse ter no mundo conceptual da(s) sociedade(s) que conceberam e criaram sítios como este, vemos que, na nossa convivência/olhar/incorporação (no presente) com o sítio, inegavelmente ele se enquadra numa apreciação estética, de especialização tecnológica e justificativa da aplicação do termo, cujo valor, neste caso é legitimado pela comunidade arqueológica². Mais ainda, consideramos que os próprios artefactos/ arquitecturas/ materialidades, devem ser entendidos, à luz de uma perspectiva fenomenológica, no sentido de poderem não ter sido dotados de funcionalidades, significados ou intenções rígidas, aquando da sua elaboração/ construção. Pelo contrário, podem ser entendidos no passado, tal como no presente, num contínuo diálogo e evolução com as pessoas, inserindo-se juntamente com elas e o meio, num vasto campo interrelacional.

Em Heidegger encontramos a ideia de que a relação artista/obra é semelhante à de sujeito objecto das ciências sociais, ou seja, uma relação sustentada pela reciprocidade – cada um só o é em relação ao outro. Mas Heidegger introduz ainda um terceiro elemento na afinidade artista/obra: o observador – e é sobre este aspecto que debruçamos também aqui a nossa atenção. Porque, diz o autor, que é este terceiro elemento da tríade que reconhece o artista e a obra, e que só ele tem o direito de o fazer. O observador é portanto o primeiro a identificar o artista e a obra; e o primeiro a ver nisso arte (HEIDEGGER,2000). Com esta referência ao pensamento heideggeriano pretendemos de alguma forma justificar a nossa “abstenção” relativamente à problemática do uso ou não uso correcto do termo arte, subjectivando a questão e transpondo-a em absoluto para a posição do observador. Estamos obviamente conscientes da

2 Não nos parece problemático assumir esta ideia, sobretudo no contexto da realidade pós-moderna, em que o termo Arte se movimenta num campo tão vasto e generalizado, onde praticamente tudo pode ser arte; já que, pelo menos desde Duchamp, a mesma tantas vezes é concebida como negação de si própria.

não correlação directa entre “a arte” sobre a qual Heidegger faz circular o seu pensamento e o contexto de uma estação rupestre como a que se estuda neste trabalho. Mas encontramos ainda ideias interessantes na obra deste filósofo, que bem poderiam servir de mote para um trabalho de reflexão profunda sobre a questão do conceito de arte na Arqueologia e Antropologia. Citamos então ainda Heidegger: “...a arte é ela mesma, na sua essência, uma origem, e nada de outro: um modo insigne de acesso da verdade ao ser, isto é, à História (HEIDEGGER,1966) “ Mais ainda, sem que ele próprio consiga no seu discurso destacar-se em absoluto do conceito estético condicionante do pensamento ocidental, desloca-o num sentido bem mais interessante para nós, colocando a “verdade” como categoria estética fundamental, destruindo assim a ideia do Belo inteligível, absoluto.

O conceito de arte na Arqueologia estará sempre relacionado com o conceito de Arte na Antropologia. Deste modo é na bibliografia antropológica que podemos, neste momento, ter acesso a interessantes perspectivas sobre este assunto. Um dos mais importantes trabalhos nesta área será o de Alfred Gell: *Art and Agency*. É neste trabalho sugerido que “...the anthropological theory of art does not need to provide a criterion for art object status, which is independent of the theory itself. The anthropologist is not obliged to define the art object, in advance, in a way satisfactory to aestheticians, or philosophers, or art historians (...) the theory is premised on the idea that the nature of the art object is a function of the social-relational matrix in which it is embedded. It has no ‘intrinsic’ nature, independent of the relational context.” (GELL, 1998,p.7).

Objectivos e Plano do Trabalho

Este trabalho tem como objectivo geral dar a conhecer a Estação Rupestre de Lapaça (Sra. da Ribeira), enquanto sítio cujo estudo se pode revelar de grande importância no avanço das investigações e na composição de um melhor entendimento acerca da ocupação durante a Pré-História Recente na região onde o mesmo se insere. Trata-se de uma região que nos parece marcada por fortes contrastes, a vários níveis, o que se traduz também numa grande heterogeneidade (logo riqueza) do registo arqueológico. Deste modo, temos como objectivos mais específicos, analisar (ou propor linhas de análise) a estação naquilo que melhor a caracteriza, na sua dinâmica interna, naquilo que a torna particular e que portanto nos poderá fazer atender a especificidades do contexto sócio-relacional das populações que se movimentaram em torno dela.

O presente texto encontra-se organizado da seguinte forma: num primeiro capítulo indicamos a localização, nos termos administrativos, da Estação Rupestre de Lapaça, seguida de uma pequena síntese historiográfica. Não foi, assumidamente, um dos aspectos mais desenvolvidos pois não era este de resto o âmbito mais específico do trabalho.

Num segundo capítulo, mais extenso, sob o mote da Incorporação, procuramos desenvolver uma primeira parte, mais teórica, acerca da perspectiva subjacente ao desenvolvimento do trabalho, nomeadamente o trabalho de campo, fazendo também uma descrição da metodologia utilizada. Sob a ideia de Incorporação desenvolvemos os aspectos normalmente entendidos como “os dados” da investigação mas que, na nossa opinião, vão muito mais além, na essência, de meros dados, pois são afinal já um produto histórico dentro da nossa própria história pessoal. A obtenção destes dados, realizada sobretudo via trabalho de campo, mas também bibliográfica, tem um carácter sinérgico, potenciando o crescimento da ideia do sítio e constituindo a base incorporada sobre a qual se construirá todo o discurso interpretativo³. Foi segundo a nossa perspectiva teórica e sobretudo por oposição a uma ideia hermética de dados recolhidos de um modo automático, que optamos por colocar este segundo capítulo sobre o epíteto Incorporação. Num segundo ponto deste capítulo caracterizamos o ambiente em que a estação se insere do ponto de vista geomorfológico e climático. Realizamos também a descrição da metodologia de registo das gravuras e a análise formal das mesmas na rocha.

O terceiro capítulo, A Organização de um Discurso, procura desenvolver as primeiras formas de um discurso que se começa a construir em torno deste sítio, discutindo-se essencialmente linhas de

3 Na verdade todo este processo vai ocorrendo mais ou menos em simultâneo. Contudo por questões de lógica expositiva e porque, ainda assim, vão sempre ocorrendo momentos diferenciados no correr da investigação, consideramos uma primeira fase de incorporação e uma segunda de interpretação. Na verdade o que não há são limites entre esses momentos, encontrando-se estes embrenhados e em constante feed-back.

interpretação que poderão ter interesse desenvolver no prosseguimento futuro deste trabalho. Ao longo dos pontos abordados neste capítulo procuramos acima de tudo não recear alguma ousadia. Somos da opinião que a investigação é ela própria um campo audaz. Não deve dar azo a divagações, ou ao uso da imaginação pela imaginação, mas não deve abdicar do seu lado mais criativo - se este se encontrar sustentado, fundamentado e enquadrado numa perspectiva teórica e metodológica que lhe confira rigor e coerência.

Após um ponto de considerações finais apresentaremos em Anexos informação vária, escrita e gráfica, que consideramos complementar ao corpo de texto principal.

1. Localização e Historiografia

A Estação Rupestre de Lampaça localiza-se num pequeno cabeço conhecido como Senhora da Ribeira, na povoação de Lampaça da freguesia de Bouçoais, concelho de Valpaços, distrito de Vila Real.

Na Monografia de Valpaços (MARTINS; 1978) encontramos referências ao Castro de Nossa Senhora da Ribeira, onde se encontrava a Igreja de Santa Maria da Ribeira centro de uma paróquia para a qual se encontram registos na passagem do século XII para o século XIII (MARTINS; 1978, p.62), com três igrejas filiadas: S. Martinho de Fermil, S. Lourenço de Vilartão e Santa Maria de Bouçoas, “... como se vê das Inquirições de 1258 na «terra» de Rio Livre e na «parrochia de Santa Maria de Riparia»” (MARTINS; 1978, p.174). Trata-se portanto de uma das paróquias mais antigas do território que actualmente integra o concelho de Valpaços – no século XII encontram-se referências a apenas quatro paróquias: Santa Maria de Riparia (actual Bouçoais); Sancti Michaelis Feanes (Fiães); Santala (Santa Valha); e Santa Maria de Tiela (Tinhela). Esta antiga paróquia com sede na Senhora da Ribeira, uma vez pertencente ao termo de Monforte de Rio Livre, terá pertencido ao concelho de Monforte, extinto em 1853, após o que passou para o novo concelho de Valpaços (MARTINS; 1978,p.176).

No que se refere à toponímia, encontramos na mesma obra Lampaça como um topónimo remoto e frequente na toponímia nortenha que, segundo sugere o autor (MARTINS; 1978,p.174-175) “...deve ser um derivado do arcaico «lampas» (a lat. Lampada) designando facho de sinalização luminosa castreja (...) talvez, pois um nome arcaico «Lampaaza» (lat. acea).” (MARTINS; 1978, pp. 174-175). Encontramos contudo uma outra referência que diz que Lampaça é o mesmo que verbasco ou varbasco, uma planta de uso medicinal (LEAL;1874,p.42). Relativamente a Santa Maria de Ripária, refere o mesmo autor: “...é uma referência toponomástica ao Rio Rabaçal que lhe passa perto.”(MARTINS; 1978,p.60)

É referida a ocorrência nas imediações da Igreja de Santa Maria da Ribeira de “...vestígios de uma povoação romana (...) pedras soltas com inscrições e insculpturas espalhadas pelos lugares próximos...” assim como de uma sepultura cavada na rocha (MARTINS; 1978, p.62); “ ...muitas telhas de rebordo, moedas romanas, cerâmica, fíbulas,etc.” (MARTINS; 1978,p.173).

Na Carta Arqueológica de Valpaços, Adérito Medeiros Freitas (FREITAS, 2001,pp.127-131), refere já a totalidade das rochas que actualmente identificamos na estação e identifica-as como bases de altar, justificando tal designação pela ocorrência das cavidades rectangulares nas rochas I e IIA, de que falaremos adiante. Observando contudo as fotografias publicadas por este autor verificamos que foram tiradas a quando do trabalho de remoção das terras que teriam sido aí depositadas e encoberto os afloramentos no momento da abertura do campo de futebol, a Oeste da estação. De acordo com a informação oral obtida

junto de um habitante próximo da Igreja da Senhora da Ribeira (um indivíduo de meia idade) podemos concluir que o campo de futebol anexo à igreja se encontra aberto há pelo menos 50 anos pois refere o senhor que já lá brincava desde muito novo, não tendo sequer memória da sua não-existência.

Com efeito, no âmbito do projecto PNTA/2000 – Os Sítios de Arte Rupestre da Região de Valpaços, ter-se-à desenvolvido um trabalho de prospecção entre 29/07/2000 e 14/08/2000, sob responsabilidade de José Manuel Fernandes Rolão⁴, em cujos resultados, disponíveis na base de dados do IPA⁵, se lê: “Junto ao campo de futebol temos conhecimento da existência de um importante conjunto de gravuras rupestres, e que na actualidade estão cobertas com mais de 1m de terra, a qual é proveniente das obras no campo de futebol.” No âmbito do mesmo projecto, e também segundo a base de dados do IPA, desenrola-se entre 22/09/2001 e 01/10/2001, um trabalho de escavação em cuja descrição de resultados se lê: “Com a operação de remoção de terras que cobriam as fragas do santuário rupestre da Lampaça, detectou-se um nível arqueológico de ocupação na base dos painéis de gravuras. Foram identificadas estruturas nos quadrados A2 e A3, que pressupõem dois níveis de ocupação, possivelmente da Idade do Ferro. O material arqueológico é constituído por fragmentos de cerâmica, quartzo leitoso e vestígios de escória.”

A área escavada a que se refere o relatório é uma pequena faixa entre as rochas I e IIA. Embora desconheçamos como se articulam estratigraficamente as plantas e perfis realizados na escavação (a que não tivemos acesso por não estarem publicadas) e os materiais arqueológicos, gostaríamos de frisar que esta encosta do monte parece ter tido uma ocupação diacronicamente alongada. Nessa medida, embora não descartemos a construção de estruturas em torno das rochas durante a Idade do Ferro, somos da opinião de que a escavação deveria ser alongada, em área, de modo a envolver totalmente as rochas; e em profundidade, de modo a deslindar que tipo de diacronia terá tido este sítio que nos parece de fundação pré-histórica.

4 Para evitar eventuais complicações processuais no estudo desta estação, a Prof.^a M. J. Sanches expôs a J. M. F. Rolão a nossa intenção de realizar este trabalho no âmbito do Seminário do 4ºano, tendo obtido da parte daquele investigador a sua anuência baseada numa invulgar atitude de abertura. Dado que uma síntese deste trabalho foi apresentada no colóquio 41 do Congresso UISPP de Setembro de 2006, (em publicação) – colóquio onde também J. M. F. Rolão e a equipa de estudo da arte rupestre de Valpaços apresentaram também uma comunicação sobre este assunto – acordou-se publicamente a diferença e complementaridade do trabalho daquela equipa e daquele que nós realizámos. J. M. F. Rolão enfatizou este aspecto e, juntamente com a sua equipa, frisaram a importância do entendimento do sítio através de distintas abordagens.

5 <http://www.ipa.min-cultura.pt>

2. A Incorporação

“There can be no observation without participation,
no explanation without interpretation,
no science without engagement.”

Tim Ingold⁶

2.1. Metodologia

2.1.1. Acerca da perspectiva: Pequeno apontamento

Acerca da nossa perspectiva, subjacente ao desenvolvimento deste trabalho e à investigação tal qual a procuramos levar a cabo, gostaríamos de, em primeiro lugar, referir que relativamente ao enquadramento da investigação da arte rupestre, não a consideramos e defendemos que esta se não deve considerar, como um campo separado de pesquisa, alheio ou desintegrado de outros trabalhos de investigação. Entendemos portanto, que os estudos de arte rupestre se devem desenvolver no seio da investigação arqueológica em geral e que devem interagir transdisciplinarmente com outras disciplinas de investigação sobre o que Ingold engloba no âmbito da experiência humana⁷ (INGOLD, 2001).

De facto, consideramos que podemos (devemos) entender as manifestações de arte rupestre, como parte do dwelling de um grupo/ comunidade, tanto quanto os sítios classicamente enquadrados no âmbito do doméstico, tanto como os demais monumentos, ou tanto como o que tradicionalmente se define como artefactos. Na verdade, de um modo ainda mais especial, se lidamos com sociedades pré-históricas, devemos dar-nos conta de que o que durante anos separamos na classificação de simbólico ou ritual, poderá nunca ter existido nesse diferente plano, distinto da vida quotidiana e do estar-no-mundo. Pelo contrário esse domínio do simbólico/ ritual estaria profundamente penetrado, ou interpenetrado, na vida de cada ser enquanto ser-no-mundo. Deste modo, se visamos compreender aspectos da experiência humana no passado, que será de resto sempre um conjunto de interpretações fragmentadas, esta apenas poderá

6 (INGOLD, 2000:p. 276)

7 No que se refere ao campo dos estudos dos vários aspectos da existência humana e suas relações distinguem-se essencialmente duas perspectivas por detrás do discurso dos vários autores. Uma tradicional Perspectiva de Complementaridade, confiante no estudo distinto de cada aspecto (disciplina), limitado a uma certa possibilidade de contributo, e que uma vez juntos num puzzle, constituiriam uma síntese do Todo. E uma nova perspectiva, visando uma postura que se traduz na abolição das “fronteiras” pelas quais os vários componentes (disciplinas) têm sido distinguidos, recusando o entendimento do ser humano como uma entidade compósita a partir de elementos individualizáveis, como por exemplo corpo, mente e cultura. Em contrapartida, esta linha de pensamento entende o ser humano como um “...singular locus of creative growth within a continually unfolding field of relationships.” (INGOLD, 2000:p.256)

ser atingida segundo uma via de investigação que congregue todas as manifestações que chegaram até nós dessas mesmas sociedades. Mais ainda, consideramos que arte rupestre/ artefactos/ arquitecturas ou materialidades não devem ser entendidas como imbuídas de funcionalidades, significados ou intenções rígidas no momento da sua elaboração/ construção⁸. Pelo contrário, consideramos que estas estiveram no passado e até ao presente, num contínuo diálogo (em transformação e trocas dialécticas) com a vida humana e o ambiente, imersas num vasto campo de inter-relações. Um sítio, como aquele a que se refere este trabalho, deve ser visto como numa textura de Identidade, mais do que como um sistema de significados codificados (TILLEY, 2004, p.31).

Estudando o sítio de Lampaça há cerca de dois anos, visitando-o por várias vezes e realizando todo o trabalho de campo, não poderíamos senão estar conscientes da importância (ou pelo menos da inevitabilidade) da nossa própria experiência/ experimentação/ participação como um processo fundamental e indistricável da incorporação dos aspectos mais intrínsecos, do ambiente, dos ritmos, dos movimentos desta estação. Estamos conscientes de resto, que até mesmo os supostos métodos mais objectivos recaem sempre na experiência e decisão pessoal – o que Bourdieu designou por habitus (BOURDIEU, 2002). Assim, integramos este trabalho numa perspectiva fenomenológica, considerando o nosso próprio corpo/ experiência/ métodos/ narrativa como veículo para a incorporação do sítio, num processo que se poderá considerar como de familiarização: “...the practice of archaeology is itself a form of dwelling.” (INGOLD; 2000, p.189). Acção e percepção são uma mesma realidade, indistinta, (INGOLD; 2001, pp.265-272) e intrínsecamente ligada ao nosso movimento/ engagement no mundo. Mundo esse experienciado pelo corpo⁹ de um modo sinestético (TILLEY, 2004, pp.14-30). Nesta linha de pensamento, consideramos, por exemplo, que os decalques directos da arte rupestre, pela relação com o corpo da rocha, pela experiência táctil sobre a superfície e as gravuras – na verdadeira acessão física da ideia – são comparáveis ao processo escavação, entendendo-a na linha de Julian Thomas: “Excavation is an engagement which is at once corporeal and interpretive.” (THOMAS, 2002). No decalque, repetindo os gestos, desmontando a composição gravura a gravura, estaremos a executar um processo de alguma forma análogo àquele(s) pelo(s) qual/ quais as pessoas no passado terão incorporado e imbuído de significância o mesmo (semelhante) sítio - trata-se também de uma aprendizagem. Assumir isto pode ser arriscado, ou facilmente mal interpretado. Concordamos com Vitor Oliveira Jorge e seus colaboradores, quando estes referem: “...we shall not assume the human body/ movement/ perception of space as universals, and thus imagine that from such a-historicity we may reach some clues to interpret “past materialities”. (...) Bodies are historical products, as is our relationship with places. So each one of us cannot imagine that in a certain way it is possible to “re-enact” the performances of prehistoric

8 Como se fosse esse um único momento constitutivo. Como Ingold sugere (INGOLD; 2001, p.264) “...the forms and meanings of objects are generated within the contexts of their involvement in the diverse life-projects of the beings (human and non-human) with which they are surrounded. In this respect they are never made but always in making.”

9 Ou, como sugere Ingold, pelo organismo vivo no seu ambiente.(INGOLD; 2001)

people, by walking, surveying, excavating, or whatever, now, in the field.” (JORGE et al.,2006, p.220). Não imbuímos portanto a ideia explicitada anteriormente, sobre o trabalho de decalque directo das gravuras, por exemplo, de uma crença numa experiência fenomenológica enquanto modo de sentir/ experimentar como os outros sentiram/ experimentaram, mas sim como um modo inerente ao processo de produção de conhecimento – a interpretação radica numa experiência fenomenológica do sítio, que obviamente não é igual à dos outros, os do passado¹⁰, e que portanto apenas não deve ser tomada como ponto de chegada/ resultado, mas como processo intrínseco à nossa condição de organismo no mundo. Isto porque na verdade, e sendo esta a pertinente questão, não nos parece fazer sentido a distinção entre experiências sensoriais e intelectuais, como aliás parece ser implícitamente sugerido no mesmo artigo, onde se refuta a dicotomia acção – pensamento (JORGE et al.,2006, p.206), na linha debatida por Ingold e já referida acima neste texto. São de resto estas asserções não mais que subsidiárias da desconstrução da dicotomia entre corpo e mente¹¹. Logo, se sensorial e intelectual, se acção e pensamento são a afinal a mesma coisa, como separamos o corpo/ movimento do nosso discurso científico? A experiência fenomenológica não constitui uma experiência análoga às do passado, mas está contudo inevitavelmente presente nas nossas analogias. A consciência desse facto torna-se ela própria numa ferramenta, numa metodologia e poderá ser afinal a forma de melhor objectivar a nossa subjectividade.

Poder-se-à entretanto questionar - “E acerca de tocar o passado?”- Com efeito, a perspectiva assente numa experiência corpórea/ incorporada, como meio de investigação arqueológica, pode induzir a ideia de que sobrevalorizamos o presente em detrimento o passado. Poder-se-à contudo colocar a questão: mas qual passado? Haverá na verdade um passado? Daqui decorreria uma longa discussão cuja conclusão seria sempre por certo um conjunto de novas questões em aberto - e ainda que se sustentasse a existência de um passado, ficaria latente a questão de como se pode afinal universalizar um passado a um grupo de indivíduos, a uma comunidade, a várias comunidades, a uma região, a várias regiões, etc? A ideia de passado é uma abstracção, é uma convenção, uma interpretação, uma história que vai acontecendo no presente. Neste sentido “tocamos o passado” na medida, ou na forma, em que a epistemologia da própria Arqueologia enquadra esse passado. Dir-se-ia melhor: fazemos incursões, compondo imagens de um passado por analogia¹², a partir de um ponto espacial e temporalmente situado. Daqui surge uma multiplicidade de olhares e de histórias que, fixadas no texto científico, serão melhor ou pior validadas pela comunidade, e que se constituem não como a transcrição de uma realidade, mas sim como uma metamorfose (RICOEUR, 2000,p.53). Histórias que não se tratam de invenções – até porque a verdade em si própria é tão irreal

10 Não será igual. Contudo, na devida medida, sabemos que haverá sempre contingências dos sítios e da nossa condição de humanos que em alguns pontos se terão de tomar como semelhantes – caso contrário nem tão pouco existiria “discurso arqueológico”.

11 E e neste sentido, superando o conceito de ser humano dotado de um corpo e uma mente/ alma, torna-se preferível a exploração da ideia de organismo (INGOLD, 2001).

12 Ricoeur falava da História como analogia (RICOEUR ,2000)

quanto o passado – mas sim de discursos produzidos, construídos, segundo uma metodologia e uma ética que os valida. Estes discursos tornam-se assim em princípios de intelegibilidade naquele que se conhece como, inspirados em Augé (AUGÉ, 1994,p.58), o “lugar arqueológico”.

A incursão que nos propomos a fazer com este trabalho, focado sobre a Estação de Lapaça, assenta, segundo uma perspectiva fenomenológica, na ideia de que “...through revisiting these places, through a process of ‘dwelling’ in them, one hopefully achieves a feeling and sensibility for place, of repetitive elements and individual and unique features, which permits one to compare and contrast and deepen an interpretative understanding of the significance of these places for prehistoric populations.” (TILLEY, 2004, pp.219-220). Temporalizar a paisagem/ ambiente é o que Ingold considera ser o papel fundamental do arqueólogo. E nessa tarefa “...every feature is a key to meaning rather than a vehicle for carrying it.” (INGOLD, 2000. p.208). O passado não está contido nas materialidades/ materiais, mas é composto, interpretado no decorrer da nossa inter-relação com as suas propriedades, sendo que essas propriedades são essencialmente históricas.



De grande importância na orientação metodológica deste trabalho foi o estudo de María Cruz Berrocal (BERROCAL, 2003), sobretudo no que se refere à análise formal, como primeira instância, na abordagem aos sítios de arte rupestre. Análise formal essa, centrada na materialidade do sítio, na sua condição de objecto e tornando enquanto tal a sua condição de “arte” desprezível (BERROCAL, 2003: p.87).

O fundamento deste método apoia-se nas leis da percepção da Gestalt, que as toma como condição biológica inata (BERROCAL, 2003: Anexo uno). Deste modo poderíamos confiar que o nosso modo de apreender as rochas gravadas seria semelhante (regido pelo mesmo determinismo biológico) ao do passado. A questão aqui será a de que parece evidente que não é fiável tal crença positivista num mecanismo de percepção inato, uma vez que esses mecanismos são antes apreendidos¹³, como bem fundamenta a autora, com recurso a autores como Gubern, o qual cita, em relação à arte pré-histórica: “ Sus figuras no obedecen, como las de nuestrea cultura, al patrón del punto de vista fijo de un observador vertical con sus pies sobre el suelo, lo que implica una concepción estática del espacio. Probablemente el aparente caos

13 Incorporados, como defende Ingold que aliás propõe que o conhecimento se desenvolve na história de vida de uma pessoa como resultado não da simples transmissão de informação, mas de uma redescoberta conduzida, na qual cada geração contribui para a próxima não com regras e representações, mas com condições específicas de desenvolvimento que permitam a construção de aptidões e disposições próprias. “Knowledge (...) is immanent in the life and consciousness of the knower as it unfolds within the field of practice set up through his or her presence as a being-in-the-world.” (INGOLD, 2000:p.272). Percepção, memória e aprendizagem são portanto aspectos intrínsecos às formas específicas de movimento pelo meio – de andar, sentar, manipular instrumentos, etc, etc. Estas formas de mobilidade não são simplesmente adicionadas ou inscritas num corpo pré-formado, mas são propriedades intrínsecas do organismo humano, continuamente incorporadas ao longo do desenvolvimento ontogenético no seu *modus operandi*, através de práticas e treino num ambiente específico, que inclui os outros humanos.

de la pintura prehistorica nace de una concepción dinámica del espacio, que legitima la multidireccionalidad de sus figuras” (Gubern 1992; in BERROCAL, 2003: Anexo uno) Assim sendo, não podemos tomar as leis da percepção enquanto instrumento analógico relativamente ao passado, nem tão pouco universaliza-las ao ser humano. Podem talvez sim ser consideradas como instrumento de compreensão (ou orientador da compreensão) da nossa própria forma de perceber os elementos no espaço, tornando-a assim conhecida, controlável e passível de ser usada, enquanto procedimento sistemático, como método científico (BERROCAL, 2003: Anexo uno). Este método integra sobretudo dois níveis de análise: os painéis e as figuras. O painel é considerado como a unidade primária e os objectivos da sua análise prendem-se essencialmente com três aspectos: a determinação das linhas de composição; a aproximação à sua “estratificação” cronológica e a classificação em termos de densidade e complexidade. Quanto à análise das figuras, esta levanta um primeiro problema: a identificação de figuras como motivos. De entre um agrupamento de figuras, como se distingue, em certos casos menos evidentes o agrupamento de um motivo?¹⁴ Para cada figura deveremos ainda definir o seu contexto/ suporte e os seus elementos de individualização, bem como as relações entre os motivos.

O nosso trabalho não seguiu contudo estritamente este tipo de análise. Baseou-se evidentemente nela, mas perante algumas dificuldades específicas para as rochas gravadas de Lapaça, como sendo a de distinguir claramente grupos, ou mesmo linhas de composição bem definidas (salvo as devidas excepções), não procedemos à definição estrita de painéis ou, no caso das figuras, de motivos. Estamos contudo convencidos que no prosseguir dos trabalhos, nomeadamente com uma maior disponibilidade de tempo para a realização de mais trabalho de campo, se poderá aprofundar a análise formal das rochas. Optou-se então por dividir cada rocha em áreas e subáreas, seguindo um critério formal um pouco mais flexível e moldado à nossa interpretação dos mesmos.

2.1.2. O percurso

Numa primeira fase deste trabalho realizaram-se algumas visitas à estação sob uma perspectiva de primeira aproximação ao sítio propriamente dito e também à paisagem, à região em geral e às pessoas, aos seus ritmos, movimentos, cenários. Deste modo, além de uma cuidada análise do cabeço onde as rochas gravadas se implantam desde o topo e nas várias direcções, atentando em todos os sinais de utilizações/ manifestações antrópicas (sob um olhar diacrónico), atentou-se com cuidado nos vários aspectos da sua topografia e relação com a envolvente. Num sentido mais alargado à região onde enquadrámos a Estação de Arte Rupestre de Lapaça, importa referir que se efectuaram várias incursões ao longo desse território, nomeadamente a visita/reconhecimento de vários sítios referenciados do concelho de Valpaços (FREITAS, 2001) e da área da bacia depressionária de Mirandela (SANCHES, 1997) ; (SANCHES e SANTOS, 1987),

14 No estudo da arte abstracta esta distinção torna-se ainda mais complicada, senão impossível.

procurando assim uma melhor incorporação desse mesmo território, dos seus percursos, dos seus padrões, das suas particularidades e do modo como pode/ poderia ser conceptualizado. Neste primeiro tempo do nosso estudo o registo efectuado foi essencialmente fotográfico.

O segundo momento do plano metodológico adoptado para este estudo consistiu essencialmente em trabalho de gabinete, quer na leitura de bibliografia variada, quer na análise exaustiva da cartografia e mapas temáticos.

Posteriormente foi realizado no campo a planta topográfica das rochas do conjunto da estação rupestre, gravadas e não gravadas, bem como da topografia no terreno onde estas se situam, com o recurso à estação total, numa área de cerca de 1200 m². Fez-se igualmente uma tentativa de, igualmente com a estação total, fazer um levantamento tridimensional das rochas¹⁵. No mesmo momento foram também efectuados os perfis dos afloramentos.

Os decalques realizaram-se de modo directo, segundo o processo descrito no ponto 2.4.

Foi ainda realizada uma visita nocturna ao sítio, em noite de Lua Cheia¹⁶, a fim de verificar as condições de visualização do sítio e das áreas gravadas, em tais condições.

Ao nível do registo, procedeu-se ainda a novo e mais pormenorizado levantamento fotográfico, nomeadamente também para apoio à realização dos desenhos.

2.2. Caracterização Geomorfológica e Climática. O Sítio na Paisagem.

A Estação de arte rupestre de Lampaça localiza-se administrativamente no concelho de Valpaços, na região de Trás-Os-Montes Oriental que segundo Orlando Ribeiro (RIBEIRO, 1977) se trata da região para leste da linha montanhosa das serras da Padrela, Falperra e Burneira.

Geomorfologicamente integra-se no denominado Maciço Hespérico, constituído por um substrato rochoso de idade paleozóica e precâmblica, que se constitui como um planalto sobrelevado ao mar. A sua evolução tectónica posterior, Mesozóico e Cenozóico, é imposta pela orogenia Alpina¹⁷ correspondendo à reactivação das falhas tardi-variscas, facto que está na origem dos seus actuais traços estruturais. Com efeito, no Norte de Portugal a estruturação do relevo encontra-se sobretudo relacionada com os rejogos verificados ao longo dos dois desligamentos esquerdos NNE – SSW: a falha de Bragança-Vilariça- Manteigas e a falha Verin-Régua-Penacova. (MEDEIROS, 2005: 82) A presença de alguns depósitos plio-quadernários,

15 Este, ainda que não tendo sido o mais perfeito, se constitui como uma informação complementar de interesse que se deverá futuramente tentar aperfeiçoar.

16 Lua cheia de 13 de Abril de 2006.

17 Orogenia relacionada com a colisão entre a Europa e a África, traduzida em movimentos de compressão e responsável na Península pela formação da Cadeia Central e da Cadeia Bética.

discordantes sobre o substrato, pode ser interpretado como sendo o testemunho do arrasamento do relevo e modelação da superfície do Maciço Hespérico ou como o resultado do entalhe da rede hidrográfica actual.

A maior especificidade desta região, dita Trás-Os-Montes Oriental, é a sua diversidade que em termos morfológicos se traduz na alternância entre montanhas e planaltos, delimitando depressões ou os vales encaixados dos cursos fluviais (SANCHES,1997: 20). Como principais unidades morfológicas temos portanto o grande volume montanhoso da Serra de Montesinho, um traço de relevo antigo, mas que pode igualmente relacionar-se com episódios mesocenozóicos; as Serras da Nogueira e de Bornes, com altitudes máximas entre 1320 e 1200 m e que constituem relevos tectónicos do tipo pop-up dado que o seu levantamento se encontra associado à actividade relacionada com o acidente tectónico de Bragança–Vilariça–Manteigas (PEREIRA,2002), e os relevos de dureza residual com topos correspondentes à designada Superfície Inicial, como o caso da Serra de Passos/ Sta. Comba (ARAÚJO; ALBERTI) (RIBEIRO, LAUTENSCHACH, DAVEAU, 1997). Temos ainda a Superfície Fundamental de Aplanamento¹⁸ situada em geral entre os 600-800 m de altitude e com maior expressão no Planalto Mirandês. As depressões tectónicas, com orientação N-S e a NNW-SSW, correspondem quer a blocos abatidos, estreitos e de fundo aplanado, quer a depressões de desligamento de expressão morfológica mais reduzida. A bacia de Chaves, já a Oeste da barreira Padrela/ Falperra/ Burneira, no contexto do acidente Verin – Penacova, é exemplo de bacia com significativo enchimento sedimentar (PEREIRA,2002), tal como de resto a bacia de Mirandela e o graben (fosso tectónico) de Baçal, esta última associada ao acidente Bragança – Vilariça – Manteigas .

Em termos de enquadramento geológico esta região integra-se na Galiza Média – Trás-Os-Montes, tratando-se de uma região de grande complexidade litológica. A leste dominam as rochas metamórficas, associadas aos maciços de Morais e Bragança caracterizados pela sua composição polimetamórfica, onde dominam as rochas metabásicas (xistos verdes, xistos anfibólicos, anfibolitos e blastomilonitos), os metaperidotitos e os paragneisses, ocorrendo ainda também gneisses e micaxistos. Na envolvente destes maciços surgem, sobretudo os xistos e os grauvaques. No domínio do Douro inferior dominam as formações xistosas e quartzíticas.

As manchas granitóides, relacionadas sobretudo com os movimentos hercínicos, e com idades diferenciadas, não são muito extensas, circunscrevendo-se sobretudo a algumas áreas planálticas de Valpaços, Carrazeda ou pequenas áreas do Planalto Mirandês (SANCHES, 1997: 27). Resta ainda acrescentar que os granitos se caracterizam por dar origem a um relevo característico que se desenvolve em patamares ou terraços, enquanto que nos xistos e quartzitos ocorrem as variações mais bruscas de orografia.

18 Parte da Meseta Ibérica talhada nas rochas cristalinas e metamórficas do Maciço Antigo.

Atendendo a uma melhor caracterização das especificidades desta região de contrastes, podemos ainda considerar oito regiões naturais¹⁹ na área de Trás-Os-Montes Oriental: Padrela, Tua, Bragança, Bornes-Sabor, Miranda-Mogadouro, Douro Superior, Carrazeda e Douro.

Em termos climáticos estas regiões apresentam oscilações que determinam ecossistemas ora mais influenciados pela atlanticidade húmida de oeste, ora pela continentalidade fria e seca de leste e quente de sul (COLAÇO-DO-ROSÁRIO, 2001). Mais uma vez os relevos a leste do acidente tectónico Verin-Penacova se constituem como determinantes das condições de Trás-Os-Montes Oriental pois constituem uma verdadeira barreira de esbatimento da influência Atlântica. Deste modo, dentro dos dois grandes grupos climáticos, a Terra Fria e a Terra Quente, distinguem-se climas de Terra Fria de Alta Montanha²⁰, de Terra Fria de Montanha²¹ e de Terra Fria de Planalto²² (para o grupo da Terra Fria); e os climas da Terra de Transição²³ e os da Terra Quente²⁴, dentro do grupo da Terra Quente (SANCHES, 1997: 25).

Quanto à aptidão da terra, os solos incipientes, em particular os Leptossolos ocupam grande parte da área da região Transmontana principalmente nas Terras Frias do Planalto Mirandês e nas Terras Quentes da região de Mirandela. Assentando sobre rocha dura, a menos de 50 cm de profundidade, apresentam características variadas: desde os de espessura inferior a 10 cm, Leptossolos líticos (remetidos às escarpas graníticas do Douro Internacional); aos úmbricos (escuros por via do teor elevado de matéria orgânica, representados nas áreas mais elevadas dos Concelhos de Vinhais e Bragança, genericamente acima dos 900m de altitude, onde a vegetação é mais densa). A maior parte dos Leptossolos são contudo dístricos (solos com reduzido teor de matéria orgânica, ácidos, geralmente de cor ocre ou mais clara consoante se desenvolvem sobre xistos ou granitos) - incultos ou ocupados com matas e florestas, têm também uso agrícola quando a cultura se estende a declives mais acentuados. Apenas na unidade secundária dos Leptossolos éútricos se encontram solos pouco ácidos ou neutros, mercê das características que lhes imprime o material originário, rochas básicas e ultrabásicas.

19 “Região Natural - espaço harmónico dotado de personalidade, que lhe provém de um longo ajustamento de gerações ao ambiente que elas, em grande parte, modelaram” (Ribeiro, 1987).

“...grandes unidades de paisagem [que integram] aspectos fisiográficos, climáticos e da vegetação e uso da terra relativamente afins” (AGROCONSULTORES e COBA,1991) in (SANCHES, 1997: 20)

20 Terras acima dos 1200/1300 m de altitude, temperaturas médias anuais de cerca 9°C; geadas e neves prolongadas; Cumes das serras da Nogueira e Bornes. (SANCHES, 1997)

21 Entre 900/1000 e 1200/1300 m de altitude; temperaturas médias anuais entre 9°C e 15°C; geadas prolongadas e neves esporádicas; Bragança e pequenas áreas na Padrela. (SANCHES, 1997)

22 Entre os 600/700 e os 900/1000 m de altitude; Invernos prolongados e Verões curtos e quentes; geadas de Outubro a Maio; temperaturas médias anuais entre 7°C e 18°C (e entre 23°C e 30°C no mês mais quente); Planalto de Miranda-Mogadouro (exceptuando os vales encaixados dos rios), planaltos de Bragança e Carrazeda e algumas zonas de Bornes-Sabor, leste da Padrela, Cumes da Serra de Passos/Sta. Comba e pequenos planaltos do Douro e Douro Superior. (SANCHES, 1997)

23 Refere-se à transição Terra Quente/Terra Fria de Planalto. Altitudes entre 450/500 m e 600/700m de altitude; temperaturas variáveis; clima característico de encosta, em longas faixas ao longo dos cursos dos rios. (SANCHES, 1997)

24 Invernos suaves, Verões muito quentes (29-32°C); geadas só de finais de Novembro a princípios de Março; quase toda a região do Tua, do Douro e Douro Superior. (SANCHES, 1997)

Os Cambissolos ocupam mais de metade da área não afectada pelos Leptossolos, em declives quase sempre inferiores a 12%. São solos pouco evoluídos, de espessura entre os 50 e os 100 cm, de fertilidade mediana e com carências hídricas de dois a quatro meses. A grande maioria são dístricos, correspondendo às principais manchas de utilização agrícola. As manchas mais extensas encontram-se em Miranda do Douro e Bragança. Os Cambissolos úmbricos restringem-se a áreas relativamente pequenas.

Os solos evoluídos – Luvisolos - cobrem uma percentagem bastante mais pequena do território. Têm cor castanha avermelhada (crómicos), são pouco ácidos ou mesmo neutros devido ao material litológico sobre o qual evoluíram (rochas básicas). Pelo contrário, os Alissolos são ácidos, de cor avermelhada, e desenvolvem-se sobre depósitos sedimentares antigos, argiláceos e com calhaus rolados. A maioria dos Luvisolos ocorre no Concelho de Bragança e uma pequena parte no de Vinhais. Os Alissolos são mais frequentes no Concelho de Miranda do Douro embora também surjam nos de Bragança-Baçal e Vimioso. Ambas as unidades pedológicas se confinam aos declives mais suaves dos relevos ondulados de planalto, onde constituem uma reserva de solos férteis, sendo por isso, sujeitos a utilização mais intensiva.



Dentro da região de Trás-os-Montes oriental, considera-se em mais pormenor para este estudo a área delimitada pela linha da Serra da Padrela (1147 m), a Oeste/ Sudoeste; a Serra de Bornes a Este; a Serra da Nogueira a Nordeste (1318 m) e a Nor-nordeste a Serra da Coroa – região esta que mais ou menos será coincidente com a bacia hidrográfica do Rio Tua.

Temos portanto uma região caracterizada por uma zona de alto planalto a norte, referente ao norte do Concelho de Valpaços e ao concelho de Vinhais, cuja morfologia é rasgada pelos vales encaixados da rede hidrográfica, destacando-se os rios Curros/ Tinhela, Rabaçal e Tuela. Ao longo dos cursos destes rios, para o centro da bacia depressionária de Mirandela, vai-se notando o abaixamento do relevo, confluindo para a cota mínima (220 m), situada precisamente na cidade de Mirandela (SANCHES, 1997: p. 29). A zona de alto planalto prolonga-se contudo a oeste, até à Padrela, na qual a altitude vai baixando progressivamente para leste, distendendo-se e voltando a subir no relevo residual de Sta. Comba/ Serra de Passos (1016 m). A sudoeste e a sul, destacam-se ainda os planaltos graníticos de Alijó e Carrazeda (700/ 900 m), alongando-se este último, segundo cotas na ordem dos 500/ 700 m, até à Serra de Bornes, a leste, que por sua vez se distende até à orografia da Serra da Nogueira.

Em termos geológicos ocorrem nesta zona essencialmente os arenitos, calcaxistos, xistos negros e granitos que reduzem a sua expressão a algumas áreas de Valpaços e Alijó.

Em relação às regiões naturais homogéneas que referimos anteriormente, esta região que

circunscrevemos para o nosso estudo abrange a totalidade da região Tua, e ainda parcialmente as regiões Padrela e Bragança. No que se refere portanto aos grupos climáticos temos a Terra Quente da Bacia de Mirandela, circundada pela Terra Fria das orografias mais elevadas e ainda o clima das Terras de Transição, nas zonas planálticas elevadas.

Relativamente à hidrografia, temos como cursos principais o Tua e seus afluentes: Curros/ Tinhela, Rabaçal e Tuela. Sobretudo nos troços superiores da bacia hidrográfica, há água de boa qualidade, com elevada presença de detritívoros, evidenciando condições próximas das condições pristinas²⁵, para o que muito contribui o facto de os vales serem bastante encaixados e por isso haver uma forte contribuição da folhada para o funcionamento energético do sistema. Existe truta nos rios Rabaçal, Tinhela e Tuela; e perca-sol e pimpão (espécies exóticas) no rio Tua (P. H. DO RIO DOURO – Vol.III, C. Subsistema Ambiental, 1999: p.40).



A estação rupestre de Lampaça, situa-se num pequeno esporão de média altitude (Sra. da Ribeira, 612m no topo) implantado no limite de um planalto que cai sobre o vale encaixado do Rio Rabaçal (Estampas 1 a 7). A partir do topo do cabeço da Sra. da Ribeira tem-se uma ampla visão a 360° sobre os principais aspectos topográficos da área envolvente. A cerca de 1700 m de distância destaca-se uma elevação mais proeminente, a Esculca, com uma altitude absoluta de 761 m e que cai em vertente de grande declive para Norte - sobre o leito do Rio Mente, para Leste - onde o Mente desagua no Rio Rabaçal e para Sudeste - sobre o curso do Rabaçal. A Noroeste da Esculca e separada desta pelo vale encaixado do Regato das Ordens encontra-se um outro topo elevado (741 m) que cai em vertente inclinada sobre a Ribeira de Parada, a Norte; e que desce de uma forma mais suave para Oeste-Sudoeste, fundindo-se com a zona aplanada. Para Sudeste da Sra. da Ribeira a paisagem torna-se ondulada, ladeando o encaixe do rio Rabaçal de pequenas elevações/ cabeços da ordem dos 500-550 m (Estampas 2, 3, 4 e 5). Considera-se portanto a colina da Sra. da Ribeira como um sítio que visualmente permite o domínio da paisagem em volta sendo ela também vista a partir da área em volta, nomeadamente a partir dos topos mais elevados (sobretudo a partir de Norte, Leste e Sul; nem tanto a partir de Oeste).

Quer o rio Mente, que desagua no Rabaçal um pouco a norte da Sra. da Ribeira, quer o rio Rabaçal correm num vale encaixado que encontra uma abertura a Este deste pequeno esporão, para onde ele próprio se encontra voltado (Estampa 2 e 6). Esta abertura no leito encaixado destes rios corresponde ao pequeno vale por onde corre a Ribeira do Fundilho. A Ribeira do Fundilho circunda pelo lado norte a Sra. da Ribeira, encontrando-se a Este desta colina com uma outra linha de água que a circunda pelo lado

²⁵ “Estado ecológico de referência” - estado dos ecossistemas aquáticos na ausência de qualquer influência antrópica significativa.

Sul. A Sra. da Ribeira está portanto circundada por duas linhas de água, a Ribeira do Fundilho e uma sua afluente, ocupando uma posição central sobre o topo do pequeno vale aberto (de declive atenuado, quando comparado com o vale de encaixe dos rios Mente e Rabaçal) (Estampa 6). Este vale mais aberto caracteriza-se como uma área bastante irrigada, constituindo-se como um pequeno ecossistema e como um ponto de acesso facilitado ao rio (ligação entre o mesmo e o planalto elevado a Oeste da Sra. da Ribeira, com cotas em média entre os 600/ 700 m). Deste modo, o cabeço onde se implanta a estação em estudo apresenta-se como uma verdadeira sala de visitas entre a área de planalto e o vale encaixado do Mente/ Rabaçal.

2.3. Descrição das Rochas

Efectuar-se-à aqui uma breve descrição das rochas que compõem presentemente este núcleo de arte rupestre. Diz-se breve, uma vez que uma descrição mais detalhada, sobretudo dos pormenores de cada rocha individualmente, será feita em anexo. Pretende-se aqui essencialmente uma descrição do conjunto.

As rochas constituintes da estação rupestre de Lampaça são rochas do tipo granítico, na sua variedade porfiróide, de duas micas e grão geralmente médio, mas podendo em certas zonas mais alteradas e fracturadas apresentar grão bastante grosseiro (COSTA, 1978). Apresentam frequentes fracturas/ fissuras, muitas das quais associadas a filões de quartzo ou apresentando grandes faces de diaclase, em planos ortogonais, característicos de maiores concentrações de feldspato.

Do ponto de vista estrutural tomou-se como melhor opção metodológica a divisão da estação de arte rupestre de Lampaça em duas rochas principais I e II (Estampa 18). A Rocha I é constituída por um grande afloramento, situado a Sudeste do conjunto, de planta subovalada (mais rectilínea no lado Este), com cerca de 4,5m de comprimento máximo por 2,1m de largura máxima. Encontra-se gravada praticamente na totalidade da sua superfície, salvo uma pequena área no lado Sudeste. A área não gravada corresponde mais ou menos àquela em que a superfície do granito se encontra mais alterada e onde a rocha apresenta um grão bastante mais grosseiro, como melhor será descrito à frente. Apresenta ainda uma cavidade rectangular, de dimensões de cerca de 0,30m x 0,26m. Encontra-se rodeada a Sul, Sudeste, Este e Norte por quatro pequenas rochas, algumas das quais ainda parcialmente encobertas pelo solo e que não apresentam gravuras consideradas para esta estação no presente trabalho. Isto é, no que se refere à pequena rocha mais a Sul, constatamos que a sua superfície se apresenta abundantemente pejada de marcas muito finas, de aparente tipo filiforme, mas que se supõe tratar-se de marcas de arado²⁶. Considera-se ainda assim importante nova verificação do carácter destas marcas e inclusivamente até um registo das mesmas. Ainda adjacentes à Rocha I encontram-se quatro pequenos blocos, integrados numa área em escavação, dois dos quais ainda parcialmente encobertos e que à primeira vista parecem ter constituído uma espécie de

²⁶ Note-se que, no passado recente, este terreno pertencia a um privado e era utilizado como área de cultivo, nomeadamente de vinha.

pequenos degraus.

A Rocha I encontra-se separada da Rocha II, esta a Noroeste da primeira, por uma área de cerca de 2,70m de largura. Optou-se por dividir esta segunda rocha em duas subunidades, A e B, dado que ao nível em que se encontra o solo há uma divisão (diacrise felspática da ordem dos centímetros) entre as duas, fazendo com que se apresentem como duas rochas separadas, ainda que seja provável a hipótese de estas fazerem parte do mesmo afloramento. Distinguem-se também facilmente nesta unidade dois núcleos distintos de áreas gravadas, separados por uma área de superfície rochosa não gravada²⁷. Por outro lado há uma unidade estilística e estrutural nos motivos destas duas subunidades consideradas (Rocha IIA e Rocha IIB), pelo que nos pareceu efectivamente adequado agrupá-las²⁸.

A Rocha IIA é a mais próxima da Rocha I. Possui uma planta subtrapezoidal com cerca de 3,0m de comprimento máximo e 2,6m de largura máxima. À excepção de uma ligeira depressão central, encontra-se gravada por toda a superfície actualmente a descoberto. Os seus “painéis” e a sua iconografia serão descritos com detalhe em anexo. Tal como a Rocha I possui no seu extremo Sudoeste uma cavidade subrectangular que cortou as gravuras.

A Rocha IIB encontra-se em conexão com a face Nor-noroeste da Rocha IIA desenvolvendo-se em comprimento no sentido Este-Oeste, segundo uma planta grosso modo rectangular. Possui um comprimento aproximado 6,0m e largura máxima 3,0m. A sua superfície caracteriza-se por ser extremamente irregular aparentando em algumas zonas ter sido afectada pela extracção de blocos. Encontra-se gravada na sua metade Oeste, fazendo o conjunto das suas superfícies gravadas um ângulo de cerca de 100° relativamente à Rocha IIA. Em algumas das suas superfícies não gravadas encontram-se marcas semelhantes às referidas para a pequena rocha no lado Sul da Rocha I e que se consideraram ser marcas de arado. Encostada ao lado Sul, aquando da última visita, encontra-se uma pequena rocha de forma subcircular, com cerca de 0,45m de diâmetro máximo, gravada numa das faces com dois sulcos e covinhas. Trata-se de um fragmento perfeitamente móvel, que tanto poderá ter resultado da extracção de blocos do afloramento como poderá constituir um elemento intencionalmente elaborado no contexto da estação rupestre, fazendo portanto parte da sua cenografia.

O conjunto das rochas que constituem a estação de arte rupestre de Lampaça assume uma planta sub-rectangular e encontra-se actualmente²⁹ inserido numa depressão no solo resultante da remoção das

27 Estas asserções devem contudo fazer-se com algum cuidado dado que a Rocha IIB apresenta sinais de se encontrar truncada pela actividade de extracção de rocha; num caso concreto comprovado, relativo à rocha IIB, pela comparação da sua superfície actual com a publicada por Adérito M. Freitas (FREITAS, 2000;p.130)

28 Sublinhe-se contudo que não há intenção de com esta divisão metodologicamente assumida pôr em causa a unidade da estação como um todo.

29 O solo à cota original deveria seguir mais ou menos a linha da pendente desdo o topo da elevação.

terras que o cobriam. No entanto o conjunto das superfícies gravadas orienta-se para um ponto imaginário central, a Sudoeste da estação, sendo esse o ponto a partir do qual, presentemente, se tem uma visão mais ampla do conjunto e do qual se vê grande parte das gravuras. Note-se que este dado presente não teria muito provavelmente exacta correspondência no passado. Com efeito, este ponto a partir do qual se obtém uma melhor visão sobre a estação encontra-se a um nível superior, isto é, fora da depressão resultante da remoção das terras. Considerando a vertente da colina à cota que se deduz provável no passado e portanto o nível do solo original, não seria possível ter uma visão tal como se tem actualmente a partir do lado Sudoeste (ponto que no passado se situaria então a uma cota inferior ou pelo menos ao mesmo nível do solo base das rochas). Tal ponto pode ainda ser considerado tanto mais relativo face à situação da estação no passado, quanto mais se tem em conta que se desconhece que outros elementos naturais (como afloramentos) ou construídos poderiam ter existido em torno das rochas gravadas, que condicionassem, positiva ou negativamente, a visão sobre as mesmas. Desconhecemos ainda como seria a vegetação circundante. Ainda assim, se atentarmos no conjunto das superfícies gravadas da totalidade das rochas, podemos verificar que elas tendem a formar um leve semicírculo cujo centro se encontra de facto a Sudoeste da estação, pelo que, e tendo ainda em consideração outros aspectos que serão devidamente notados adiante, se considera relevante esta orientação do conjunto para Sudoeste (lado para o qual de resto se inclina a vertente da colina).

2.4. Registo

Os decalques das gravuras foi feito em Plástico Cristal (polivinilo) transparente, à escala 1/1 utilizando-se folhas de 57cm por 76cm, com uma esquadria de 4cm, de modo a permitir a sobreposição. Foram usadas canetas de acetato, de diferentes cores e espessuras: a preto, de espessura média, foi marcado o limite exterior das gravuras; a azul, de espessura média, o interior (fundo) das gravuras; com a caneta vermelha, igualmente média, as gravuras menos visíveis e de traçado mais dúbio; a verde efectuou-se o registo de particularidades naturais da rochas, como fracturas ou irregularidades, ou ainda as delimitações dos “painéis” tal como seriam feitos corresponder no desenho em planta da rocha. Sob o mesmo código de cores utilizaram-se as canetas finas quando o tamanho/espessura da gravura as tornavam preferenciais. Todas as folhas foram identificadas com a designação atribuída à respectiva rocha e número de folha. Nas margens fez-se também a indicação do número da(s) folha(s) com cada qual se conectava, a fim de facilitar a sua “colagem” posterior. Interessa ainda registar que os decalques foram realizados a várias horas do dia e em dias com condições atmosféricas diferentes, jogando-se com a questão da visibilidade relativa dos diferentes “painéis” e rochas consoante as variações na incidência da luz solar e fazendo-se sucessivas confrontações com os registos já efectuados. Nos casos das áreas de mais difícil percepção das gravuras foram parcialmente repetidos os decalques, servindo como contraprova.

Ao nível do registo, procedeu-se ainda a novo e mais pormenorizado levantamento fotográfico, nomeadamente também para apoio à realização dos desenhos.

Os desenhos foram realizados com tinta da china, a pontilhado, com ponteiros de 0,1mm, 0,5mm e 1,0 mm, em papel vegetal 210g, sobre a montagem das folhas de decalque com uma redução prévia para 25% do seu tamanho original. A escala das folhas reduzidas foi devidamente assegurada pela marcação de uma escala real nas folhas de plástico, previamente à redução.

2.5. Motivos Iconográficos e sua Organização

2.5.1. Descrição das gravuras

Como opção metodológica, definimos para cada rocha uma divisão da superfície em Áreas e Subáreas. Esta estruturação metodológica dependeu, para cada caso, da ponderação de quatro factores:

- 1) Planos naturalmente existentes na volumetria das rochas;
- 2) Variações gráficas dentro do mesmo plano natural;
- 3) Continuidade gráfica entre planos naturalmente distinguidos;
- 4) Pontos de observação ideais para cada plano/ conjunto de gravuras.

É contudo importante explicitar que cada área/ subárea não tem em si implicados estes quatro factores em simultâneo, resultando antes da relação entre estes, ou alguns destes, ponderada segundo um critério obviamente pessoal, mas fundamentado pelas observações que efectuamos, e que devidamente explicitaremos à frente, caso a caso, para cada rocha³⁰.

A descrição que aqui efectuaremos das gravuras será de carácter sucinto, mais “evocativo” que “descritivo”, sendo que apresentamos em anexo a descrição mais pormenorizada das mesmas. Por uma questão unicamente de espaço/ volume do corpo de texto principal, não efectuaremos aqui a descrição das gravuras da Rocha IIB. Esta está contudo descrita em anexo (Anexo B) e, de um modo mais geral também no Quadro 1. A leitura destas descrições deve ser acompanhada do levantamento efectuado para cada rocha, apresentado em anexo (Estampas 20, 21 e 22) para os quais este texto constitui legenda – deve ainda atender-se aos pontos de observação sugeridos para cada área.

A técnica de gravação utilizada para gravar as rochas da estação rupestre de Lapaça consistiu

30 Foi ponderada também a hipótese de aplicar uma quadriculagem sobre os desenhos das rochas que servisse uma mais fácil descrição das gravuras e sua estruturação. Achamos contudo preferível o método entretanto aplicado pois este integra de uma forma mais coerente a interpretação que apresentamos do sítio, servindo de igual modo os fins descritivos.

essencialmente em picotagem (distinguindo-se muitas vezes os negativos do cinzel utilizado, na parte interna das gravuras: circular com um diâmetro de cerca de 5mm.) seguida de abrasão. Alguns sulcos e círculos não parecem ter sido precedidos de picotagem, mas tais casos são raros no conjunto das gravuras da estação. O perfil interno das gravuras é, na grande maioria, em U. Ainda assim ocorre uma ou outra covinha com perfil em V. Em IIA1 ocorre um elevado número de covinhas com fundo aplanado.

- Rocha I

Foram definidas nesta rocha duas áreas principais, segundo um critério essencialmente gráfico e imagético: a Área I1 essencialmente gravada com covinhas; e a Área I2 apresentando motivos mais complexos, com base em combinações circulares unidas por sulcos. Há contudo também uma distinção natural entre estas duas áreas, materializada por uma relativamente grande linha de fractura. (ver estampa 20).

Área I1

Trata-se de uma área predominantemente gravada com covinhas simples, dispersas, mas às vezes sugerindo um arranjo em quadrado, de cinco ou quatro covinhas (Estampa 9). Destaca-se ainda um círculo com covinha concêntrica, uma gravura sub-rectangular eventualmente enquadrável no tipo “podomorfo” e algumas covinhas ligadas, duas das quais segundo o tipo tradicionalmente designado como “alteriforme”.

Área I2

As gravuras da Área I2 partem de uma pequena região ainda do topo aplanado da Rocha I, abrindo-se em leque (conformado aos limites da rocha) para os lados Sudeste, Sul e Sudoeste.

Embora consideremos haver uma relação gráfica e imagética entre as gravuras que incluímos nesta Área I2, optamos por a subdividir em três subáreas, I2a, I2b e I2c. Na verdade não é possível observar com a luz solar (durante o dia) estas três subáreas nem em simultâneo, nem a partir do mesmo ponto de observação, pelo que a sua visualização requiere o movimento do corpo em torno da rocha. A subárea I2a ocupa ainda parte do topo horizontalizado da rocha, embora se inicie já nela a inclinação para Sudoeste no sentido da subárea I2c. Trata-se de uma região de difícil observação a partir de um único ponto exterior ao

afloramento³¹. Será possível a sua mais fácil observação a partir do lado Norte da rocha, mas tal significaria uma percepção aparentemente desintegrada da grande maioria das demais gravuras. Consideramos o topo Leste da rocha aquele a partir do qual se percebe um maior número de gravuras desta subárea. Ainda assim, considerámo-la, como será referido mais à frente, como uma região ponto de partida para as demais subáreas, I2b e I2c, pelo que vai sendo parcialmente revelada à medida que nos deslocamos para observação das mesmas. A subárea I2b desenvolve-se para Sudeste e Sul, no sentido da inclinação da superfície da rocha, sendo distinguida da I2c pelos próprios planos da rocha, bem como por não se poderem observar ambos em simultâneo a partir de um mesmo ponto³². Não poderíamos deixar de referir aqui um facto gráfico importante: esta subdivisão entre a Área I2a e I2b, por um lado, e I2c por outro, é sustentada por uma linha de sulco que, partindo da intersecção entre as Subáreas I2a e I2b e prolongando-se³³ pela intersecção de I2c e I2b, marca graficamente a aresta natural definida pela inclinação da rocha para Sudeste e Sul.

Subárea I2a - Esta subárea, densamente gravada, apresenta figuras como: covinhas simples de pequeno a médio tamanho, ligadas (um alteriforme) ou com um pequeno arco concêntrico; sulcos profundos ramificados, longos e lineares; e sulcos mais curtos, com curvaturas ou formando pequenos meandros. Distingue-se ainda um conjunto de gravuras que poderão constituir uma figura antropomorfa interligada a outros desenhos esquemáticos (Estampa 10) – embora sejamos da opinião que a aparente configuração antropomorfa seja apenas casual.

Subárea I2b - Área densamente gravada com figurações essencialmente do tipo círculos com covinha ao centro, na sua grande parte com pequenos apêndices na forma de sulcos mais curtos que partem do interior da covinha. Grande parte destas figuras encontram-se interligadas entre si, incluindo as fracturas naturais da rocha F1, F2 e F3, desenvolvendo-se, no sentido da inclinação da superfície, numa composição em forma de cacho (gravuras 7 a 19) em “queda” pela pendente da rocha. Pelo meio destas figuras podemos ainda assinalar a ocorrência de várias covinhas simples, essencialmente de tamanho médio (Estampa 9C). Destaque ainda para uma gravura constituída por uma covinha da qual parte um sulco que se abre numa espécie de anel de forma trapezoidal, em posição horizontal (20), e para um semicírculo concêntrico de uma covinha e apresentando um sulco entre as suas extremidades (21).

Subárea I2c - Destacam-se sobretudo três grandes covinhas com círculo concêntrico, no seio de sulcos e/ou pequenas covinhas adjacentes (27, 29, 31); bem como uma covinha de tamanho médio

31 Considerando como medida a nossa própria estatura (entre 1,50 e 1,60m), bem como o solo ao nível actual.

32 Seria possível uma observação relativamente simultânea destas duas subáreas a partir de um ponto na direcção da aresta formada pelos dois planos, contudo, pela acção da luz solar, as gravuras não seriam percebidas em boas condições.

33 Na verdade este sulco não se trata de uma linha uniforme e contínua, mas ramifica-se e apresenta mesmo uma descontinuidade. Contudo, visualmente, forma uma composição linear longitudinal bem definida.

concêntrica de dois semicírculos e apresentando um suco radial saído do seu interior (32). Observam-se ainda nesta subárea, várias covinhas simples, essencialmente de pequeno e médio tamanho, sobretudo na metade inferior. Algumas podem sugerir alguns alinhamentos. Destacam-se ainda alguns sulcos, um mais longo que delimita esta área à direita e outros mais pequenos, podendo alguns deles formar algumas figuras esquemáticas, difíceis de nomear.

- Rocha IIA

O enquadramento das superfícies gravadas desta rocha segundo quatro áreas teve em consideração os seguintes aspectos: IIA1 encontra-se no topo aplanado da rocha, fisicamente bem demarcado e definido por linhas de diaclase, ainda que no seu lado mais a Este se funda de uma forma progressiva, no sentido de Este para Sul, com o plano inclinado exterior IIA2. Estas características físicas parecem de resto ter repercursões ao nível dos grafismos, pois a imagética presente nesta área distingue-se com evidência das demais, como se descreverá à frente e mais detalhadamente em anexo. IIA2, apesar de não ser definida por um único plano, as figuras que a compõem formam um todo tão coeso e indistinto que não se justificou sequer a sua divisão em Subáreas. As áreas IIA3 e IIA4 diferenciam-se fisicamente na superfície da rocha, distinguindo-se também uma diferenciação ao nível imagético – IIA4, por exemplo, é uma área que se caracteriza por uma densidade máxima de gravuras que adquirem um relativo carácter meândrico (Estampa 21).

Área IIA1

Trata-se de uma área gravada onde predominam as covinhas, de tamanho variado, podendo-se sugerir alguns possíveis alinhamentos, algumas com apêndices e/ou círculos ou semicírculos. Muitas são de grandes dimensões (das maiores de todo o conjunto desta estação) e sobretudo bastante profundas, muitas delas tendo um fundo perfeitamente aplanado (Estampa 11A). Destacam-se ainda algumas gravuras sub-rectangulares. Referência ainda para uma zona onde se verifica a ocorrência de duas covinhas com círculo e semicírculos concêntricos, que parcialmente se sobrepõem (19) e ainda uma figura composta de duas covinhas unidas inseridas numa espécie de quadrado aberto no topo (21). Nota ainda para um conjunto de sulcos, profundos (22), na zona inferior (Estampa 11).

Área IIA2

Trata-se de uma área definida na sua grande parte por dois planos inclinados convergentes, cujo topo se define por um longo sulco longitudinal, extremamente profundo sobretudo na sua parte superior e a partir do qual se definem, para ambos os lados, sulcos rectilíneos profundos, com algumas ramificações, com uma ligeira inclinação na direcção do topo, mais alto, para a zona mais baixa da rocha, formando deste modo como que um efeito em “espinha”. Pontualmente entre estes sulcos distinguem-se outras gravuras como covinhas, um reticulado, ou ainda uma covinha com um semicírculo concêntrico (Estampa12). Na zona inclinada entre a cavidade subquadrangular e a linha do solo, voltada a sul, observam-se também sulcos mais ou menos paralelos, verticais, seguindo a direcção da inclinação da rocha (6).

Área IIA3

Trata-se de uma área muito pequena, na qual predominam as covinhas simples de médias e pequenas dimensões (pequenas, na sua grande parte). De referir ainda alguns sulcos, alguns ligando covinhas, e três gravuras sub-rectangulares.

Área IIA4

Trata-se de uma área intensamente gravada, com elementos bastante profundos, adquirindo assim um forte carácter de barroquismo. A iconografia resume-se às covinhas simples ou ligadas por sulcos, ou ainda sulcos contendo covinhas. Os sulcos nalguns casos apresentam-se como relativamente lineares, noutros assumem uma feição quase meandrica (Estampa 11C).

- **Rocha IIB**

Consideramos nesta rocha duas áreas principais, IIB1 e IIB2. IIB1 subdividiu-se em duas subáreas, com base quer nos dois planos distintos que a constituem, quer nas gravuras que encontramos em cada um. Contudo a imagética entre o dois interliga-se, formando um todo compositivo que não poderíamos deixar de incluir na mesma área. IIB2 trata-se de uma área caracterizada por uma maior irregularidade da sua superfície, apresentando pequenas zonas gravadas que subdividimos em IIB2a, IIB2b e IIB2c, atendendo quer a um critério de relação imagética, quer à divisão conferida a cada subárea pela própria superfície da rocha. Como já foi referido, não efectuaremos aqui a descrição sucinta das gravuras desta rocha, pelo que a mesma poderá ser vista em anexo (Ver Anexo B e Estampa 22).

2.5.2. Estruturação - Organização na Superfície e na Rocha

- Rocha I

Na Área I1, a zona com gravuras restringe-se à zona desde o limite de topo leste da rocha até à grande fractura FA. Quanto à organização das gravuras na superfície, além desta conformação das mesmas às particularidades naturais da rocha, não há nada de muito significativo a assinalar, a não ser que a maior concentração se dá progressivamente da esquerda para a direita (logo da esquerda para o limite da rocha). Detectam-se alguns agrupamentos de quatro ou cinco covinhas ou ainda alguns possíveis alinhamentos de covinhas, embora não muito evidentes. Para os motivos mais formalizados como 2, 20 ou 21 (sendo que neste se considera como motivo a covinha em conjunto com os dois pequenos sulcos que a ladeiam) não se infere propriamente uma posição especial na superfície da rocha.

Creemos que a maior particularidade na estruturação da Área I1 é a sua relativa uniformidade, pouca variedade de motivos e predominância de covinhas de diâmetro e profundidade similares, média na sua maior parte. Trata-se de uma área imbuída de um carácter estático. Isto é, não parece induzir nenhum tipo de movimento na sua observação e encontra-se de alguma forma circunscrita à superfície que ocupa na rocha - parece haver uma divisão efectiva entre as Áreas I1 e I2, que se serviu da fractura FA para a sua materialização.

Na Área I2 podemos perceber uma lógica no tipo de motivos, sua organização e continuidade ao longo da superfície. Tal facto levou-nos a considerá-la como uma só, apesar de subdividida, segundo os critérios já explicitados.

Na subárea I2a é possível constatar uma organização das figurações segundo duas zonas. Uma primeira, mais à esquerda, chegada à cavidade subquadrangular, é constituída essencialmente por pequenos sulcos, interligados, parecendo circunscrever-se/relacionar-se com a inclinação que essa zona apresenta, no sentido da fractura F3. Alguns destes sulcos poderiam ser mais longos, mas terão sido posteriormente truncados pela abertura da cavidade subquadrangular que interpretamos como sendo uma reutilização posterior da rocha. Observando a zona inferior a essa cavidade, já portanto em I2c, podemos notar dois sulcos que se desenvolveriam então, muito provavelmente, desde I2a - nomeadamente o sulco que se liga à figura 27 de I2c poderia ligar-se (e portanto ser o mesmo) àquele que se desenvolve a partir da figura em anel da subárea I2a (2). A segunda zona da subárea I2a tomamos como sendo a faixa mais à direita, desde o topo, e que abrange o possível antropomorfo bem como os sulcos que se desenvolvem na direcção nordeste-sudeste e se prolongam (embora horizontalmente cortados pela fractura F3) pela subárea I2b até

ao limite da rocha com o solo - ramificando-se, no sentido norte-sul, ao longo de I2b.

Esta subárea I2a parece-nos que de alguma forma se estrutura como ponto de partida (logo como elo de ligação e zona de transição) das gravuras/motivos que se desenvolvem ao longo de toda a área I2³⁴. Desta forma parece-nos uma subárea dotada ainda de um carácter relativamente estático, mas que começa também a induzir o movimento no sentido de I2b e I2c. Com efeito podemos observar na zona mais próxima à grande fractura FA (e portanto na zona ainda consideravelmente aplanada desta subárea I2a) uma extensão gravada essencialmente com covinhas dentro do padrão encontrado na Área I1 conferindo-lhe então o carácter mais estático. Nesta estruturação verifica-se também que o possível antropomorfo ocupa aqui uma posição intermediária entre as diferentes áreas. A questão será: tratar-se-á mesmo esta gravura de um antropomorfo, ou ter-se-á configurado ali de forma casual, através do ramificar dos sulcos? Não nos consideramos capazes de responder a essa questão, pois não foram encontrados paralelos com esta gravura. De qualquer forma a ideia formal desta subárea como zona de transição/elo de ligação entre as diferentes áreas gravadas desta rocha, parece-nos viável.

A zona gravada que definimos como subárea I2b conforma-se com a natureza da própria rocha, desenvolvendo-se portanto não ao longo de toda a superfície inclinada deste lado da rocha, mas, apenas onde a rocha não se encontra alterada (zona de superfície com coloração mais negra e grão mais grosseiro³⁵). As gravuras parecem formar um todo compositivo de combinações circulares interligadas por sulcos, numa configuração de tipo cacho. Este cacho de combinações circulares desenvolve-se segundo uma direcção obliqua, no sentido da inclinação do afloramento e da curvatura mais a Sul, que inclina para a subárea I2c. As fracturas F1, F2 e F3, foram incluídas na composição podendo ter sido (como é notório em F2) prolongadas por sulcos ou integradas em ramificações de sulcos. Aliás a ramificação do sulco que define o limite considerado entre a subárea I2b com I2a e I2c, integra as fracturas verticais referidas e assume-se como estruturante da organização das combinações circulares. Realçando de igual modo a relação das gravuras com os aspectos naturais da rocha e da forma como estes se tornam estruturantes, podemos referir a fissura horizontal F4 que parece configurar alguma diferença numa pequena faixa de transição entre I2b e I2c. Com efeito, a pequena zona acima desta fractura, e entre esta e o grande sulco longitudinal que temos vindo a referir, não se integra no cacho de composições circulares que ocupa a grande parte de I2b, pois parece ser dotada de um carácter mais estático, assumindo a transição entre I2b e I2c. Deste modo, encontramos nesta pequena faixa essencialmente covinhas simples.

34 Daí, como já referimos, a dificuldade em perceber o melhor ponto de observação para I2a. Na verdade, a única forma de realmente observar a totalidade destas gravuras, bem como a forma como se ligam a I2b e I2c, não poderá ser a partir do exterior do afloramento, mas sim numa posição no topo, em cima da superfície do mesmo.

35 Tendo-se observado minuciosamente a superfície de transição entre a zona mais clara e a zona mais negra / alterada, pôde-se inclusivamente constatar, os negativos de tentativas de realizar gravuras que não se tornaram viáveis dado o calibre grosseiro do grão dos minerais e a facilidade com que estes se desagregavam.

A subárea I2c é visualmente dominada por um conjunto de círculos com covinhas concêntricas, de grande dimensão quer relativamente a esta área, quer ao todo das gravuras de Lapaça. Estes círculos possuem uma ou mais covinhas adjacentes de menor dimensão e integram-se com sulcos ora mais curtos, ora mais longos (no caso de 27 e 29). Este conjunto de grandes círculos com covinha concêntrica ocupa a zona central do espaço, evidenciando-se visualmente e parecendo que de alguma forma estrutura as demais gravuras em seu torno.

- Rocha IIA

Esta rocha terá sido a que nos levantou menos problemas em termos de enquadramento de áreas gravadas, quer pelos planos naturais bem definidos do afloramento, quer pelo carácter/estruturação de cada uma das áreas identificadas. Com efeito, IIA1 é uma área que se define segundo o plano levemente inclinado de Oeste para Este, entre duas fracturas naturais, F1 e F2, embora ainda se notem algumas gravuras à direita de F2. Encontramos nesta área também algumas figuras mais complexas ou formalizadas como sendo alguns círculos com covinha concêntrica, ocorrendo num dos casos dois destes círculos agrupados, intersectando-se, parecendo formar uma composição mais estruturada (19, 20 e 21). Com excepção para estes elementos mais estruturados, não se observa nenhuma particular composição nesta área. Trata-se essencialmente de uma dispersão de covinhas de variadas dimensões, preponderando visualmente covinhas e figuras rectangulares de grande profundidade, algumas das quais de fundo aplanado. Parece-nos que, abaixo do sulco 7, a disposição das figuras se estrutura segundo linhas levemente em arco, em torno dos elementos 19 e 20. O que será contudo de realçar, será a covinha 17 que, abrindo-se num sulco para Sul (sulco esse que integra uma pequena fissura natural da rocha), parece constituir um prolongamento, da linha dorsal da área IIA2, que assim se integra imagéticamente em IIA1. De um modo semelhante podemos falar dos sulcos (22) que, uma vez que a superfície da rocha já adquire nessa zona a inclinação que desde aí se desenvolverá para IIA2, prolongam a imagética dos sulcos rectilíneos dos planos inclinados de IIA2. Podemos então dizer que as gravuras nesta zona de IIA1 se organizam por forma a materializar gráfica e volumetricamente o entroncar de IIA2, fundindo estas duas superfícies.

IIA2 trata-se talvez do conjunto de gravuras mais estruturado desta estação rupestre. Isto no sentido de que todas as figuras nelas gravadas se organizam por forma a constituírem visualmente um grande motivo que ocupa toda a superfície desta área. Trata-se então de uma área caracterizada por dois planos inclinados, divergentes a partir de uma aresta mais elevada, gravados segundo uma composição altamente estruturada que define, ao topo, um sulco profundo e de volumetria enfatizada, que se prolonga longitudinalmente materializando a aresta dorsal entre os dois planos inclinados. A partir desta aresta definem-se em direcções opostas, segundo a inclinação dos dois planos, um conjunto de sulcos de tendência essencialmente linear,

que em conjunto com a linha dorsal cria um efeito de espinha – como que sugerindo uma animalização da rocha, pois o efeito criado assemelha-se em certa medida ao dorso de um animal com pêlo (Estampa 12).

Entre IIA2 e as áreas IIA3 e IIA4 não parece existir relação formalizada. Aliás há uma pequena bacia central da rocha que não se encontra gravada e que se constitui como um pequeno vazio entre IIA2 e as referidas áreas. IIA3 não é um área de grande impacto visual no conjunto. Define-se segundo uma pequena área naturalmente sugerida pela superfície da rocha e as suas figuras constam essencialmente de covinhas de pequena e média dimensão que não parecem ser estruturadas de algum modo específico.

O conjunto de gravuras da área IIA4 parece confinar a sua estruturação de um modo bem definido à superfície que ocupa na rocha. Trata-se de uma superfície sub-rectangular, levemente inclinada, de cor clara e grão relativamente fino. Trata-se talvez da área mais densamente gravada deste sítio, parecendo que as figuras se enleiam uma nas outras, sendo impossível considerá-las separadamente. Podemos ainda assim notar que as gravuras parecem desenvolver-se em torno de uma área sub-rectangular central, ou mesmo ovalada, que se destaca sobretudo quando o sol se encontra na posição mais favorável à observação desta área, o que à época do ano em que se efectuou a observação das condições de iluminação, acontece sobretudo entre as 18 e as 20 horas (ver Anexo C - Quadro2). Há inclusivamente uma certa simetria segundo um eixo vertical central nesta figura, que possui uma forma que pode fazer inclusivamente lembrar uma estela (Estampa 11-C).

- **Rocha IIB**

As gravuras da área IIB1 encontram-se estruturadas de uma forma bem definida segundo a superfície da rocha. Deste modo, a área aplanada do topo, IIB1a, encontra-se gravada por uma dispersão de covinhas de pequena e média dimensão que não parecem definir nenhum motivo mais estruturado. O plano inclinado/côncavo de IIB1b vê a inclinação da sua superfície realçada por sulcos que se definem na direcção da mesma. Na zona mais a Norte desta área, além de F1, a transição da horizontalidade do topo, para o plano inclinado é realçada pelo arranque dos sulcos a partir de covinhas ao longo do limite de IIB1a. Na zona mais a Sul, mais próxima do ponto de observação sugerido, essa transição é materializada por um sulco logitudinal (Estampa 13 - A). Os sulcos desta zona de IIB1b não possuem, na sua grande parte, o carácter tão rectilíneo dos que ocorrem acima de F1. Na verdade, por entre sulcos mais rectilíneos como 30, 32, 34 ou 36, observam-se outros mais curtos, ondulados e até horizontais que parecem configurar um zona mais reticulada, onde ocorrem também algumas covinhas e círculos. Podemos encontrar aqui alguma semelhança com o plano inclinado interior de IIA2.

IIB2 caracteriza-se essencialmente pela estruturação das gravuras segundo pequenas superfícies,

mais irregulares que a maior parte das demais descritas nesta estação. Notamos sobretudo que há, apesar da maior irregularidade e logo planos menos bem definidos, uma tendência a predominarem covinhas nas zonas mais tendencialmente aplanadas/ horizontais/ levemente convexas. Por outro lado, onde se notam planos com uma inclinação melhor definida, predominam os sulcos no sentido da inclinação, ou sulcos mais curtos, com algumas combinações circulares, mas também definidos segundo o plano inclinado. Em IIB2b podemos observar um sulco realçando uma leve dorsal (10).

- **Considerações acerca do conjunto, em geral.**

Acerca da organização geral das gravuras nas rochas, podemos dizer que se observam essencialmente superfícies de topo, aplanadas e mais horizontais gravadas essencialmente com covinhas simples. Tratam-se portanto de áreas dotadas de um carácter mais estático e cuja expressão visual, segundo as condições de visualização proporcionadas pela luz solar, se mantém mais constante ao longo do dia. O planos mais marcadamente inclinados aparecem gravados essencialmente com sulcos que se desenvolvem precisamente no sentido dessa inclinação. No caso da Rocha I, a inclinação dos planos é realçada sobretudo com combinações formalizadas de figuras circulares, mas que se estruturam ao longo de sulcos que as conduzem em cacho, também segundo a volumetria da rocha. Tratam-se portanto estas, de áreas dotadas de um vincado carácter de movimento: movimento na superfície da rocha; movimento induzido pelo do jogo luz/ sombra; e o movimento do nosso corpo em torno das superfícies. De destacar ainda, sobretudo em IIB2, as pequenas superfícies que se poderão considerar híbridas. Ou seja, não se definindo de uma forma tão demarcada os planos horizontais e inclinados, verificamos que as pequenas horizontalidades e as pequenas inclinações/côncavidades/convexidades, parecem induzir a predominância ora de covinhas, ora de sulcos.

2.5.3. Acerca da Estratigrafia Interna - Hipóteses Interpretativas

Em primeiro lugar deve-se referir neste ponto que não se regista a ocorrência de um notável número de sobreposição de gravuras nas rochas da Estação Rupestre de Lapaça – Senhora da Ribeira. As que ocorrem são sobretudo covinhas às quais se sobrepõem sulcos sob duas formas: unindo-as mas não as apagando completamente (sulcos menos profundos que as covinhas); ou sobrepondo-se quase completamente a estas, integrando-as e disfarçando-as, de forma a que actualmente estas só se percebem (em alguns casos melhor, noutros casos pior) como concavidades no fundo dos sulcos, ou como arredondamentos nos seus perfis laterais de tendência rectilínea. Como exemplos do primeiro caso temos, entre outros, alguns sulcos da área IIA4. Como exemplos dos segundo caso temos algumas concavidades ao longo da dorsal de IIA2 ou em alguns dos sulcos de IIB1. Também o sulco 7 de IIA1 evidencia ter sido gravado por abrasão sobre um alinhamento de algumas covinhas. Verificamos também que algumas das figuras rectangulares descritas

revelam a integração de uma ou duas covinhas prévias, no seu interior, como no caso da figura 12 ou da 14 em IIA1.

Da análise dos aspectos formais já descritos nos pontos anteriores (ver também Anexos A e B) e da estratigrafia interna das áreas gravadas resultam então impressões que nos levam a colocar duas hipóteses gerais para este sítio:

1- A existência de um plano prévio, materializado sobre as rochas na forma de covinhas como marcadores (podendo nesta ideia incluírem-se as covinhas como “técnica de gravação”).

2 – O desenho tal qual se apresenta hoje foi concebido em duas fases (pelo menos), traduzindo duas concepções diferentes, sendo que a segunda transforma totalmente a primeira.

A primeira hipótese baseia-se na relação que se pode estabelecer entre as sobreposições identificadas e a existência nas superfícies da rocha de pequenas marcas de picotado ou de pequenas covinhas não aprofundadas, incompletas, sobretudo em áreas menos densamente gravadas. Poderiam estes constituir marcas (guias) para o processo de gravação que, nesse caso, não teria ficado concluído ou teria sido abandonado. Um dos melhores exemplos que poderiam sustentar esta ideia encontra-se na Rocha IIA, área IIA1, à direita da fractura F2³⁶. Outro argumento pode ainda constituir-se ao considerar os exemplos de covinhas sobre as quais se gravou um sulco que as une. Ao considerar o momento em que estas existiram pré-sulco, então as covinhas configuravam já motivos lineares que se poderiam preconizar como futuros sulcos, antevendo portanto a intenção. Podemos também referir de resto, que uma maior parte das linhas e sulcos se definem a partir de uma covinha inicial ao topo, que muitas vezes é disfarçada pela gravação do sulco, outras vezes é intencionalmente mantida configurando uma espécie de cabeça do sulco, o que terá levado alguns autores a interpretá-los como serpentiformes (FREITAS, 2001). Neste sentido podemos interpretar essa covinha inicial como marcadora dos subsequentes sulcos.

É referida também na bibliografia a gravação de covinhas por picotagem como técnica de gravação de sulcos que, nesse caso, se obteriam por um processo de abrasão sobre as mesmas. Encontramos de facto sulcos obtidos, ou aprofundados por abrasão sobre covinhas. Tal facto nota-se especialmente nos sulcos longos e rectilíneos da Área IIA2 da Rocha IIA.

No que se refere à segunda hipótese, ela baseia-se no facto de, em algumas zonas gravadas, aparecerem covinhas isoladas que parecem não se integrar no que se supunha como plano, ou seja, segundo a estruturação principal das gravuras. Temos como exemplo, algumas covinhas da Área IIA2 da Rocha IIA. Além disso verificam-se variações entre os motivos, quer ao nível da tipologia, quer ao nível de

36 Tratando-se de uma pequena zona sem grandes gravuras, encontram-se vários destes picotados, ou minúsculas covinhas. Estariam associados a uma intenção de prolongar as gravuras para ali?

profundidade, diâmetro e organização, que podem apontar para concepções distintas do sítio. Uma primeira essencialmente ou exclusivamente constituída por covinhas, e uma segunda na qual se levou a cabo uma barroquização das rochas, acentuando-se a sua volumetria e introduzindo-se novos elementos/ motivos.

Não se pode também descartar a possibilidade de uma combinação entre as duas hipóteses sugeridas. Estas hipóteses surgiram de uma forma mais estruturada já aquando da organização do trabalho de gabinete. Consideramos que em futuros momentos de trabalho de campo, especialmente dedicado ao apuramento destes pormenores, poderão ser reveladores quanto à pertinência de cada uma destas possibilidades, ou sugerir outras interpretações. Deste modo, as hipóteses que adiantámos são ainda hipóteses preliminares que teremos de aprofundar com novas observações no local.

3. A Organização de um Discurso

“We need to balance the “spirit” of traditional science
with the more flexible “spirit” of art.”

Vítor Oliveira Jorge³⁷

3.1. Entre a Gravura e a Escultura

É nossa intenção neste ponto dar ênfase a algo que consideramos ser um aspecto profundamente característico das rochas gravadas de Lapaça e que as torna de certa forma ímpares na região. Referimo-nos ao seu aspecto escultórico, à forma como as gravuras se encontram em diálogo com a forma/ volumetria natural dos afloramentos. Podemos mesmo dizer que as gravuras estão para os afloramentos assim como os afloramentos estão para as gravuras, numa relação orgânica, num corpo indissociável.

Com efeito, e com especial evidência nas rochas IIA e IIB, parece estar subjacente um plano primordial de organização do processo de gravar as superfícies: o próprio afloramento. Por exemplo em IIA observam-se dois planos inclinados, convergentes, cuja linha dorsal foi realçada por um sulco longitudinal, a partir do qual, no sentido da inclinação se cada plano se desenvolvem linhas, criando um efeito em espinha (ver ponto 2.5.1, Anexo B e Estampa 12). Parece-nos portanto evidente que a escolha e organização das gravuras nesta área ocorre no sentido de enfatizar a forma volumétrica naturalmente sugerida pela superfície da rocha - planos convergentes e linha de topo. Ainda de notar neste caso é a transição da zona mais aplanada no topo, ou seja, da área IIA1 para IIA2, que adquirindo já uma inclinação a Este, onde se funde paulatinamente no plano inclinado exterior de IIA2, vê o carácter das suas gravuras alterarem-se no sentido da imagética desta área (Estampa 11B). De modo semelhante, verificamos em IIB que a aresta natural entre um plano horizontal e uma superfície inclinada, ligeiramente côncava, é destacada por meio de gravuras (ver ponto 2.5.1 e anexo B). Do mesmo modo observam-se na superfície inclinada gravuras essencialmente lineares no sentido da inclinação do plano. Na superfície horizontal predominam as covinhas simples (Estampa 13). Alguns pontos da aresta entre estes dois planos estão, como já vimos, destacados por covinhas das quais se desenvolve um sulco para a área inclinada/ côncava. Temos neste caso uma associação de gravuras que define um motivo que incorpora a relação entre horizontalidade e inclinação. Podemos ainda referir que na área IIB2 de IIB, cujas superfícies são relativamente mais irregulares, pequenas e acidentadas, observa-se um aparente “hibridismo” relativamente à estruturação definida pelos planos horizontais e inclinados, ou seja, observam-se covinhas simples por entre sulcos mais curtos (outros que se alongam quando a superfície assim o permite), alguns de carácter relativamente meândrico, ou alguns semicírculos e

37 JORGE, 2007, p. 274

apêndices. Estas áreas parecem aproximar-se mais do que se observa nas superfícies convexas/ inclinadas da Rocha I: grande “barroquismo” e motivos mais “complexos”. Nesta mesma Rocha I ocorre, à semelhança das anteriores, uma predominância de covinhas na área mais horizontal ao topo, que é assim dotada de um carácter, segundo a nossa interpretação, mais estático. Nesta rocha, podemos ainda observar um sulco que materializa graficamente a aresta entre as Subáreas I2a/ I2c e a Subárea I2c inclinada para Sudeste e Sul. A ramificação deste sulco abrindo em leque, parece também enfatizar o ângulo arredondado entre as superfícies voltadas a Sul e Sudoeste.

Importa ainda salientar a relação, evidente por todo o conjunto que actualmente constitui a estação de arte rupestre de Lampaça, entre sulcos e fissuras naturais da rocha, parecendo na maior parte das vezes que se fundem – muitos sulcos se definem a partir de fissuras pré-existentes, bem como muitas fissuras se prolongam em sulcos.

Tomando os exemplos que referimos³⁸ podemos pensar que, tal como o escultor que tem uma ideia/ plano do volume e forma do objecto que está a criar, incorporado no seu gesto técnico; o volume e a forma original das rochas parece ter sido incorporado de modo semelhante no gesto de as gravar.

Contudo, o conceito de escultura aplicado às rochas gravadas de Lampaça não fica confinado à organização interna das suas gravuras enfatizando a sua volumetria original. Considerando o conceito mais clássico de escultura, ou de esculpir, verifica-se que a principal técnica para obter uma forma ocorre por redução (ou subtracção) de um corpo sólido de “matéria-prima”. Observando os afloramentos tão profusamente gravados e a profundidade de uma grande parte das gravuras facilmente encontramos semelhanças, quer no processo, quer no resultado final, com a escultura e a técnica de esculpir.

De qualquer forma, julgamos que os principais aspectos intrínsecos à escultura são a sua forma tridimensional e o espaço. Para ser totalmente incorporada, a escultura deverá ser passível de rotação ou o observador deverá mover-se em torno dela – relacionando-se com a sua dinâmica e entidade mutável. É pois, precisamente na acessão da escultura à tridimensionalidade da forma e espaço (ocupando-o, relacionando-se com ele e influenciando a relação com ele) que julgamos estar o principal fundamento da comparação das rochas gravadas de Lampaça com uma forma escultórica. Nesse jogo tornamo-nos conscientes do ambiente, do nosso espaço dentro dele e da nossa ligação e relação com ele³⁹.

38 Poderíamos até ser mais exaustivos, mas tornar-se-ia redundante, pois ao longo das descrições das gravuras noutros pontos deste trabalho estão patentes constantes exemplos da relação volumetria – superfície – gravuras, que na verdade, cremos, constituem um corpo indissociável.

39 Resta contudo clarificar que o que entendemos como carácter escultórico da estação de arte rupestre de Lampaça não implica que a estamos a imbuir de um status clássico de objecto de arte.

3.2. Dinâmica de Visualização segundo a Luz Solar

Após muitos dias realizando trabalho de campo não poderíamos ignorar o movimento que a trajetória diária do sol induz nas áreas gravadas. De facto, a luz do sol é responsável pelo que podemos distinguir ou não nos afloramentos gravados, num determinado momento do dia. Este facto será mais ou menos óbvio para a arte de ar livre em geral; contudo, no caso de Lampaça, e de acordo com os dados disponíveis de momento, acreditamos que esta característica assume uma vincada importância, pelo que propomos assim uma lógica de visualização solar e uma hipótese de frequência cerimonial diurna para este sítio. Tal lógica é a que, com efeito, melhor se coaduna com os dados possíveis de obter com este ainda incipiente estudo, permitindo-nos inclusivamente sugerir possíveis movimentações em torno das áreas gravadas ao longo do dia solar. Estaremos com certeza conscientes de que esta hipótese de relação do sítio com o movimento do sol se tornaria despropositada se em alguma altura as rochas pudessem ter estado cobertas ou rodeadas por algum tipo de estrutura, ou mesmo de vegetação de grande porte. Os dados de escavação são por nós considerados essenciais e, também neste caso, poderiam vir a fornecer importantes pistas. Por outro lado, nada invalida que, com recurso a luz artificial, se pudessem criar durante a noite os mais diferentes cenários/movimentos, em torno destas rochas⁴⁰. Ainda assim, consideramos importante o estudo fenomenológico da dinâmica interna do sítio em relação a uma lógica de visualização solar, sobretudo se tivermos em conta o tempo ao longo do qual as rochas gravadas ali se encontram. Tempo suficiente para múltiplas formas e mudanças no modo de o perceber e lhe atribuir significado ou importância, em relação com a luz solar ou não. Contudo, tal como encontramos a estação actualmente, e sem dados de escavação que nos possam contrariar, não podemos ignorar que é a luz do sol que ao longo do dia joga com as áreas gravadas, num movimento que hora a hora recria um espaço diferente e vivo.

Este apontamento levanta uma outra questão: a do estado do tempo. A pertinência destas considerações relativamente à relação das gravuras com a luz torna-se ainda mais sustentada se pensarmos nas descrições da paisagem/ ambiente em que se insere um sítio arqueológico e que são comumente aceites, praticadas e entendidas como necessárias à contextualização de um sítio. Pois então, como se pode descrever, por vezes exaustivamente, uma paisagem sem ter em conta as condições meteorológicas? Qual é a relação ou a diferença entre apreender a paisagem e apreender o estado do tempo? Não é o estado do tempo parte da paisagem? (INGOLD, 2005,p.101). Diz Ingold no seu artigo “The eye of the storm: visual perception and the weather” (INGOLD, 2005): “...light is fundamentally an experience of being in the world that is ontologically prior to the sight of things. (...) we do see in light. I link the relation between landscape and weather to that between surfaces and medium⁴¹. Since weather, as a phenomenon of the medium, is an

40 Realizou-se uma visita nocturna ao sítio para verificar as condições de visualização com lua cheia. Pareceu-nos contudo que não seria possível ter uma percepção significativa das gravuras nessas condições, sem recurso a luz artificial.

41 Referência à divisão tripartida do mundo habitado, de James Gibson: meio, substâncias e superfícies

experience of light, to see in the light is to see in the weather. In the canons of western thought, however, the surfaces of the landscape are identified with the limits of materiality. (...) Thus while the landscape appears to be real, the weather can only be imagined. (...) I show that in the perception of the weather-world, earth and sky are not opposed as real to immaterial(..)"(INGOLD, 2005,p.97); ao que acrescenta ainda Ingold nas suas conclusões: "Sensed as the generative current of a world-in-formation, weather engulfs landscape, as the sight of things is overwhelmed by the experience of light." (INGOLD, 2005,p.103)

Parece-nos deste modo que, na integração de um sítio na paisagem, estará implícita a relação do mesmo com a luz e se "weather is an experience of light", então "to see in the light is to see in the weather" (INGOLD, 2005,p.102). E se por um lado não podemos assumir que as variações do estado do tempo nos fazem ver coisas diferentes, sabemos pelas nossas vivências que nos fazem ver as coisas de um modo diferente. Com efeito, estivemos em campo em dias invernis e chuvosos, podendo assim observar que os jogos luz/ sombra ficavam bastante comprometidos nessas condições e tornavam difícil a percepção das gravuras de acordo com o que consideramos ser a sua máxima expressão. A diferença no modo de ver/ estar na estação rupestre de Lapaça em certas horas de um dia limpo ou de um dia mais cinzento é a diferença entre um sítio vivo e um sítio adormecido; ou entre um sítio em repouso e um sítio em movimento. Já várias vezes ao longo deste trabalho nos temos referido à ideia de movimento. Com efeito, se as gravuras de Lapaça (com alguma excepção para as áreas mais aplanadas e gravadas sobretudo com covinhas simples, de carácter mais estático) induzem movimento na sua articulação com as superfícies das rochas, podemos neste momento sugerir que a luz é a medida desse movimento.

Na verdade, pela relativamente grande profundidade da maior parte das gravuras o contraste luz-sombra, definido pela intensidade e ângulo de incidência da luz, é bastante potenciado, conferindo, como já referimos, um inegável efeito escultórico que adquire grande importância ao considerar padrões de visibilidade/ percepção das gravuras. Inspirados por este facto, procedeu-se a uma cuidada observação de como a luz solar induz a nossa percepção do sítio, hora após hora, prestando atenção às áreas gravadas que melhor se podem observar a cada momento e ao que se observa em simultâneo, tentando estabelecer relações ou perceber movimentos induzidos em torno das rochas (Quadro2).

A primeira observação relevante foi a de que as áreas gravadas dos afloramentos graníticos são voltados de Este para Sudoeste, o que coincide mais ou menos com a trajectória solar de Este para Oeste. De acordo com as observações realizadas a 1 de Julho de 2006, as primeiras áreas a serem visíveis, ao nascer do sol, são as áreas aplanadas do topo da Rocha IIA e da Rocha I, imediatamente seguidas das zonas voltadas a Sudeste e Sul da mesma rocha. Estas áreas são visualizadas em condições óptimas por volta das 8h da manhã. Após as primeiras horas da manhã, as condições de visualização diminuem, sendo

que quando o sol atinge as posições mais altas, entre as 13h e as 15h, é praticamente impossível distinguir as gravuras. Por volta das 17h ocorrem condições ótimas de visualização sequencialmente desde as zonas voltadas a Sudoeste da Rocha I e das voltadas a Sudeste, Sul e Sudoeste da Rocha IIA até às áreas gravadas de IIB. Por volta das 18h temos o momento de melhor visualização do conjunto de arte rupestre pois é o momento em que se observa o maior número de gravuras em melhores condições – percepção das formas, profundidades e composições – e em que a volumetria se torna exacerbada, parecendo que as rochas emergem do solo com o máximo esplendor do seu barroquismo.

Baseados nestes dados podemos sugerir, de acordo com a luz solar, um movimento desde o topo das Rochas IIA e I, rodeando a Rocha I pelo lado Este e Sudeste, passando mais tarde pelas gravuras voltadas a Sul/ Sudoeste das Rochas I e IIA e por fim pela Rocha IIB. Cremos contudo que esta é uma versão ainda bastante simplificada das relações que se poderão estabelecer, nomeadamente entre as áreas que melhor se observam em simultâneo. No entanto fica aqui o apontamento preliminar, passível de ser revisto no âmbito da continuidade da investigação, realizando nomeadamente mais registos de visualização em diferentes alturas do ano.

3.3. Acerca da Localização

A Estação de Arte Rupestre de Lampaça não se encontra localizada no topo da colina da Senhora da Ribeira, mas sim a meia encosta, no lado Sudoeste da colina. Os afloramentos não ocupam nenhum local proeminente da colina. Da forma como se encontra hoje, e sem mais nenhum dispositivo cénico ou arquitectónico que assinalasse a sua presença, apenas as pessoas que conhecessem a sua existência encontrariam facilmente o sítio: os afloramentos não são visíveis de muito longe além do que se podem tornar difíceis de identificar a certa distância por entre os demais afloramentos que abundam na área da colina. Contudo, uma vez conhecendo (aprendendo) a localização do sítio, o acesso ao mesmo é relativamente fácil.

A partir do topo da Senhora da Ribeira é possível ter uma ampla visão panorâmica (de 360°). No entanto, a partir do sítio de implantação dos afloramentos gravados é apenas possível ter um domínio relativo da parte superior do pequeno vale para o qual o conjunto das rochas se encontra voltado (no fundo do qual corre uma linha de água para o rio Rabaçal) e das colinas em torno. Em dias de céu limpo é possível avistar para Sudoeste a Serra de Passos/ Sta. Comba (Anexo E – Estampa 15), um importante marcador de território sobre uma grande região e onde se encontra um vasto complexo de abrigos na rocha, grutas e painéis pintados (SANCHES et al., 1998, pp.85-104), de entre os quais, os mais conhecidos, o Buraco da Pala e Abrigo 3 do Regato das Bouças (SANCHES, 2002).

Acreditamos que o vale para onde o conjunto das rochas gravadas se encontra voltado pudesse ser uma via de acesso ao plateau a Oeste da Sra. da Ribeira, a partir do rio Rabaçal, uma vez que a montante e a juzante desta abertura sobre o vale do rio, este corre em leito encaixado. Deste modo pode ser sugerida uma possível relação entre a Estação de Arte Rupestre de Lampaça e o acesso ao vale do Rabaçal que poderia ser importante quer como corredor de passagem ao longo do território, que como importante fonte de recursos (Anexo D – Estampas 1, 2 e 3). Além do acesso mais fácil do e para o Rabaçal, o vale ao topo do qual se localiza a colina, e por onde corre a Ribeira do Fundilho, poderia ter adquirido importância na subsistência das comunidades humanas devido às terras mais férteis e irrigadas, lameiros ou zonas de pastagem, que poderiam constituir importantes recursos, nomeadamente na época mais quente, por uma maior acumulação de humidade (Anexo E - Estampas 6 e 7). Este tipo de localização parece de resto ser habitual, como muitos autores têm vindo a sugerir, para muitas estações de arte rupestre (BRADLEY et al.,1996,pp.103-110) (BRADLEY, 2000, 64-74) (BRADLEY, 1997). Tem com efeito vindo a ser fundamentada uma possível relação entre os sítios de arte rupestre e o aproveitamento de recursos/ formas de apropriação do espaço/ linhas de trânsito ou movimento através do terreno (BRADLEY et al.,1994; CONCHEIRO COELLO et.al, 1994). Estas relações, a existirem, determinariam a existência de um código bem definido de localização das rochas gravadas, o que tornaria portanto a sua localização de alguma forma previsível em zonas de recursos particulares. Há igualmente indícios de que, pelo menos em certos casos, zonas de maiores contrastes em termos de aproveitamento de recursos, ou zonas relacionadas sobretudo com um aproveitamento sazonal desses recursos, poderiam relacionar-se com manifestações de arte rupestre de carácter mais vincado e com atributos formais eventualmente mais complexos. (BRADLEY et al.,1994, p.160-161), sugerindo portanto diferenças estruturadas na distribuição dos distintos motivos, nomeadamente no que se refere à localização de rochas gravadas exclusivamente com covinhas e rochas com motivos mais complexos, abstractos ou subnaturalistas (CONCHEIRO COELLO et.al, 1994). Relações deste tipo, não nos parecem contudo poder ser aplicadas segundo uma fórmula transversal. Cremos que podem sim ser significativas à escala do estudo local, sistemático e integrado de cada região. No caso da estação em estudo neste trabalho, interessaria portanto levar a cabo uma análise em termos semelhantes aos propostos pelos autores que se têm vindo a referir, na região mais próxima à estação, integrando as demais estações arqueológicas e a sua localização na paisagem.

O local onde o rio Mente desagua no rio Rabaçal (Anexo E - Estampa 6), a Nordeste da Senhora da Ribeira, pode ainda ter sido em algum momento imbuído de significado no âmbito das cosmogonias locais e ao qual se poderia aceder via vale da Ribeira do Fundilho e, no troço restante, ao longo do Rabaçal. Com efeito, num ressalto do afloramento granítico, formando um pequeno promontório sobre este local de união destes dois rios, encontra-se um outro sítio de arte rupestre, conhecido como Lombinho das Cruzes, cujas

gravuras consistem em covinhas e figuras cruciformes.

3.4. A Questão Cronológica: Problematização

Tal como já foi referido nos objectivos do presente trabalho, não será nossa intenção debater profundamente a questão cronológica relativa à estação rupestre de Lampaça – Senhora da Ribeira. Com efeito cremos que tal não é o âmbito deste trabalho pois um debate mais profundo sobre esta questão deverá dispôr de mais dados (que implicam, nomeadamente, a continuidade dos trabalhos de campo). Deste modo, será este ponto essencialmente uma problematização em torno da questão, na qual, juntamente com as ideias que nos parece pertinente desde já avançar, se levantarão possíveis linhas orientadoras de um trabalho mais profundo que esperamos futuramente poder realizar, ou que por outros possa ser realizado, uma vez que nos parece ser este sítio de fulcral interesse para o entendimento da arte rupestre do norte de Portugal. Não nos parece, ainda assim, suscitar grande dúvida de que estamos perante uma manifestação de arte Pré-Histórica, ainda que o sítio possa ter sido reutilizado sucessivamente ao longo do tempo, como afinal se torna evidente pelas cavidades sub-rectangulares das Rochas I e IIA.

Assumimos desde já que vemos nas rochas gravadas de Lampaça uma afinidade com a tradicionalmente chamada arte galaico-portuguesa, de cariz atlântico/ litoral, e geralmente associada ao noroeste da Península Ibérica.

Não entendemos contudo esta afinidade no sentido restrito do conceito da arte galego-atlântica de Lorenzo-Ruza, repescado e mais desenvolvido por António Martinho Baptista (BAPTISTA, 1983). Susana Oliveira Jorge (JORGE, 1986) levanta a questão se “(...)para além de um “ar de família” evidente entre muitas composições referidas (pela semelhança da técnica, temática e organização de grande parte dos motivos no espaço operativo das rochas) não haverá que distinguir variantes para uma eventual variabilidade temática, estilística e cronológica?”(JORGE, 1986,p.946). Concordamos com a ideia de que sim. Mais ainda, acrescentamos à ideia da variabilidade temática, estilística e cronológica, possíveis variações ao nível dos sítios de impantação (BRADLEY et al.,1996), da relação com outras correntes estilísticas, da relação ou vínculo com outras estações de índole funerária ou habitacional e da dinâmica interna de cada sítio, ou grupo de sítios.

Analizando quatro das estações mais paradigmáticas da dita Arte Galaica⁴² no norte de Portugal, como sendo Monte de Fortes (Taião), Tapada de Ozão e Monte da Lage, no concelho de Valença (CUNHA,1980) e a Bouça do Colado, no concelho de Ponte da Barca (BAPTISTA,1983), Susana Oliveira Jorge verificou existir entre elas um grande polimorfismo temático e organizativo (JORGE, 1986,p.947) que

⁴² Usaremos daqui para diante (unicamente por razões práticas e porque não está no âmbito principal deste trabalho discutir a “nomenclatura”) o termo Arte Galaica, por ser talvez o de uso mais generalizado de entre os termos usados para designar este estilo associado ao Noroeste da Península Ibérica (Arte Galego-Atlântica, Arte Atlântica, Arte Galaico-Portuguesa, Petroglifos, etc).

poderá ser interpretado não só em termos de uma eventual amplitude cronológica, como da existência de correntes culturais paralelas (JORGE, 1986,p.950), facto que de resto se tem vindo a comprovar em estudos mais recentes (BRADLEY et al.,1996). Mesmo considerando apenas o núcleo mais clássico da arte Galaica (como sendo a província de Pontevedra), assumir um carácter de uniformidade para as diferentes estações desta área geográfica será fechar os olhos a uma variabilidade e riqueza de polimorfismo, como bem salienta Vitor Oliveira Jorge, analisando o corpus das gravuras desta região: “Qualquer que seja a significação destas variações, a “mensagem” gráfica transmitida é completamente diferente de uns casos para os outros.” (JORGE, 1990,p.330). Com efeito, o entendimento estrito do grupo galaico de arte rupestre fechou ou circunscreveu o seu estudo, traduzindo-se este fechamento numa desvalorização das interações com outras expressões artísticas pós-paleolíticas (BRADLEY et al.,1996)⁴³, bem como na ausência de enfoque sobre eventuais correntes de tradição local. Verifica-se também, à medida que novos registos vão aparecendo, um consecutivo alargamento da área clássica de manifestação de arte galaica até zonas mais meridionais e orientais, como Lamelas – Ribeira de Pena (inf. De M. J. Sanches) e como será o caso de Lapaça. Em simultâneo, estes modos de organizar graficamente as gravuras “cruzam-se” especialmente, particularmente em Trás-Os-Montes com manifestações de arte esquemática nomeadamente em abrigos (SANCHES, 2002), que evidenciam um avanço até ao noroeste de um universo simbólico bem documentado no sul e interior peninsular. Estas relações suprarregionais que se tornam evidentes ao longo do IVº e IIIº milénios traduzem-se também de resto ao nível das cerâmicas estudadas em estações transmontanas (SANCHES, 1992, 1997) e na zona de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (JORGE, 1986). Parece portanto que ao longo de uma faixa desde o baixo Minho ao limite de Ourense e incluindo o ocidente transmontano poderemos estar perante uma dinâmica de interacção entre as manifestações do tipo galaico-português e do tipo esquemático, como sugerem Richard Bradley e Ramón Fabregas Valcarce (BRADLEY et al.,1996), tendo coexistido lado a lado durante o Calcolítico e o Bronze Inicial (BRADLEY, 2000,p.74). Esta interacção explicaria algumas características particulares das estações ao longo destas áreas ditas mais periféricas, quer no que diz respeito aos aspectos formais e estilísticos, quer no que diz respeito à localização. Será portanto este polimorfismo o aspecto mais característico da arte do norte de Portugal, pelo que os grupos estritos ao nível estilístico e cronológico, definidos por António Martinho Baptista não se enquadram na problemática actual dos estudos de arte, em particular, e da ocupação deste território, em geral.

No que refere às figuras presentes na Estação de Arte Rupestre de Lapaça, podemos assumir que se enquadram nas tipologias descritas para a arte galaica. Estas tipologias indicam gravuras com um carácter predominantemente abstracto, constando essencialmente de círculos simples ou concêntricos

43 Este carácter (r)estrito da arte Galaica não está tampouco completamente dissolvido do pensamento corrente da investigação, pois encontramos ainda essa ideia em trabalhos recentes, sobretudo em obras de carácter mais generalista, ou de compilação tipo manual, como no caso do “Manual de Arte Prehistórico”, onde se lê relativamente à Arte Galaica: “...un conjunto de grabados muy uniformes en quanto a técnica, estilo, temática e localização geográfica.” (LUIS, 2001, p.505)

(combinados ou não entre si e quase sempre com covinhas no seu interior), meandros, linhas rectas e curvas, figuras protolabirínticas e labirínticas, espirais e, em menor grau, algumas armas, especialmente de modelos conhecidos da Idade do Bronze inicial. Incluem-se ainda zoomorfos semi-esquemáticos e esquemáticos, antropomorfos e motivos do tipo idoliforme. Discutindo um pouco as figurações presentes na estação rupestre de Lampaça e sua estruturação na superfície da rocha à luz de um enquadramento tipológico, verificamos que as covinhas são talvez o motivo geográfica e cronologicamente mais transversal do fenómeno da arte rupestre em geral, pelo que, por si só não nos podem fornecer grandes dados relativamente a períodos cronológicos. As áreas dominadas pelas figuras com base em círculos e combinações circulares ligadas entre si por linhas mais ou menos rectas, ou onduladas, por vezes numa rede densa e estruturalmente complexa, como se verifica essencialmente na Rocha I (Área I2) e também na Rocha IIB (Área IIB2, subárea IIB2b) são talvez as de carácter assumidamente com maior afinidade com a arte Galaica, podendo estabelecer-se paralelos (ainda que relativos) sobretudo Galiza mas também em Portugal, como a Bouça do Colado (BAPTISTA, 1983) (ainda que não da forma densa, e logo expressiva, que encontramos em Lampaça). No que se refere às linhas, que na descrição das gravuras de Lampaça fomos chamando de sulcos, dada a marcada profundidade da maior parte, podemos aqui considerá-las em duas situações: formando ligações (redes ou teias) com as figuras circulares, como nos casos anteriormente apontados; ou seguindo uma estrutura própria, bem definida e articulada com os planos da rocha, de tendência mais linear e menos ramificada, como nos casos já descritos da Rocha IIA, Área IIA2 e da Rocha IIB, Área IIB1, subárea IIB1b. Para este segundo caso não encontramos paralelos com outras estações já conhecidas na Galiza. Pelo contrário, é na região de Trás-Os-Montes oriental que a articulação clara entre sulcos, covinhas e volumetria das rochas mais se manifesta, em particular em vários abrigos da região de Miranda do Douro e na região de Alijó e Mirandela, como é o caso da estação do Fragão, em Agueiras, na margem oposta do rio Rabaçal, a Leste de Lampaça (e portanto muito próxima desta estação) (SANCHES et al., 1997), com manifestas proximidades com o abrigo da Solhapa, em duas Igrejas, Miranda do Douro (SANCHES, 1986). Com base nesta especificidade, podemos propor que se trate de uma tradição regional que se articula, neste caso, com a tradição organizativa mais usada na arte da Galiza e Minho. Esta criação original estaria eventualmente relacionada com a concepção/ significado(s) deste sítio em particular. Não se encontram presentes em Lampaça figuras do tipo zoomorfo, armas ou idoliformes. Não nos parece também que ocorram antropomorfos, embora tal discussão ainda possa estar em aberto relativamente a um motivo da Rocha I (ver ponto 2.5.1 e Anexo B). Relativamente à situação topográfica da estação verifica-se que esta se enquadra nos padrões esperados para a arte galaico-portuguesa⁴⁴. Observa-se igualmente em

44 Relativamente à situação topográfica mais comum da arte rupestre classicamente integrada no grupo Galaico pode referir-se a preferência por rochas localizadas em plateaux de média encosta, ou dos cumes de baixa altitude, na maior parte das vezes próximos de pequenos ou médios cursos de água. É ainda referida uma preferência por inclinações buscando o poente. (BAPTISTA, 1983)

Lampaça um aproveitamento intensivo das áreas gravadas, estando portanto estas densamente preenchidas pelas figuras/ motivos, o que lhes confere um carácter marcadamente barroco. Esta densa ocupação das superfícies gravadas é igualmente frequente nas manifestações do tipo Galaico.

Foi nossa intenção no parágrafo anterior argumentar a nossa sugestão de que as rochas gravadas de Lampaça – Sra. da Ribeira apresentam traços de influência da arte tipicamente associada ao Noroeste Peninsular, entendida esta, como uma realidade polimorfa, e como tal polissémica, na qual precisamente se enquadra esta estação. Com efeito, se podemos estabelecer vários paralelismos, como já vimos, entre Lampaça e a arte de tradição mais litoral, temos de reconhecer também a sua singularidade e carácter específico/ regional, mas também local no que se refere sobretudo à estruturação da superfícies gravadas. Entendemos portanto, e será pelo menos o nosso propósito, que o âmbito do corrente trabalho se prende essencialmente com aquilo que entendemos como especificidades do sítio – marcas de tradição local/ regional, do modo de fazer, e da interacção com o universo conceptual das comunidades que se relacionaram com ele, pretendendo deste modo contribuir para o desvanecer da nublosa⁴⁵ resultante da integração de sítios tão heterogéneos numa realidade uniformizada e portanto redutora.

A este respeito, gostaríamos ainda de salientar que nos parece estarmos perante uma região efectivamente heterogénea a todos os níveis, sendo portanto de esperar que também as manifestações ditas artísticas sejam um reflexo dessa mesma heterogeneidade. Ao nível geográfico, Lampaça encontra-se na transição da Terra Fria com a Terra Quente (ver ponto 2.2). Estamos portanto num meio de influências litorais e do interior. Ao nível geológico, podemos também situar Lampaça numa transição entre os xistos e os granitos. No que diz respeito á localização do sítio em relação à geomorfologia da região, se por um lado consideramos que o planalto onde se situa o Cabeço da Senhora da Ribeira se situa no rebordo da bacia depressionária de Mirandela, para a qual se encontra voltado, não podemos deixar de dar relevância ao corpo da Serra da Padrela como barreira mas também como mediador entre o litoral e o interior. É com efeito, o local de articulação geográfica desta região com a Veiga de Chaves, que se estende até Verín e que constitui, portanto, um corredor de circulação para regiões mais a Norte, situadas já na Galiza. Considerando a faixa que Bradley e Fabregas (BRADLEY et al.,1996) consideram como zona de interacção entre manifestações do tipo Galaico e do tipo Esquemático, cremos que as rochas gravadas de Lampaça serão as rochas de cariz mais Galaico localizadas no interior. Estamos por isso convencidos da urgência em rever o mapa apresentado por Bradley (BRADLEY,2000,p.76) pois estamos seguros que uma actualização do mesmo segundo as matizes aqui expostas poderá dar uma boa expressão cartográfica da interacção de várias influências e tradições, no que respeita aos grafismos e sua organização na Pré-História desta região. Se atentarmos, ainda que de forma geral⁴⁶, para as estações de arte rupestre da região de Valpaços

45 (JORGE, 1990,p.328)

46 Para desenvolver este ponto teríamos de efectuar um estudo mais alargado da região, baseado num corpus o mais completo possível das estações. Pretendemos ainda assim, com base em algumas estações por nós conhecidas directamente ou por via

e Mirandela/ Alijó/ Carrazeda de Ansiães e, para Oeste, para a zona de Chaves, verificamos de facto uma existência de manifestações bastante heterogéneas que se torna necessário re-estudar noutros parâmetros que não têm sido considerados.

Este ponto do trabalho debater-se-á com a questão cronológica. Temos vindo até agora a desenvolver essencialmente ideias que nos estabelecem relações e fazem o enquadramento da estação em estudo com outras estações mais conhecidas e com o âmbito dos estudos/ propostas que se têm vindo a desenvolver sobre a Arte Rupestre. Com efeito este tipo de contextualização ou problematização em torno da mesma é o único meio de que dispomos para debater a questão cronológica. Reiteramos mais uma vez a importância de uma escavação e coordenação da investigação com o estudo da ocupação desta região.

Peña Santos (PEÑA SANTOS, 2005, p. 54-56) dá-nos conta da cronología actualmente mais consensual para a Arte Galaica: segunda metade do IIIº milénio A.C – inícios do IIº milénio A.C. Esta cronologia apoia-se fundamentalmente, segundo o autor, em três aspectos: a) as relações formais, técnicas e conceptuais com a arte megalítica daquela região; b) na representação de armas em alguns painéis identificáveis com as conhecidas para os momentos iniciais da metalurgia; c) na relação entre a localização das estações de arte rupestre com sítios conhecidos de ocupação deste período, bem como com monumentos megalíticos.

Contudo, este confinar da cronologia do grupo galaico à transição entre o III e o IIº milénios apresenta, no entender de muitos autores, algumas falhas (BRADLEY et al., p. 105). Com efeito, mesmo que as armas possam ser facilmente remetidas para essa cronologia, a verdade é que estes motivos se encontram em grande minoria e apresentam de resto características de localização diferentes em grande parte dos casos⁴⁷ (exceptuando-se neste caso Vale da Lage, em Valença) das demais gravuras que fazem parte do reportório galaico, como sendo a ocorrência em painéis verticais e em sítios com maior domínio visual sobre a paisagem.

As covinhas são, como já vimos, o motivo de maior diacronia. No entanto, em certas zonas são estabelecidas relações entre estas e os monumentos sob tumulus na Galiza (VILOCH, 1995; FILGUEIRAS REY, Ana et al., 1994)⁴⁸ e em Portugal, sendo de fazer notar que na bacia de Mirandela o dólmen da Arcã apresenta toda a sua lage de cabeceira coberta de profundas e espessas covinhas, algumas ligadas por sulcos, segundo uma concepção gráfica que se pode assemelhar à de Lampaça (SANCHES et al. 1987;

bibliográfica, tentar lançar ideias que possam em trabalhos futuros ser discutidas com uma maior base de sustentação.

47 Como exemplo paradigmático será o sítio de Ramallal 9, Campo Lameiro, em Pontevedra (PEÑA SANTOS; COSTAS GOBERNA, 2005, p. 94), que consiste num painel inclinado ocupando uma posição destacada, gravado com um conjunto de doze punhais e espadas de grande dimensão.

48 No caso da Sierra de Santa Mariña, estudado por Ana Filgueiras Rey e Tomás Rodríguez Fernández (FILGUEIRAS REY, Ana et al., 1994), registam-se rochas gravadas com covinhas ao longo das vias de acesso; delimitando o conjunto da necrópole, nos afloramentos nas imediações dos túmulos e no interior dos ortostatos das câmaras.

SANCHES, 1994). Em consulta à base de dados do Instituto Português de Arqueologia⁴⁹ obtivemos também a informação de que em trabalhos de prospecção efectuados no corrente ano se registaram no Alto do Lombo do Malho duas rochas de xisto gravadas com uma espiral e um círculo (Alto do Lombo do Malho 6) e com oito covinhas e uma linha vertical (Alto do Lombo do Malho 4). O Alto do Lombo do Malho é uma colina sobre um esporão sobranceiro à Ribeira de Curros, em Curros, concelho de Valpaços. Nessa mesma colina registaram-se quatro pequenas mamoadas (monumentos 1, 2, 3 e 5 do Alto do Lombo do Malho), relacionadas portanto com as referidas rochas gravadas. Atendendo a estes aspectos, poderíamos pois, pensar em cronologias que poderiam remontar aos inícios do III^o milénio ou até ao IV^o milénio.

De resto, como sugere Maria de Jesus Sanches, (SANCHES; 2007, no prelo) os fenómenos de arte de ar livre e a arte presente nos dólmenes do Noroeste são aproximadamente contemporâneos, e não distinguíveis so ponto de vista da presença/ ausência da maioria dos motivos. Diferem na sua organização interna pelo que exigiriam um estudo articulado mais cuidado. A mesma autora adianta que: “Both manifest different contexts of agency created by regional prehistoric communities, which are documented by archaeology from the regional early Neolithic (start of the 5th millenium BC) to the Early/ Middle Bronze Age (middle of the 2nd millenium.)”.

Na Lapaça os materiais de superfície dão-nos conta de cerâmicas da Idade do Ferro e de época romana. Talvez baseados nestes aspectos, ou num conjunto de (pré)conceitos, a equipa que tem vindo a efectuar estudos da Arte Rupestre do concelho de Valpaços, sob direcção do Dr. José Rolão, e segundo a comunicação apresentada no Congresso UISPP⁵⁰, Sessão C41, localizam Lapaça, tal como outras rochas gravadas da região, na Cultura Castreja. Cremos que este ponto de partida estabelecido no trabalho desta equipa não será o mais adequado, sendo que a nossa perspectiva e modo de olhar o sítio de Lapaça não se coaduna com a que por eles foi apresentada. Assim, partimos para já do princípio de que este sítio de Lapaça deve ter sido criado durante o 3^o milénio A.C. (ou talvez mesmo no final do 4^o milénio) por populações que habitavam esta região e que conheciam os grafismos das comunidades suas vizinhas, situadas quer a ocidente, quer a oriente – Trás-Os-Montes Oriental. Como outros sítios de arte rupestre, Lapaça permaneceu ali, sujeita a posteriores interpretações, algumas das quais podem ter alterado a configuração do lugar, como nos dão conta as duas cavidades profundas, de perfir e planta subquadrangular que se encontram nas rochas I e IIA. O local pode ter sido assim não somente “respeitado” por populações posteriores como re-interpretado.

49 www.ipa.pt

50 Lisboa, Setembro 2006

Considerações Finais

A Estação rupestre de Lampaça apresenta-se-nos como um núcleo de rochas gravadas cujo barroquismo torna tangível a imanência de um local imbuído de forte carga simbólica ao longo dos tempos. Tendemos sempre a procurar uma origem, mas gostaríamos aqui também de relevar a presença indelével deste sítio nesta paisagem, com todas as suas transformações ao longo do tempo, ao longo do olhar corpóreo de cada pessoa que por ali andou. Por certo é hoje este o sítio que temos, um local palpitante e prene das suas múltiplas significações. Entre das quais também esta nossa.

Gostaríamos mais uma vez de salientar que a relação estabelecida entre a estação e a arte galaico-portuguesa é entendida num âmbito de heterogeneidade. Trata-se de um primeiro e geral enquadramento. É nossa opinião que o assunto deva ser retomado e que a compreensão das relações com regiões mais vastas não deve deixar de estar no horizonte dos futuros trabalhos, sob pena de que, ao voltarmos-nos mais exclusivamente para uma análise interna, fique descurado um campo mais amplo de relações humanas associadas a estes sítios. Sabemos de facto que as ideias/ inovações/ estilos, não circulam sobre a forma de pacotes, mas resultam de uma vasta e embrenhada rede interações, influências, aprendizagem e escolhas bem como de processos selectivos das populações no seu ambiente. Deste modo, o cerne e o maior desafio em termos de investigação e conhecimento, parece-nos, está no estudo da textura local. Ingold (INGOLD 2007) faz-nos ver o mundo não como um conjunto de pontos em rede, pontos para os quais convergem coisas e dos quais saem coisas, mas como uma trama de linhas, em que cada pessoa, animal, objecto, comunidade, etc, são o resultado de um entrecruzar de linhas fluídas, formando texturas - "...it is not a network but a meshwork." (INGOLD,2007,p.315). Assim compreende-se que não há barreiras, não há elementos estanques.

Gostaríamos de ter elaborado um quadro mais detalhado de análise formal de cada gravura, na forma de uma tabela que para cada figura se indicasse o seu diâmetro, profundidade e técnica de gravação. Tratava-se contudo de um enorme número de figuras e teríamos de dispôr de ainda mais tempo para levar a cabo trabalho de campo. A ter de fazer opções, optamos por não deixar de fazer uma abordagem à totalidade do conjunto, efectuando o seu decalque, e por tentar uma incursão mais inovadora na abordagem ao sítio, como um todo, segundo um processo de incorporação. Deste modo, efectuam-se descrições/ estabelecem-se relações no sentido de sobretudo elucidar acerca do todo compositivo do conjunto.

Estamos acima de tudo convencidos que este conjunto de afloramentos deve ser experienciado enquanto uma unidade. Ainda que se distinga alguma variância entre as rochas e entre as suas superfícies, parece haver uma manifesta coerência no sítio como um todo. Implicada nas nossas palavras está portanto a ideia do(s) acto(s) de gravar as rochas e das performances em seu torno, como um acto/ performance

organizado, sustentado, deliberado, intencional, programado e mantido – socialmente implicado, portanto. Consideramos que as rochas poderão não ter sido gravadas num momento único. Podemos contudo dizer que o principal plano, original, foi respeitado ao longo do tempo – o da relação formal dos motivos com a volumetria dos afloramentos. Além disso parece ser mantida uma coerência ao nível imagético. De qualquer forma, e apesar de todas as possíveis alterações durante o tempo e seus diferentes momentos de gravar, sabemos que pelo menos no final as gravuras coexistirão mais ou menos tal qual se encontram agora, sugerindo o nosso movimento em torno, percebendo-as como um todo.

O ponto de partida de um projecto de investigação será sempre uma experiência pessoal. Saber-mos enquadrar a nós mesmos enquanto seres-no-mundo na nossa própria perspectiva, melhor fundamentado será o nosso trabalho. Trata-se de reconhecer a nossa posição no espaço e no tempo, a partir da qual todo o nosso trabalho será referenciado. Conheça-se a si próprio, deverá pois tornar-se numa pré-condição à investigação.

Bibliografia

ARAÚJO, A. ; ALBERTI, A. Perez, “Os Meios Geográficos no Noroeste Peninsular”, Geografia do Eixo Atlântico, coord. Xosé Manuel Souto Gonzalez

AUGÉ, Marc (1994); Não -lugares – Introdução a uma Antropologia da Sobre-modernidade, Lisboa, Bertrand

BAPTISTA, António Martinho (1983); Arte Rupestre do Norte de Portugal: Uma Perspectiva, Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp. 71-82

BERROCAL, María Cruz, (2003) ; Paisaje y arte rupestre, Ensaio de contextualização arqueológica y geográfica da la pintura levantina, Tesis doctoral, Departamento de Prehistoria, Facultad de Geografia e Historia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid.

BOURDIEU, Pierre., (2002); Esboço de uma teoria da prática – Precedido de três estudos de etnologia Cabila, Oeiras, Celta Editora.

BRADLEY, Richard (1997) - Rock Art and the Prehistory of Atlantic Europe: London an New York, Routledge

BRADLEY, Richard (2000) - An Archaeology of Natural Places: London an New York, Routledge

BRADLEY, Richard; CRIADO BOADO, Felipe; FABREGAS VALCARCE, Ramon (1994) - “Los Petroglifos como forma de apropiación del espacio: Algunos ejemplos gallegos”, Trabajos de Prehistoria, 51, nº2, pp. 159-168.

BRADLEY, Richard; FABREGAS VALCARCE, Ramon (1996) - Petroglifos Gallegos y Arte Esquemático: Una Propuesta de Trabajo. Complutum Extra 6 (II), Madrid pp.103-110

COLAÇO-DO-ROSÁRIO, Manuel F.(2001) , “O Sistema Agrário de Trás-Os-Montes e a Modernidade Sustentável”, Actas do 1ºCongresso de Estudos Rurais: Território, Agricultura, Desenvolvimento, Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.

CONCHEIRO COELLO, Ángel; GIL AGRA, Lola (1994), “Una nueva zona de arte rupestre al aire libre en el NW: la península de Barbanza”, Espacio, Tiempo y Forma, Serie I, Prehistoria y Arqueología, t.7 , pp 129 - 151

COSTA, Joaquim Botelho da (1998); Estudo e Classificação das Rochas Por Exame Macroscópico, 9ª

Edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CUNHA, A. M. C. L.; SILVA, E. J. da (1980); Gravuras Rupestres do Concelho de Valença (Monte Fortes (Taião), Tapada de Ozão e Monte da Lage), Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, II, Guimarães, pp. 121-131

CUNHA, A. M. C. L.; SILVA, E. J. da (1986); As Gravuras Rupestres do Monte da Lage (Valença), Arqueologia, Número Treze, Porto, pp. 143-158

FILGUEIRAS REY, Ana; RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, Tomás (1994), "Túmulus y petroglifos. La construcción de un espacio funerario. Aproximación a sus implicaciones simbólicas. Estudio en la Galicia Centro-Oriental: Samos e Sarria", Espacio, Tiempo y Forma, Serie I, Prehistoria y Arqueología, t.7 , pp 211 - 253

FREITAS, Adérito M. (2001); Concelho de Valpaços Carta Arqueológica, Valpaços, Câmara Municipal de Valpaços.

GELL, Alfred (1998); Art and Agency, An Anthropological Theory, Oxford, Oxford University Press.

HEIDEGGER, Martin (2000) A Origem da Obra de Arte, Lisboa, Edições 70.

HEIDEGGER, Martin (1966); L'Art et L'Espace, Questions IV, Paris, Gallimard

INGOLD, Tim (1999); Tools for the Hand, Language for the Face: An Appreciation of Leroi-Gourhan's Gesture and Speech, Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences, Vol.30, No.4, pp 411-453

INGOLD, Tim (2000) - The Perception of the Environment, Essays in livelihood, dwelling and skill: London and New York, Routledge

INGOLD, Tim (2001) ; "From Complementarity to Obviation: On Dissolving the Boundaries between Social and Biological Anthropology, Archaeology and Psychology", Cycles of Contingency, MIT Press, Massachusetts Institute of Technology.

INGOLD, Tim (2005) - " The eye of the storm: visual perception and the weather", Visual Studies, Vol.20, No.2, pp. 97-104, International Visual Sociology Association

INGOLD, Tim (2007) – Comment, Overcoming the Modern Invention of Material Culture, Journal of Iberian Archaeology, vol.9/ 10 – special issue, Porto, ADECAP, pp. 313-317

JORGE, Susana Oliveira (1986); Povoados da Pré -História Recente da Região de Chaves – Vila Pouca

de Aguiar (Trás-Os-Montes Ocidental): Bases para o Conhecimento do III^o e princípios do II^o Milénios a.C. No Norte de Portugal, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

JORGE, Vitor Oliveira (1990) – Arqueologia em Construção, Ensaios, Lisboa, Editorial Presença

JORGE, Vitor Oliveira (2005) – Vitruvianas Muito Iluminadas, Porto, Campo das Letras

JORGE, Vitor Oliveira com assistência de CARDOSO, João Muralha; VALE, Ana Margarida; VELHO, Gonçalo Leite; PEREIRA, Leonor Sousa (2006) – Copper Age “monumentalized hills” of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretive ones, Approaching “Prehistoric and Protohistoric Architectures” of Europe, from a “Dwelling Perspective”, Journal of Iberian Archaeology, vol.8 – special issue, Porto, ADECAP, pp. 203-264

JORGE, Vitor Oliveira (2006/2007) – The Evanescence of the “material” and of the “cultural”: the impossibility of fixing a face. Some notes on experience, representation, identity – steps to an interdisciplinary field of enquiry?, Overcoming the modern invention of material culture, Journal of Iberian Archaeology, vol.9/10 – special issue, Porto, ADECAP, pp. 271-312

LEAL, Pinho (1874); Portugal Antigo e Moderno, Volume Quarto, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.

LUIS, José Sanchidrián (2001); Monografia de Valpaços, Barcelona, Ariel Prehistoria.

MARTINS, A. Veloso (1978); Manual de Arte Prehistórico, 2^a Edição, Porto.

MEDEIROS, Carlos Alberto (2005); Geografia de Portugal, O Ambiente Físico, Círculo de Leitores

PEÑA SANTOS, Antonio (2005); “Arte Rupestre en Galicia”, in HIDALGO CUÑARRO, José Manuel, coord., Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico (2005), Eixo Atlântico.

PEÑA SANTOS, Antonio; COSTAS GOBERNA, Fernando Javier (2005); “Roteiro de Petroglifos de Galicia”, in HIDALGO CUÑARRO, José Manuel, coord., Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico (2005), Eixo Atlântico.

PEREIRA, Diamantino M. I. (2002); “Dos Aspectos Gerais a Algumas Particularidades da Geomorfologia do Nordeste Transmontano e do Alto Douro”, Encontro sobre a Geomorfologia do Noroeste Peninsular, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PLANO DE BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DOURO – Relatório Final (2001); Ministério do Ambiente e

do Ordenamento do Território, Instituto da Água.

PLANO DE BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DOURO – Vol.III, C. Subsistema Ambiental (1999); Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território, Instituto da Água.

RIBEIRO, Orlando (1977); *Introduções Geográficas à História de Portugal – Estudo Crítico*, Imprensa Nacional da Casa da Moeda, Lisboa.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1987)., *Geografia de Portugal*, vol I, A Posição Geográfica e o Território, Sá da Costa, Lisboa.

RICOEUR, P. (2000) – *Teoria da Interpretação*, Lisboa, Edições 70.

SANCHES, M. J.; A. G. LEBRE. (1986), “O abrigo com arte esquemática da Solhapa – Duas Igrejas, Miranda do Douro”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, t. XXVI, fasc. 1- 4, Porto, pp. 129 – 142

SANCHES, M. J. (1994), “Megalitismo na Bacia de Mirandela”, *Actas do Seminário “Megalitismo no Centro de Portugal”*, Mangualde, Novembro de 1992, C.E. Pré-históricos da Beira Alta, pp. 249 - 284

SANCHES, M. J.; SANTOS, B. do C. T. O. (1997), “Levantamento Arqueológico do Concelho de Mirandela”, *Portugália*, nova série, vol.VIII, pp.17-56

SANCHES, M.J. (1997), *Pré-História Recente de Trás-Os-Montes e Alto Douro*, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.

SANCHES, M. J.; SANTOS, P. M.; BRADLEY, R.; FÁBREGAS, R. (1998) - *Land Marks – A New Approach to the Rock Art of Trás-Os-Montes, Northern Portugal*, *Journal of Iberian Archaeology*, vol.0, Porto, ADECAP

SANCHES, M. J. (2002), “Spaces for Social Representation, Choreographic Spaces and Paths in The Serra de Passos and Surrounding Lowlands (Trás-Os-Montes, Northern Portugal) in Late Prehistory”, *ARKEOS* 12 (Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo III) – *Arte Pré-Histórica e o seu contexto*, 12, IPT, Tomar, pp. 65-105,

SANCHES, M. J. (2007), “The Inner Scenography of Decorated Neolithic Dolmens in Northwestern Iberia: an Interplay between Broad Community Genealogies and more Localized Histories”, no prelo.

SANTOS, André Tomás (2003); *Uma abordagem Hermenêutica – Fenomenológica à Arte Rupestre da Beira Alta, O caso do Fial (Tondela, Viseu)*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiada.

THOMAS, Julian (2002); “Materiality, Authenticity, and Skilled Engagement: A Commentary”, *Archaeology and Performance*. Papers from the 2002 TAG Conference, Manchester, <http://traumwerk.stanford.edu:3455/ArchaeologyPerformance/19> – consulta efectuada em Março 2006

TILLEY, Christopher (2004): *The Materiality of Stone, Explorations in Landscape Phenomenology*, Oxford and New York, Berg.

VILOCH VÁSQUEZ, V. (1995): “Monumentos y petroglifos: la construcción del espacio en las sociedades constructoras de túmulos del Noroeste peninsular”, *Trabajos de Prehistoria*, 52, pp. 39-55

Anexos

Anexo A: Descrição das rochas e das áreas gravadas

Rocha I

Trata -se de um grande rocha granítica, na sua posição natural, situada a sudeste do conjunto. Possui planta subovalada (rectilínea no lado Este). No topo apresenta uma superfície aplanada que sofre depois uma inclinação para Sudoeste, Sul e Sudeste. A Norte a superfície quebra segundo uma diaclase ortogonal, constituindo-se portanto como uma face vertical na qual os elementos constituintes da rocha apresentam uma granulometria grosseira, sobretudo no que se refere a quartzos e felsdpatos.

A cor da rocha é castanho claro/amarelado, com algumas manchas mais acinzentadas, sendo que de leste para sudeste , adquire manchas acinzentadas e mesmo negras. Na face vertical norte apresenta um tom mais esbranquiçado.

Nas manchas acinzentadas/negras, a granulometria é também mais grosseira, verificando-se que a rocha nesses pontos de alteração se desagrega com relativa facilidade, o que não acontece nas superfícies mais claras.

Área I1

Corresponde à superfície mais aplanada, no topo da rocha, desde o lado nordeste da rocha até à grande fractura que materializa uma divisão nessa mesma superfície e se prolonga para o canto leste. Adquire portanto uma feição subtrapezoidal. A sua superfície é ainda acidentada por quatro fissuras orientadas leste-oeste, uma das quais com uma inflexão nordeste-sudoeste e uma outra norte-sul.

Apresenta uma faixa de superfície acinzentada/negra desde leste para nordeste, prolongando-se ao longo da fractura limite desta área. A zona gravada confina-se à zona de superfície mais clara.

Área I2

Optou-se por considerar esta área desde a zona ainda aplanada do topo, para lá da grande fractura que a separa da área 1,abrangendo as superfícies inclinadas para sudoeste, sul e sudeste até à linha de solo.

Subárea I2a - Trata-se da área ainda aplanada, delimitada pela a fractura do topo, e que a separa da a área 1, pela fractura mais ou menos coincidente com o lado inferior da cavidade subquadrangular e a linha de quebra entre o topo aplanado e a superfície inclinada para Sul/Sudeste. A zona à esquerda da cavidade

apresenta uma depressão relativamente profunda, resultante da fractura coincidente com o lado inferior da mesma, tratando-se portanto essa de uma zona bastante irregular. A superfície para a direita apresenta-se, ao invés, bastante regular e encontra-se por conseguinte profusamente gravada.

Subárea I2b - Fez-se coincidir esta subárea com a superfície inclinada para sul / sudeste. Trata-se de uma área de forma subtrapezoidal , apresentando cinco fissuras verticais de maior relevância e ainda uma sub-horizontal à esquerda. Para o lado direito a superfície da rocha encontra-se mais alterada, de de cor mais negra e granulometria mais grosseira, verificando-se a partir daí a ausência de gravuras.

Subárea I2c - Definiu-se esta subárea como a superfície inclinada a partir da linha inferior da cavidade quadrangular, coincidente com a linha de diaclase já referida anteriormente como limite convencional para a I2a, até à linha de solo. Voltada portanto a sudoeste, trata-se de uma área abundante em figurações, das mais formalizadas da estação. Encontra-se lamentavelmente afectada por algumas marcas de máquina escavadora. Apresenta um tom ligeiramente mais acinzentado que o topo, não se tratando contudo de rocha muito alterada como em outras zonas desta rocha se verifica.

Rocha IIA

Área IIA1

Trata-se de uma relativamente grande área aplanada, de forma sub-rectangular, no topo da Rocha IIA, definida essencialmente por duas fracturas paralelas F1 e F2, que se desenvolvem no sentido Oeste-Este, embora ocorram algumas gravuras a Norte da fractura F1.

Área IIA2

Trata-se de uma área de planta sub-rectangular, que entronca na área anterior no seu lado Norte, delimitando-se desta pela linha de fractura F2. É essencialmente caracterizada por dois planos inclinados, divergentes a partir de uma linha comum de topo. Estes planos vão perdendo altura de Norte para Sul-Sudoeste, sendo que extremidade Sudoeste a sua superfície adquire um perfil já mais aplanado.

Área IIA3

Refere-se a uma pequena superfície encostada à aresta sul da área distinguida anteriormente, de carácter mais aplanado na metade a Norte, e sofrendo uma inclinação para Sul na outra metade. Não apresenta contudo uma superfície tão regular como a da Área IIA3. É delimitada a Oeste pela aresta que delimita o afloramento neste lado e a Leste por uma fractura natural no sentido Norte -Sul.

Área IIA4

Esta área possui um contorno subtrapezoidal, de maior largura no seu lado Leste, onde conecta com o topo Oeste da Área IIA1, encontrando-se contudo a uma cota mais baixa. Pode dizer-se de superfície aplanada, embora incline um pouco de Norte para Sul.

Rocha IIB

Área IIB1

Trata-se da área definida pelo plano subtrapezoidal horizontal, na parte mais a poente da Rocha IIB, juntamente com a superfície inclinada/ côncava adjacente ao primeiro e desenvolvendo-se para leste deste. Consideramos ainda como parte desta área a pequena superfície a cota mais baixa, a Sul das duas primeiras.

Subárea IIB1a - Trata-se do plano mais horizontal ao topo desta área. Apresenta uma planta subtrapezoidal e a sua superfície, de grão mais fino relativamente a outras desta estação possui uma coloração relativamente clara, bege. A sua superfície encontra-se naturalmente compartimentada pela existência de uma grande linha de fractura F1, que se prolonga para a subárea IIB1b, e de uma outra F2, convergente para a primeira. Optou-se por integrar também nesta subárea a pequena superfície de cota mais baixa e separada do corpo principal da rocha por uma diaclase, de planta subcircular e que se encontra gravada apenas com três covinhas.

Subárea IIB1b - Consiste no plano inclinado de tendência côncava, e de limite superior ligeiramente arredondado, definido a partir de IIB1a até ao fundo da depressão natural da rocha nesta zona. Encontra-se fissurado, a meio do seu comprimento, pela fractura F1.

Área IIB2

Esta área faz parte da parte mais a leste da rocha IIB e caracteriza-se pelas suas superfícies mais irregulares, o que determina que as gravuras se definam segundo áreas mais pequenas e acidentadas que as demais já descritas para esta estação.

Subárea IIB2a - Trata-se de uma pequena superfície no bordo da depressão da rocha para onde inclina IIB1b, fracturada na sua parte voltada a Sul e de superfície ligeiramente boleada.

Subárea IIB2b - É a subárea maior de IIB2. Define-se segundo uma planta relativamente estreita

mas que ocupa a quase totalidade da secção transversal da rocha nesse ponto. Define-se segundo o eixo Norte-Sul, inclinando-se ligeiramente para Sul; e encontra-se acidentada por várias fissuras que a dividem em pequenas superfícies onde se acomodam a gravuras.

Subárea IIB2c - Trata-se de uma pequena superfície inclinada no sentido do solo, de contorno subtrapezoidal e fragmentada na sua base e lado oeste.

Anexo B: Descrição pormenorizada das gravuras

Rocha I

Área I1

O ponto de vista preferencial para a observação desta área gravada, e após várias experiências, parece-nos ser o sentido Oeste-Este, ou seja, a partir do topo do afloramento.

Esta área compõe-se quase exclusivamente de covinhas simples de pequena e média dimensão, as quais não parecem apresentar propriamente alinhamentos, como se verificará em outros casos desta estação. Nalguns casos parece notar-se sim alguma quadratura na disposição, quer de cinco, quer de quatro covinhas.

De entre as gravuras que apresentam alguma particularidade temos, logo na base uma depressão na rocha, de forma sub-rectangular (1), que nos parece ser natural, muito embora não se descarte a hipótese de ter sido sujeita a algum polimento, motivo pelo qual a assinalá-mos aqui. Acima desta, ao lado direito, observa-se uma gravura sub-rectangular (2). Para a esquerda ocorre um pequeno sulco relativamente profundo, mas não muito longo. Um pouco mais acima, para o centro da área, encontram-se duas covinhas unidas, de média dimensão, verticalmente em relação ao ponto de observação (12). Ao seu lado esquerdo ocorre ainda uma covinha de média dimensão, unida a uma outra de menor diâmetro mas de maior profundidade (15). Sobre as primeiras encontramos ainda duas pequenas covinhas ligadas por um sulco, em forma de alter. Imediatamente acima destaca-se ainda um sulco unindo duas covinhas (18) e ainda um outro, unindo três covinhas formando um ângulo de cerca de 120° (17). Um pouco mais para o topo encontramos mais um par de covinhas unidas semelhante às anteriormente assinaladas (19).

Para o lado esquerdo da fractura vertical assinalamos uma covinha de maiores dimensões ladeada simétricamente por dois pequenos sulcos (20). Mais um pouco para a esquerda destaca-se um círculo com covinha ao centro (21).

Área I2

Trata-se de uma área gravada caracterizada essencialmente pela frequência de círculos contendo covinhas, sob formas mais ou menos complexas, com ou sem apêndices; e por sulcos em forma de linhas por vezes muito ramificadas. Trata-se de uma área intensamente gravada, por entre as numerosas fracturas naturais da rocha que muitas vezes se integram no próprio traçado das gravuras.

Sub-área I2a - Da esquerda para a direita observa-se uma zona de sulcos ramificados, formando por

vezes círculos ou pequenas áreas fechadas, podendo conter uma ou mais covinhas (1 e 2). Muitos destes sulcos são cortados ou pela depressão natural fracturada da rocha, ou pela cavidade subquadrangular. Um pouco mais acima, e para a direita, encontramos um sulco (3) que se inicia a partir de uma pequena fissura natural da rocha, e que se prolonga, indo entroncar nos outros sulcos já referidos. Para o lado direito deste sulco, e entre este e um outro bastante profundo e que se prolonga pelo menos até à fractura que delimita esta subárea, observamos uma pequena zona (4) gravada com covinhas pequenas e médias, na sua maior parte simples, sendo que duas se apresentam rodeadas de pequenos sulcos em forma de arco e uma outra a partir da qual se desenvolve um pequeno sulco que a liga com outra covinha próxima (alteriforme). De destacar também uma gravura de maiores dimensões, de forma irregular, que a partir de uma covinha se parece ter formado por abrasão e polimento da sua superfície.

Abaixo do conjunto descrito no parágrafo acima, observa-se um conjunto de gravuras (5) que alguns sugerem poder tratar-se de um antropomorfo (FREITAS, 2000: p.128). Trata-se portanto de uma covinha em torno da qual se define um semicírculo. Abaixo destas observa-se um sulco transversal que faz depois uma inflexão aproximada de 90° e se prolonga, ramificando-se e unindo-se também a outros, rocha abaixo. Mas a partir do seu segmento transversal, define-se um outro sulco, vertical, que se alarga (formando o que terá sido interpretado como corpo do antropomorfo) progressivamente até se ramificar em dois sulcos mais finos (que terão sido interpretados como possíveis pernas). O da direita encontra-se afectado por marcas de maquinaria, mas parece nunca se ter prolongado além dessa zona actualmente afectada. Quando muito poderia ele próprio unir-se a um pequeno sulco que se desenvolve ao meio das duas possíveis pernas, mas que não chega a entroncar-se no possível corpo. A outra aparente perna entronca numa área rebaixada, irregular, para a qual confluem também outros pequenos sulcos. A partir da linha definida pelo possível corpo do antropomorfo, em continuidade pela perna esquerda, à qual se liga um outro sulco na vertical, é criado um espaço oval alongado, no qual se inscrevem duas covinhas, encimado por um semicírculo, que nas suas extremidades se encontra com o corpo e possível braço do sugerido antropomorfo e que contém no seu interior uma terceira covinha.

Subárea I2b - No topo da subárea I2b podemos descrever um círculo com covinha concêntrica (6), a partir do qual se definem, por sobreposição dois sulcos curtos, um dos quais vai ele próprio constituir-se como um círculo, contendo igualmente uma covinha, a partir de onde, sobrepondo-se também, sai um apêndice em forma de sulco. Ao mesmo nível deste segundo círculo, para a direita observam-se dois círculos concêntricos(8), com covinha também concêntrica e cujo círculo externo se encontra unido ao conjunto anteriormente descrito por um pequeno sulco curvo, que não se sobrepõe a qualquer gravura. Ainda em posição adjacente ao círculo externo pode notar-se uma pequena covinha anexa. Ligeiramente mais abaixo duas covinhas apresentam um arco envolvendo-as parcialmente. Próximo deste conjunto encontramos em

(7) uma gravura sub-rectangular à qual se liga por um pequeno sulco uma covinha não muito profunda, adjacente ao círculo (6)

Separadas do grupo descrito no parágrafo anterior, por uma fractura (F1) que na sua parte superior foi prolongada por um sulco insculpido entroncando noutra, distinguem-se dois círculos com covinha de média dimensão ao centro (9). Um dos círculos sobrepõe-se ao outro e apresenta um apêndice, que se lhe sobrepõe, partindo da covinha central. O outro círculo encontra-se ligado a um dos sulcos já referenciado acima e ainda a uma pequena covinha, através de um muito pequeno sulco por abrasão.

À esquerda da fractura (F1), já próximo da linha de solo, observa-se uma gravura composta de dois grandes círculos concêntricos, parcialmente truncados por uma fractura natural da rocha, com covinha ao centro (10). De notar ainda uma pequena covinha parcialmente inserida no círculo externo e ainda uma outra praticamente ligada a esta última, mas já fisicamente desconectada do círculo.

Na zona imediatamente à esquerda, entre duas fracturas F2 e F3 verifica-se uma grande concentração de covinhas e círculos. Temos portanto uma primeira gravura composta de um semicírculo, círculo e covinha concêntricos (11). O semicírculo interrompe-se num sulco que parte da subárea I2a a partir de uma fissura natural (12), e que prologa o semicírculo ao qual se sobrepõe. Um pouco mais abaixo encontra-se um círculo com covinha ao centro (13); e um outro círculo com covinha concêntrica (14), sendo que a linha exterior deste se distende em dois pontos, formando uns pequenos alongamentos radiais; observa-se ainda uma covinha rodeada por dois arcos (15). Por entre algumas covinhas simples disseminadas por entre as gravuras que temos vindo a descrever, há ainda à esquerda de 15, uma covinha com um pequeno apêndice, concêntrica de um curto mas largo arco. Registam-se ainda gravuras como um sulco ramificado a partir de F2 que se vai ligar a uma covinha com círculo concêntrico (16), da qual parte, na direcção oposta, um novo sulco (que pelo menos conceptualmente, é uma continuidade do anterior) que vai originar um novo círculo igualmente com covinha ao centro (17). Importa também referir mais algumas covinhas e pequenas marcas/depressões picotadas e/ou com abrasão. Dois sulcos ramificados a partir de um primeiro ainda na subárea I2a vão originar o círculo externo de uma outra gravura composta ainda de um círculo interior concêntrico e covinha (18). Do círculo externo saí ainda um pequeno sulco, interrompido pela fractura F3 mas que parece ter continuidade a partir dela. Um pouco à esquerda encontra-se ainda um grande e profundo círculo, com covinha ao centro à qual se encontra ligado (19).

Para a esquerda de F3 encontramos uma fissura mais horizontal, abaixo da qual se destaca uma gravura de contorno trapezoidal (20), formada por um sulco que depois se prolonga ainda além do trapézio propriamente dito e que fazendo uma inflexão em ângulo mais ou menos recto, abarca uma covinha na sua extremidade. Abaixo desta ocorre um semicírculo ou ferradura, com covinha ao centro e ainda um apêndice

constituído por um pequeno sulco com covinha ovalada na extremidade (21). À direita desta gravura e de um sulco já descrito no parágrafo anterior observa-se uma grande covinha no centro de um círculo (22), truncado pela linha de fractura F3 e que envolve por ambos os lados a covinha, até ser cortado pelo referido acidente natural da rocha. A covinha central ao seu lado inferior esquerdo apresenta um apêndice na forma de um pequeno sulco, originando aí um pequeno deslocamento, na mesma direcção, do círculo que a envolve, fazendo com que este se conecte, sem sobreposição, a uma outra covinha exterior. Para o lado direito de 21 vemos ainda um pequeno sulco vertical, ao lado do qual se encontra um círculo com covinha concêntrica (23) à qual se liga por um pequeno sulco, à semelhança de 19. Acima desta encontra-se ainda um pequeno e não muito profundo sulco horizontal, com uma pequena covinha na extremidade e para o lado esquerdo uma covinha com círculo concêntrico (24), ligeiramente cortado pela fissura da rocha. Abaixo destas observa-se ainda uma covinha alongada, conectada com uma depressão angular por abrasão na rocha.

Acima da fissura destaca-se um círculo com covinha concêntrica, sobre o qual se insculpe ao lado direito uma outra covinha, alinhada com a qual se encontra ainda uma outra com um leve sulco que a liga à fissura (25). Um pouco acima destas encontramos ainda duas covinhas simples, de pequena dimensão, duas covinhas unidas por um sulco e duas covinhas de contorno irregular. Para a esquerda salienta-se uma grande covinha de perfil interno em forma de chapéu invertido⁵¹ (26), em torno da qual ocorrem mais algumas covinhas simples de média e pequena dimensão.

Subárea I2c - Destacam-se de um modo especial nesta subárea três covinhas de grande diâmetro envolvidas por um círculo. O círculo da gravura 27 encontra-se anexo a um sulco linear interrompido pela cavidade sub-quadrangular e paralelo a uma pequena fissura natural que “rasga” parcialmente o círculo. Abaixo deste, observa-se uma gravura do tipo sub-rectangular com uma pequena covinha anexa ao seu canto superior direito (28) . A gravura 29 é composta igualmente de uma grande covinha, concêntrica de um círculo, o qual possui, anexa à sua linha externa, uma covinha de menor dimensão. Tangente ao mesmo círculo, mas do lado oposto, encontramos um segmento arqueado de um sulco vertical desde a cavidade subquadrangular, que a certa altura é interrompido por uma covinha (30). A covinha 31 trata-se novamente de uma covinha com círculo concêntrico, que apresenta igualmente uma covinha anexa na mesma direcção de 29 e na parte superior dois pequenos e leves sulcos levemente ondulados e de espessura variável. Além disso encontra-se, pela parte inferior, ligada por um conjunto de pequenas covinhas alinhadas, ao círculo mais externo de uma covinha rodeada de dois semicírculos (32) , com um raio partindo do interior e que igualmente com uma pequena covinha⁵² Desta segunda covinha sai ainda um pequeno sulco por abrasão

51 Termo aqui que se convencionou utilizar para caracterizar covinhas que apresentam um perfil interno no qual, do limite exterior para o centro, se verifica um primeiro abaixamento (em forma de aba) após o qual se aprofunda a covinha propriamente dita.

52 Esta gravura encontra-se bastante erosionada e não é das mais profundas, pelo que se torna de percepção difícil; em dúvida, optou-se por afirmar apenas o que mais seguramente se comprovou.

que se une a um prolongamento arqueado da extremidade do semicírculo exterior. Ainda ao lado direito deste mesmo semicírculo ocorre um pequeno arco, grosso modo concêntrico também da gravura. Junto da sua extremidade superior encontra-se uma pequena covinha tangente ao mesmo semicírculo.

Todas as grafias referidas até então para a subárea I2c se encontram ainda rodeadas de covinhas de menor dimensão e que parecem constituir alguns alinhamentos. Duas covinhas num destes possíveis alinhamentos, abaixo de 29 constituem-se como extremidades de sulcos, curto no caso da direita e mais alongado e ondeado no caso da esquerda. Notam-se igualmente por esta zona as já frequentemente referidas marcas de pico e pequenas covinhas quase imperceptíveis.

Junto à zona inferior direita, por entre infelizes marcas de maquinaria, podemos constatar a presença de uma dispersão de covinhas de tamanho médio/pequeno, duas das quais inscritas em círculos com covinha tangente (33), à semelhança de casos já descritos dentro desta estrutura formal. Observa-se ainda também duas covinhas ligadas dentro do tipo alteriforme (34). Um pouco à esquerda desta, verifica-se a ocorrência de um sulco em forma de arco, em cuja extremidade se observa uma covinha ovalada de fundo cónico (35). Ligeiramente acima distingue-se ainda um círculo e covinha concêntricos simples (36). Entre estas duas últimas gravuras mencionadas definem-se alguns pequenos sulcos, curtos, ramificados, apresentando pequenos arcos ou formas irregulares por vezes quase meandricas (37), que se definem à esquerda do sulco longitudinal, de contorno por vezes muito irregular que, tendo origem ainda na em II1a, desce toda a subárea I2c quase até à linha do solo, materializando a divisão entre essas subáreas.

Rocha IIA

Área IIA1

Trata-se de uma área gravada onde predominam as covinhas, de tamanho variado, algumas com apêndices e/ou círculos ou semicírculos. Muitas são de grandes dimensões, das maiores de todo o conjunto desta estação.

Antes de se proceder à descrição das gravuras, será necessário esclarecer o ponto de observação proposto para esta superfície, considerado aqui para efeito de mais fácil leitura, ainda que esta opção seja mais à frente discutida e justificada. Para a descrição desta superfície gravada consideramos a mesma na sua orientação Nordeste – Sudoeste, observado portanto a partir de Nordeste.

No que se refere às técnicas de gravação, consideramos como técnica generalizada o picotado, por percussão indirecta, seguido de polimento, ou abrasão. Em casos mais particulares faremos o respectivo comentário ao longo da descrição.

Consideraremos em primeiro lugar a zona gravada contida entre as duas fracturas verticais relativamente ao ponto de observação proposto para esta área gravada

No seu lado Sudoeste, verificamos a ocorrência, a partir do canto esquerdo, de um conjunto de covinhas integradas num sulco irregular, que se acopla a um outro, de espessura mais uniforme mas que integra também pequenas covinhas em sequência linear (1). Ao lado deste último há ainda uma covinha que unida a uma mais pequena se prolonga num pequeno sulco, de comprimento reduzido (2). Entre estas gravuras e as que se desenvolvem do canto direito para o centro da área, há uma dispersão de pequenas covinha simples, não unidas, ainda que algumas, pela sua posição, possam sugerir pequenos alinhamentos.

A partir do canto oposto aparecem-nos gravuras com motivos mais formalizados, de maiores dimensões e profundidade. Ao canto, ligado por um sulco a uma zona de depressão por fractura da rocha, e que marca nesta direcção a limitação da Área 1, temos uma figura sub-rectangular (3) com algumas semelhanças que a podem integrar no tipo frequente dos podomorfos. Um pouco abaixo destaca-se um motivo circular com covinha ao centro (4) que parece de alguma forma conectada com duas covinhas simples praticamente adjacentes ao círculo. Imediatamente ao lado (5) temos um aparente semicírculo, com covinha ao centro, a partir das extremidades do qual parece sair um pequeno sulco em ângulo recto integrando uma covinha na extremidade⁵³. Ao lado direito deste conjunto destaca-se ainda uma covinha simples de média dimensão, unida por um sulco leve a um semicírculo de diâmetro semelhante e com covinha ao centro (6).

Abaixo destes conjuntos e a partir do centro pra o lado Sudeste, desenvolve-se um sulco rectilíneo (7) de fundo bastante uniformizado por abrasão, abaixo do qual se observa um conjunto de quatro covinhas alinhadas (8), de diâmetro sequencialmente mais pequeno da direita para a esquerda, as três primeiras das quais ligadas por um sulco de pouca profundidade e que não se sobrepõe às mesmas. Acima, mas em posição intermédia relativamente as duas últimas covinhas do alinhamento (não ligadas entre si portanto), verifica-se a ocorrência de uma muito ténue e pequena covinha (que pode ser considerada quase só uma marca de picotado) que poderá constituir um marcador para o acto de gravação. Abaixo das covinhas alinhadas surge-nos um novo círculo com covinha ao centro (9). Desta vez salienta-se contudo que este círculo é praticamente sugerido pela disposição nessa configuração de pequenas covinhas sobre as quais um acto de abrasão circular vinca a gravura em forma de círculo. Ao lado deste ocorre uma grande covinha de fundo cónico (10) e abaixo dois pequenos e relativamente leves sulcos irregulares intercalados por pequenas covinhas, assim como um aparente alinhamento de covinhas médias, duas das quais levemente

53 Os termos “aparente” e “parece” foram aqui aplicados pois este lado da gravura encontra-se afectado por destruição de escavadora, o que dificulta a percepção destas gravuras. Deste modo não excluimos a possibilidade de se tratar de um círculo ao invés do semicírculo e de parte do sulco que parece constituir o apêndice se tratar somente de marca da máquina. Inclina-mo-nos contudo para a primeira hipótese referida.

ligadas por abrasão (tipo alteriforme) e uma outra de perfil interno em forma de chapéu invertido (11)

Para a direita das gravuras referidas no parágrafo anterior ocorre uma zona de gravuras na sua maior parte de médias e grandes dimensões, maioritariamente covinhas ditas simples parecendo formar alguns alinhamentos paralelos. De destacar contudo uma gravura sub-rectangular, de fundo aplanado, ainda que a um dos lados se detecte o fundo côncavo anterior, do tipo covinha (12). Ao topo desta gravura destaca-se uma profunda covinha de fundo aplanado (m) que pode aparentar alguma conexão com a figura sub-rectangular, assim como as duas pequenas covinhas que a ladeiam. Um pouco mais abaixo, chegada à fractura do lado direito (F2) encontramos uma outra figura sub-rectangular (14), com uma pequena covinha anexada no topo, ligeiramente para a esquerda. Apesar de alguma uniformização sobretudo dos contornos, é evidente neste caso a composição da gravura através do agrupar de uma primeira figura sub-rectangular, à qual foi anexada uma pequena covinha. De resto a figura sub-rectangular inicial apresenta um fundo plano com bastante maior profundidade que o fundo da covinha, mantendo-se portanto aqui uma separação entre as duas. Ao seu lado esquerdo encontram-se duas covinhas simples (15), uma de menor diâmetro e profundidade, não unidas mas muito próximas e que no seu conjunto induzem uma forma semelhante à anterior descrita. Ainda para o lado esquerdo destas duas covinhas encontramos uma gravura sub-rectangular (16), em posição mais horizontalizada, desta feita bastante mais uniforme (mais tendente portanto a uma sub-rectangular simples), mas que ainda assim evidencia, sobretudo ao nível do fundo, a presença de uma covinha semelhante à referida para a gravura já anteriormente descrita (14), embora contrariamente à anterior esta se encontre mais para o lado direito. Abaixo desta apresenta-se ainda uma covinha de médias dimensões e forma ovalada, abaixo da qual se dispersam mais algumas covinhas simples, sem nada que nos pareça mais relevante assinalar, aparecendo abaixo e para a direita destas uma zona fracturada da rocha que delimita a área gravada, neste ponto.

À esquerda das gravuras descritas no parágrafo anterior destaca-se um conjunto de gravuras de média e grande dimensão algumas das quais, segundo o nosso critério, bastante complexas. Assinalemos então em primeiro lugar uma covinha de grande diâmetro e profundidade, a partir da qual sai um sulco igualmente profundo realizado sobre uma pequena fractura natural e que se prolonga até ao limite da área gravada (17). Abaixo desta covinha encontra-se uma outra, de dimensões semelhantes, sobre a qual, mais para o seu lado esquerdo, se observa um pequeno sulco, em forma de arco (18). Para a direita desta, uma outra covinha mais pequena apresenta igualmente um sulco em forma de arco, desta vez mais para o lado direito e que se sobrepõe à extremidade do semicírculo da gravura imediatamente ao lado: um semicírculo com uma grande covinha ao centro (19). Abaixo desta gravura encontramos uma outra composta de um fino, mas de relativamente grande diâmetro, semicírculo (que se sobrepõe, delimitando-o, à extremidade do anterior) com um fino círculo concêntrico contendo uma covinha no seu interior (20). Por entre as

extremidades deste semicírculo, encontra-se uma pequena covinha ligeiramente pontiaguda, tangente ao círculo interior e ainda uma outra covinha simples ligeiramente mais abaixo. Mais ou menos alinhada com as composições anteriores de círculos e semicírculos, e em posição inferior, já próximo da fractura que delimita a zona gravada, encontramos duas pequenas covinhas unidas por um dos lados, inseridas no interior de um sulco em forma quadrangular aberta⁵⁴, com duas pequenas covinhas nas extremidades, uma das quais pontiaguda e a outra mais ovalada⁵⁵ (21). Por entre o conjunto de gravuras referido neste parágrafo, há ainda a referir uma ou outra covinha simples de dimensões relativamente pequenas, assim como a ocorrência de algumas marcas de picotado/covinhas de pequeníssimas dimensões.

A partir da zona descrita acima, em posição ligeiramente oblíqua surgem três sulcos profundos e espessos, praticamente rectilíneos em algumas partes e mais curvos noutras, intercalados por três outros de menores dimensões, que se alongam praticamente até ao limite da rocha com a linha do solo (22), parecendo fazer uma transição para a imagética da Área IIA2.

Considerando agora a zona para a direita de F2, verificamos que esta é uma área que quase não apresenta gravuras, destacando-se somente um círculo de médio diâmetro com covinha no centro (23); uma covinha simples e ainda uma outra envolvida de um semicírculo/arco. Além destas assinala-se ainda uma dispersão de pequenas marcas de picotado.

Área IIA2

Considera-se para efeitos descritivos esta superfície no sentido do topo Norte para a base mais baixa a Sul/ Sudoeste. Na verdade a percepção desta área gravada, que consideramos ser constituída essencialmente por um motivo que a ocupa na quase totalidade, implica movimento em torno desta. .

Esta superfície, que aqui se optou por representar delimitada no topo pela fractura que a separa da área IIA1, está em linhas gerais, organizada segundo os seus dois planos inclinados, sendo que a partir de um sulco central profundo, levemente ondulado e que materializa a dorsal a partir da qual se definem os planos inclinados, arrancam para um lado e para o outro sucessivos sulcos, profundos na sua grande parte, tendencialmente paralelos, lineares ou com pequenas curvaturas e unidos ou ramificados em alguns casos. Pontualmente surgem aspectos ou outras gravuras que em seguida descreveremos em particular.

Ao topo pode observar-se uma covinha simples, de médio diâmetro, mas profunda (1). À sua direita

54 Gostaríamos de salvaguardar um pouco a descrição destas gravuras, no que se refere à dificuldade da sua percepção, sendo que por tal foram alvo de mais do que um decalque, dado o facto de se encontrarem afectadas por marcas de maquinação.

55 A forma deste sulco faz lembrar o hieróglifo kha egípcio. Referência esta que apenas é aqui feita por uma questão de mais fácil descrição da gravura e na ausência de qualquer intenção de estabelecer tal real paralelismo - o que nos parece de resto que seria totalmente despropositado.

desenvolvem-se dois sulcos unidos pela extremidade superior (2). Acima da parte inferior destes sulcos encontram-se ainda mais quatro gravuras, como sendo: uma covinha simples, uma figura alongada em forma de “osso” à qual se sobrepõe ligeiramente um dos sulcos, uma covinha pequena sobre pequeno rebaixamento da rocha e um sulco largo, não muito profundo e curto (3).

Atentando na linha dorsal vemos que esta se materializa a partir de uma primeira covinha, seguida de mais duas covinhas adjacentes, ainda que estas sejam menos perceptíveis pela forte abrasão efectuada, uniformizando relativamente o seu fundo por forma a formar o início da dorsal (5). Trata-se de um sulco de considerável profundidade e jogo volumétrico no seu topo, mas que vai perdendo gradualmente profundidade e espessura, para, no ângulo que a superfície da rocha faz a Sul, já na zona mais baixa desta área, se integrar já, em termos de profundidade e espessura, no carácter dos demais sulcos. Temos que sublinhar, ainda assim, que nunca perde o seu carácter de dorsal, no sentido de vincar a aresta natural do afloramento.

A partir desta linha dorsal materializam-se cerca de vinte e um sulcos principais no plano inclinado exterior (relativamente ao limite da rocha) que, embora se ramifiquem, mantêm a tendência linear no sentido da inclinação. Muitos destes sulcos apresentam grande profundidade, obtida por picotagem seguida de forte abrasão.

Na zona da rocha voltada a Sul/ Sudeste, a superfície sofre uma inclinação no sentido do solo, marcada graficamente por treze sulcos (6), acima dos quais, numa pequena zona mais aplanada, adjacente à cavidade sub-rectangular, se observam três covinhas simples e duas mais pequenas ligadas entre si por um sulco (7). De notar ainda em (8) um alinhamento de três muito pequeninas covinhas, alinhadas, que poderiam constituir uma intenção de insculpir posteriormente um sulco. Um pouco à direita destas encontramos mais duas que podemos considerar dentro dos mesmos moldes.

Analisando agora a superfície inclinada interior desta área, novamente a partir do topo, é possível observar uma espécie de reticulado (9) definido por um entrelaçar de pequenos sulcos entre um sulco que parte da covinha inicial da linha dorsal (5) e um outro que se parece conectar com a fractura F1. A partir da linha dorsal, de modo semelhante ao verificado para a superfície inclinada exterior, arrancam uma série de sulcos no sentido da inclinação da superfície, sendo estes contudo mais ondulados, ou apresentando até um carácter mais meândrico (10, 11 e 12, por exemplo). Em 13 podemos identificar uma figura mais formalizada, constituída de uma pequena covinha central, circundada por um círculo aberto que termina numa covinha numa das suas extremidades. Junto desta figura podemos observar o arranque de mais seis sulcos que foram contudo cortados pela cavidade sub-rectangular.

Área IIA3

Trata-se de uma área onde predominam as covinhas simples de médias e pequenas dimensões (pequenas, na sua grande parte).

Destaca-se contudo, à esquerda, duas covinhas ligadas por um sulco (1), abaixo da qual uma outra apresenta um sulco a partir dela, mas que é interrompido pelo limite da própria rocha (2). Em baixo observa-se igualmente um sulco gravado a partir de uma covinha à qual se anexa uma outra (3).

De notar ainda nesta área, uma ligeira depressão na rocha, de forma sub-rectangular, no interior da qual se definem duas gravuras sub-rectangulares possíveis de corresponder com a tipologia dos podomorfos (4). O mesmo se refere em relação a uma outra gravura sub-rectangular que ocorre um pouco mais acima.

Nesta área salienta-se ainda o facto de se encontrarem dispersos por esta pequena área, numerosos e pequenos rebaixamentos da superfície, que assumem por vezes o aspecto de covinhas muito pouco profundas, assim como pequenas marcas de pico.

Área IIA4

Trata-se de uma área intensamente gravada, com elementos bastante profundos, onde os espaços deixados “em branco” se restringem a exíguos interstícios entre as gravuras.

A iconografia resume-se às covinhas simples ou ligadas por sulcos, ou ainda sulcos contendo covinhas. Os sulcos nalguns casos apresentam-se como relativamente lineares, noutros assumem uma feição quase meândrica; carácter meândrico esse que, associado a um grande barroquismo, se assume como grande característica do todo compositivo que parece constituir esta área.

Destaca-se como 1 um sulco linear, afeiçoado sobre uma fissura natural na superfície da rocha. Ao longo deste sulco, distinguem-se por vezes pequenas covinhas no seu interior. Destacam-se também linhas de covinhas interligadas, como 8 ou 9 que se distinguem de sulcos fortemente vincados por movimentos abrasivos como são os sulcos 2, 3 ou 7 - ainda que por vezes a linha dos bordos destes últimos possa evidenciar “arredondamentos” sugerindo a presença prévia de covinhas de pequena dimensão, facto perfeitamente evidenciado em 3. De notar também a presença de várias covinhas de forma tendencialmente ovalada, como nos casos 4, 5 ou 6, resultando esta última da anexação de duas covinhas adjacentes, de acordo com o evidenciado no seu fundo.

Rocha IIB

Área IIB1

Subárea IIB1a - Trata-se de uma área majoritariamente gravada com covinhas simples de pequeno e médio tamanho, dividida em três zonas por duas diaclases naturais da rocha: F1 e F2.

Na zona acima de F1 contam-se trinta e uma covinhas simples (podendo sugerir alguns alinhamentos, ainda que não muito evidentes), por entre uma ou outra figura mais alongada, pequenas concavidades picotadas (covinhas de muito pouca profundidade), e por entre o arranque dos sulcos, alguns a partir de covinhas, que se prolongam para a subárea IIB1b. Destacam-se algumas covinhas de maior profundidade e diâmetro, como 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7. Em 8 temos uma figura alongada, que parece ser o início de um sulco mais longo, mas que não tem continuidade. A covinha 9 apresenta um pequeno apêndice alongado. A figura 10 trata-se de um pequeno sulco que converge para a fractura F1, na sua parte superior, mas que depois entronca na própria fractura. Na parte mais à direita, na zona marginal à inclinação que define a distinção entre esta área e a subárea IIB1b, distingue-se o arranque de doze sulcos que se prolongam então depois pela superfície da outra subárea. O sulco 9 trata-se de um sulco curto, de arranque a partir de uma covinha. Com efeito, também os sulcos 11, 12, 13, 14 e 15, arrancam de covinhas bem marcadas, sendo as de 13 e 14 mais profundas. Os sulcos 17 e 18 não se chegam a unir perfeitamente às covinhas que ainda assim se consideram materializarem imaginariamente o seu arranque.

Para baixo da fractura F1 e entre esta e F2, distinguem-se cerca de onze covinhas simples, algumas de média dimensão, entre as quais 19 e 20, por entre mais algumas de muito pouca profundidade (do tipo pequenos picotados ou rebaixamentos, que já temos referido ao longo desta descrição). Além disso contam-se ainda duas figuras alongadas, pouco profundas e duas covinhas ligadas por uma depressão alongada realizada por abrasão (21). Na zona que inclina para a fissura F2, conta-se apenas uma covinha e dois curtos sulcos, realizados por abrasão.

A zona alongada para baixo de F1, apresenta-se mais densamente gravada e com gravuras mais variadas. Temos portanto ao topo uma figura mais alongada (22), constituída por uma covinha, à qual se liga um sulco que, na extremidade oposta integra uma segunda covinha. Um pouco para o lado direito ainda observa-se um pequeno sulco. Abaixo da primeira distingue-se uma covinha de pequeno diâmetro, mas com grande profundidade e perfil interno cónico (23). Abaixo destas gravuras dispersam-se várias covinhas de pequena e média dimensão. Um pouco mais para a direita observa-se um sulco de relativa pouca profundidade, bifurcado, com pequenas concavidades resultantes de covinhas, no seu interior (24). Em 25 identifica-se uma figura sub-rectangular. Abaixo, por entre mais algumas covinhas dispersas, duas das

quais unidas por um leve sulco de abrasão, distingue-se um sulco (26) ligeiramente curvo para a direita, de profundidade média e apresentando no fundo evidências de algumas pequenas covinhas. Ao lado direito, definindo o limite entre a subárea IIB1a e a subárea IIB1b observa-se um longo sulco (27), com sinais de pequenas concavidades, no seu interior, mas fortemente sujeito a abrasão. Quebra-se na zona de fissura, mas parece ter o seu início além desta.

Inclui-se ainda nesta subárea a pequena superfície a Sul, de cota inferior e planta subcircular, gravada com três covinhas de médio e pequeno diâmetro e profundidade.

Subárea IIB1b - Esta subárea encontra-se essencialmente gravada com sulcos mais ou menos paralelos, com a direcção da inclinação da superfície para a grande depressão que se observa nesta rocha.

A partir da zona mais próxima do ponto de observação sugerido e até F1, observa-se em geral sulcos mais curtos, mais ramificados e apresentando mais curvaturas (algumas das quais em ângulo recto) do que na zona além F1. Observam-se também por entre estes sulcos gravuras como covinhas e círculos. Temos então a destacar em 29, um anel subcircular adjacente ao contorno de uma covinha muito pouco profunda. A gravura 30, trata-se de um sulco longo, de média profundidade, que a cerca de dois terços do seu comprimento apresenta uma ligação sugerida (dado que não chega a tocar a outra) por um sulco de abrasão leve, a um outro sulco pouco profundo e relativamente curto. Imediatamente à frente define-se um novo sulco (31), que na sua extremidade inferior dá origem a um círculo, contendo uma covinha no seu interior (28). A gravura 33 é um sulco profundo que parte da linha dorsal (27), e que no ponto onde se liga a 32 apresenta a forma arredondada de uma covinha no seu interior. Um pouco mais abaixo o sulco 33 ramifica-se em dois, sendo que um dos ramos sofre uma inflexão em arco, definindo um círculo. O sulco 34 tem um arranque vertical paralelo a 33, definindo-se, como este, verticalmente no sentido da inclinação da rocha. Contudo, a metade do seu comprimento é interrompido por um outro sulco (35), formado a partir de uma covinha, e que se desenvolve na horizontal intersectando o sulco 32. O sulco 36 desenvolve-se na vertical e é relativamente curto. Possui, anexa à sua extremidade, uma covinha de fundo cónico e média profundidade. Ao lado observa-se um sulco que se define inicialmente na vertical (37), mas onde a dada altura se ramifica num pequeno sulco em forma de semicírculo e que entronca de novo no sulco principal; sofrendo depois contudo uma inflexão de 90°, continuando com pouca profundidade na horizontal. Ao seu lado ocorre uma covinha com um pequeno sulco como apêndice, paralelo aos demais verticais que já se referiram (38). Um pouco mais para a frente definem-se ainda mais três sulcos verticais, curtos e de média profundidade. A figura 39 é um sulco mais longo bifurcado na extremidade inferior, com origem na linha de aresta entre IIB1a.e IIB1b. Ao seu lado e partindo igualmente da aresta ocorre ainda um outro sulco, curto

e pouco profundo (40).

Para lá de F1 observam-se vários sulcos lineares, de maior comprimento e profundos, arrancando sucessivamente das covinhas 11, 12,13,14,15 e16, da subárea IIB1a. Abaixo da covinha 17, observa-se também o arranque de um sulco mais ondulado que os anteriormente descritos, o mesmo ocorrendo no sulco definido imediatamente abaixo da covinha 18. Na região além deste ocorrem ainda dois sulcos mais curtos (41 e 42) intercalados por algumas covinhas simples de média e pequena dimensão, bem como uma leve figura em arco (43) parecendo definir um pequeno semicírculo com uma covinha ao centro. O sulco 44 trata-se do sulco mais longo, sendo também bastante profundo, e com uma direcção oblíqua em relação aos demais: converge para a linha que define o fundo da concavidade, delimitando por este lado a Área IIB1.

Área IIB2

Subárea IIB2a - A zona mais próxima do ponto de observação proposto apresenta-se fracturada do seu lado direito. À esquerda desta área fracturada observam-se apenas três covinhas simples e uma quarta quase imperceptível (1). Acima destas observamos duas covinhas encerradas numa pequena área circular, delimitada por dois sulcos denunciando covinhas nas extremidades: um deles de carácter rectilíneo, e o outro mais ondulado e com uma extremidade em arco (2).

Sobre o restante espaço desta subárea dispersam-se uma série de covinhas de tamanho relativamente uniforme entre si, com um relativo pequeno diâmetro, mas de profundidade proporcionalmente bem vincada. Algumas destas podem sugerir alguns alinhamentos não rectilíneos. De destacar ainda à direita de (2) um sulco obtido essencialmente por abrasão sobre algumas covinhas pré-existentes e de configuração relativamente meândrica (3). De destacar ainda, ao topo, um círculo com uma covinha anexada ao seu limite exterior e contendo duas covinhas no seu interior, anexas uma à outra, sendo que uma é de pequena dimensão (4). Uma parte das covinhas dispersas que referimos acima parece organizar-se em torno desta figura e da que se encontra à sua esquerda (5), constituída por três covinhas integradas num sulco que as une.

Esta subárea encontra-se danificada por uma marca de escavadora.

Subárea IIB2b - Na superfície de planta triangular paralela à zona fracturada da IIB2a, podemos observar um conjunto de covinhas de pequena dimensão, sugerindo pequenos alinhamentos verticais relativamente ao ponto de observação (e portanto no sentido da ligeira inclinação da superfície de Norte para Sul), intercalados por três curtos sulcos com a mesma direcção. Este conjunto de gravuras encontra-se rodeado (delimitado) por um sulco que se desenvolve paralelo aos limites direito e do topo desta pequena superfície (6). No topo deste conjunto ocorrem ainda duas covinhas de diâmetro e profundidade média,

anexas entre si, bem como uma terceira de menores dimensões (7). A partir do topo desta pequena zona e para Norte, ao longo da superfície alongada, na sua parte mais à esquerda e logo mais próxima de IIB2a, observa-se um alinhamento de sete covinhas de dimensões variadas, novamente no sentido da pequena inclinação da superfície (8). Paralelo a este alinhamento encontramos ainda um sulco que na verdade resulta visualmente da continuidade de um sulco curto com uma covinha de média dimensão a partir da qual se desenvolve um curto apêndice em alinhamento com o referido sulco e a covinha (9). Com início a partir de uma covinha mais acima, e desenvolvendo-se novamente de forma paralela às gravuras que temos vindo a descrever, encontra-se o sulco 10 que delimita esta zona, relativamente aplanada, da zona desta superfície que, à direita, se inclina ligeiramente no sentido Oeste-Este. Este sulco 10, de carácter mais rectilíneo ao topo, ramifica-se e torna-se meândrico no seu comprimento mais próximo do ponto de observação sugerido, abrindo-se ligeiramente de acordo com a configuração da superfície da rocha. Na área à direita de 10 encontramos um conjunto sulcos, uns mais curtos e um outro relativamente mais longo (11), ramificados alguns deles, mas que se desenvolvem em conformação com a pequena inclinação desta superfície no sentido, como já vimos, Oeste-Este. Por entre estes sulcos ou mesmo integradas neles, podemos apontar a ocorrência de algumas covinhas simples. De salientar também a ocorrência de pequenos semi-círculos com covinhas ao centro, como sendo o caso de 12 e 13 ou ainda de 14 e 15, mais ao topo. No topo desta subárea existem ainda algumas covinhas simples, de tamanho pequeno a médio, ou anexas a curtos sulcos (16).

Na zona que se desenvolve para a direita de F1, podemos observar dois finos sulcos ondulados e ramificados, unidos entre si, formando uma pequena figura meândrica (17). A figura 18 trata-se de um sulco gravado por forma a integrar uma fissura da superfície da rocha (F2) e que delimitará parte desta superfície gravada, do lado esquerdo. Para a direita deste sulco/ fissura, podemos ainda apontar a ocorrência de alguns sulcos mais curtos (19), assim como duas covinhas pequenas e uma marca de picotado. Um pouco mais para baixo encontramos um pequeno conjunto de figuras não muito definidas, ou bastante erosionadas, parecendo definir-se um semicírculo com covinha no interior, tendo esta também aparentemente um apêndice (20), e uns pequenos sulcos ondulados.

Subárea IIB2c - Esta pequena superfície encontra-se gravada essencialmente com um conjunto de quatro sulcos muito próximos e paralelos entre si (21), que se desenvolvem no sentido da inclinação da rocha neste ponto, ou seja, Norte-Sul. Para o lado esquerdo destes encontramos duas covinhas de médias dimensões que se parecem associar a leves e curtos sulcos (22); bem como, no topo esquerdo desta subárea um agrupamento de cinco pequenas covinhas simples (23), uma pequena marca de picotado, duas covinhas ligadas formando uma figura mais alongada à qual se une um sulco e ainda uma covinha da qual parte um sulco novamente no sentido já descrito para os demais (24).

Anexo C: Quadros

	Rocha I				Rocha IIA				Rocha IIB				
	Área I1	Área I2	Área I2	Área I2	Área IIA1	Área IIA2	Área IIA4	Área IIA3	Área IIB1	Área IIB2	Área IIB1	Área IIB2	Área IIB2
Pequena	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Grande dimensão/ profundidade		*	*	*	*		*						
Covinhas unidas por sulcos ou pares de covinhas	*		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Figuras rectangulares	*				*			*	*	*	*	*	*
Rectilíneos		*	*	*	*	*			*	*	*	*	*
Ondulados/ ou		*	*	*			*					*	*
Ramificados		*	*	*	*	*	*		*	*	*	*	*
Simples/ com	*	*	*	*	*	*	*					*	*
Com covinha e apêndice ou mais do que um círculo			*	*					*	*	*	*	*
Figuras compostas/ mais "complexas"		*	*	*	*	*1	*					*	*

Legenda: * Ocorrência de gravuras/ motivos do respectivo tipo * Gravuras/ motivos predominantes/ com maior expressão gráfica * Gravuras/ motivos minoritários

Quadro 1: Gravuras e Motivos: quadro síntese

Condições de iluminação (visualização) das rochas ao longo do dia (variação da posição do sol*)													
Horas	Rocha I						Rocha II a				Rocha II b		
	Área I1	Área I2 subárea I2a	Área I2 subárea I2b	Área I2 subárea I2c	Área IIA1	Área IIA2	Área IIA4	Área IIA3	Área IIB1 subárea IIB1a	Área IIB1 subárea IIB1b	Área IIB2 subárea IIB2a	Área IIB2 subárea IIB2b	Área IIB2 subárea IIB2c
7.00	++	+	++	-	++	+	-	+	+	-	-	+	-
8.00	+++	+++	+++	-	+++	++	-	++	++	+	-	++	-
9.00	++	++	++	+-	+++	++	+-	++	+	+	+	+	+-
10.00	+	+	++	+	++	++	+	+	++	++	+	+	+
11.00 - 15.00													
16.00	+	+	++	+	++	++	++	++	++	++	+	+	++
17.00	++	++	+++	+++	+++	+++	++	++	++	+-	+++	+++	++
18.00	++	++	++	+++	+++	++	+++	+++	+++	-	+++	+++	+++
19.00	++	++	+	++	+++	++	+++	+++	++	-	++	++	++
20.00	++	++	+	++	++	+	++	++	++	+-	++	++	++

* Observação efectuada a 1 de Julho de 2006

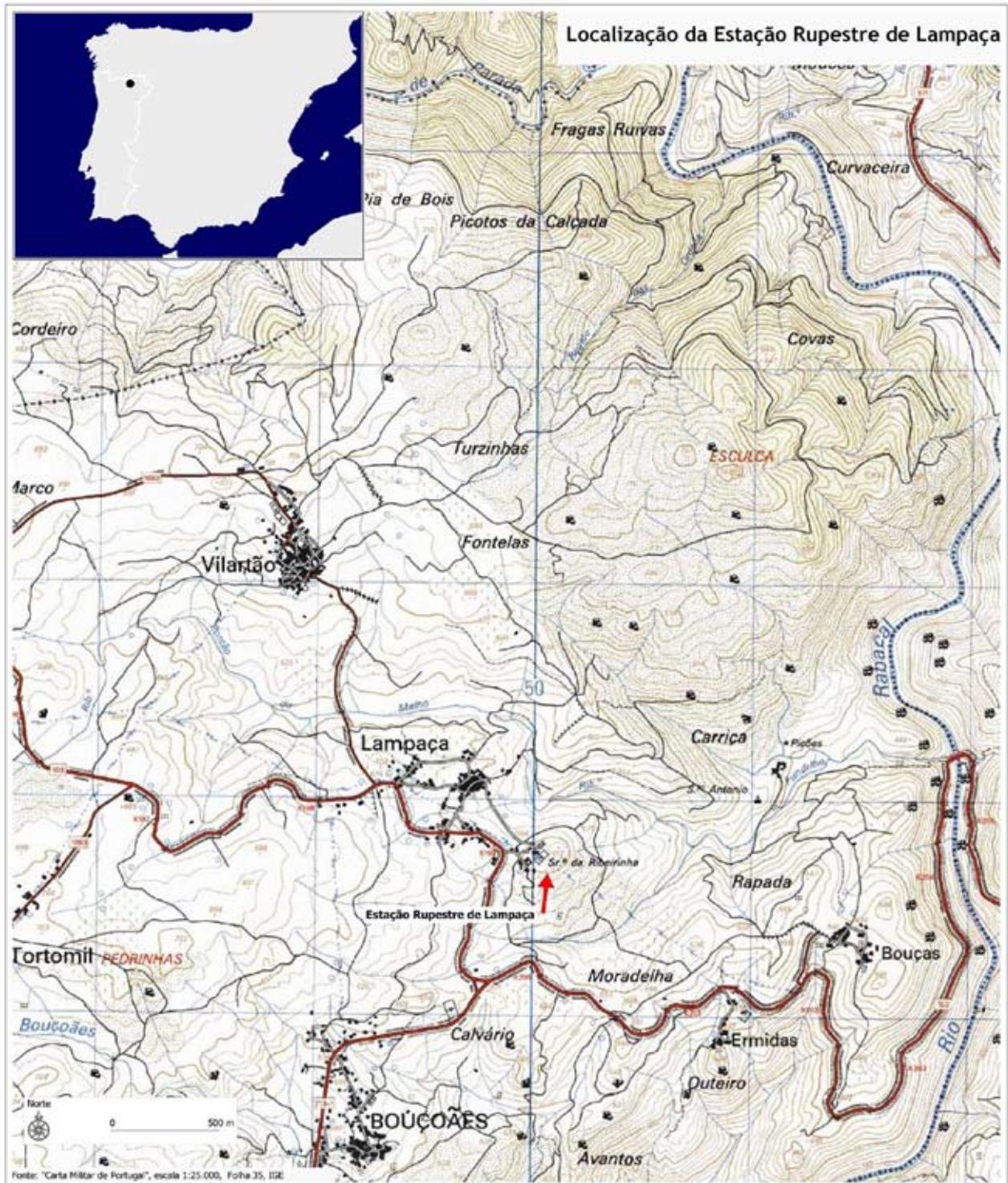
Legenda: - condição de sombra
 + deficitária / razoável
 ++ boa
 +++ excelente
 sol a pique (não proporciona boas condições de observação)

Quadro 2: Variação das condições de visualização das gravuras consoante a variação da posição do sol ao longo do dia. (Observação efectuada a 1 de Julho de 2006)

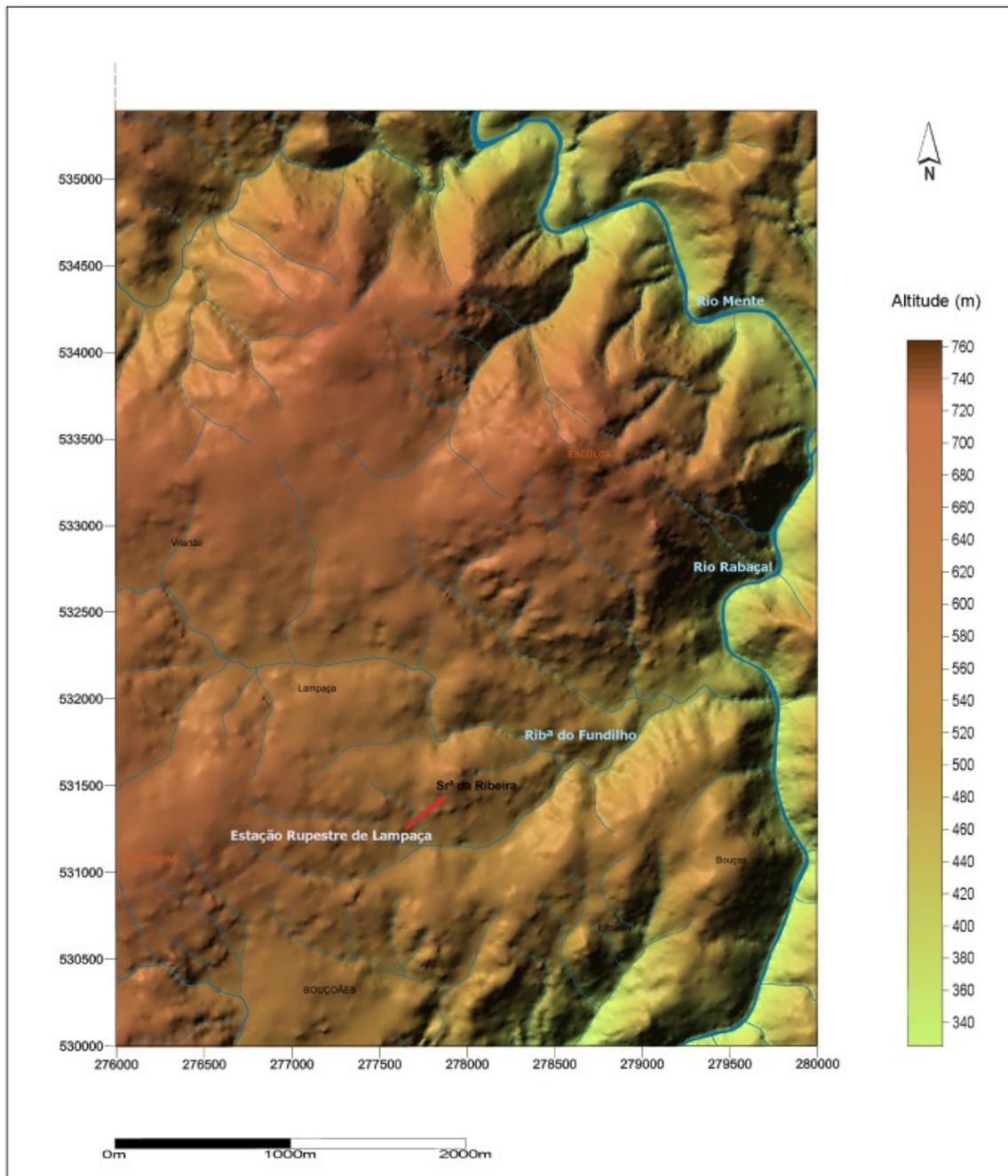
Relação diâmetro – largura – profundidade de algumas gravuras da Estação Rupestre de Lampaça			
Gravura/ Motivo	Diâmetro/ Largura (cm)	Profundidade (cm)	Observações
Rocha I			
Área I1			
1	21	1,0	
2	13,5 x 7,5	1,5	
3	8,0	1,5	
4	7,0	1,5	
5	4,0	0,60	
6	4,5	1,5	
7	3,5	0,50	
8	4,0	0,30	
9	6,5	1,8	
Rocha IIA			
Área IIA1			
2	3,5	1,0	
3	13,5 x 10,2	0,19	
4	Covinha: 4,5	1,2	
	Círculo: 2,2	0,20	
	Total: 15,7		
5	Covinha: 5,3	2,0	
	Círculo: 2,3	0,40	
	Total: 15,0		
6	Covinha: 3,0	2,0	
	Círculo: 1,1	0,20	
	Total: 9,2		
7	3,0	0,7	Gravado por técnica de abrasão

Quadro 3: Relação do diâmetro/ largura máxima e Profundidade de algumas gravuras/ motivos da Estação Rupestre de Lamp

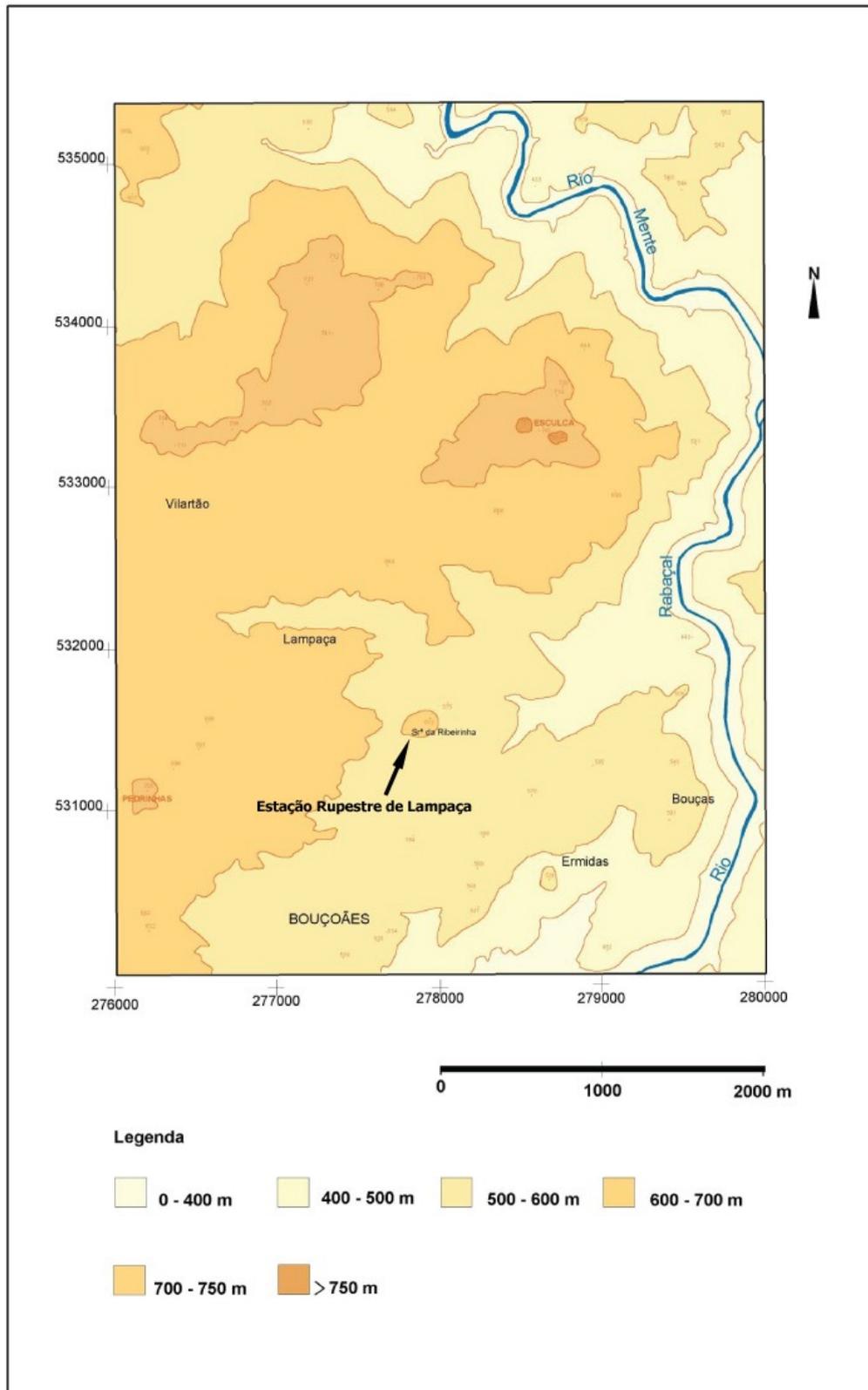
Anexo D: Mapas



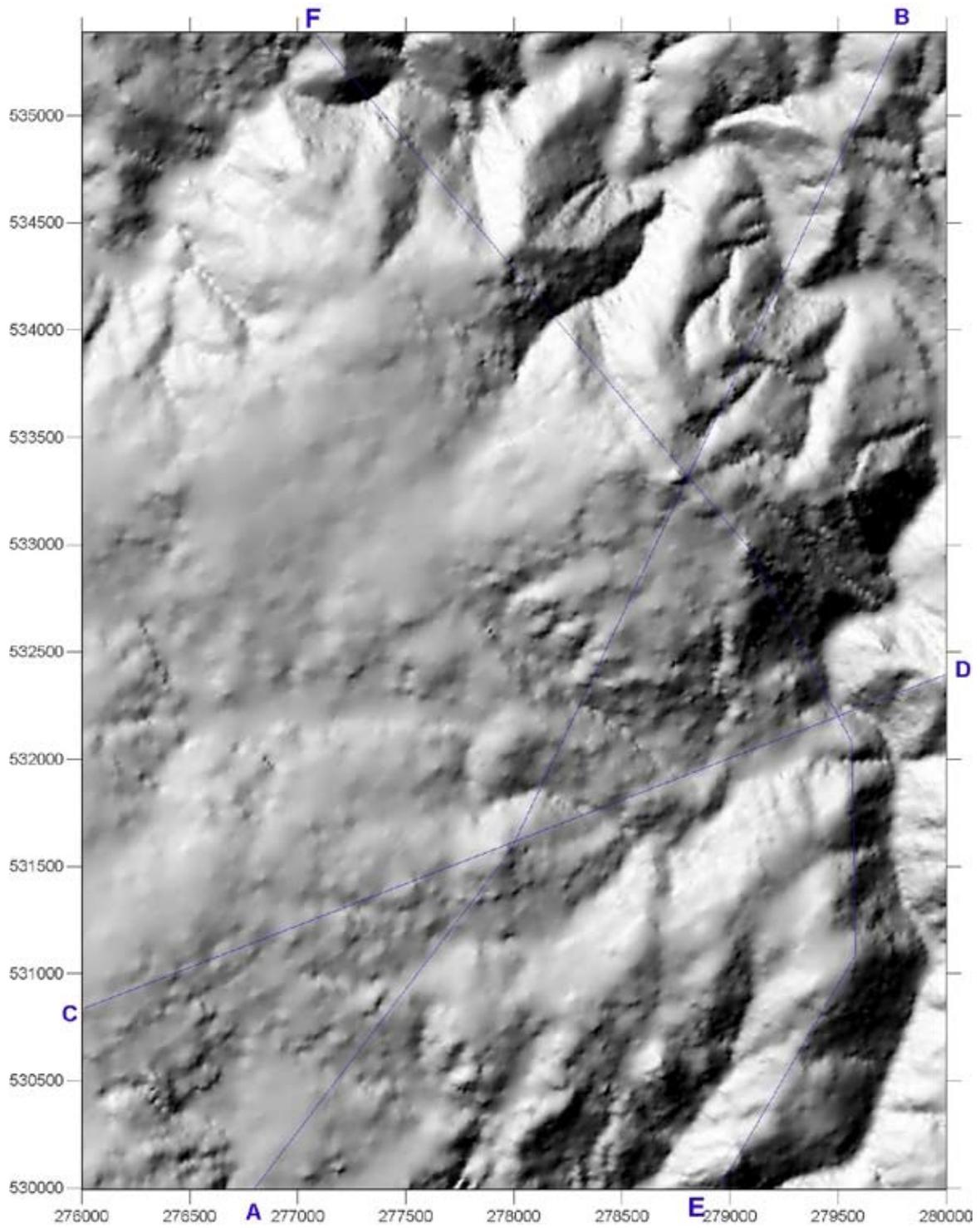
Estampa 1 : Localização da Estação Rupestre de Lampaça na Península Ibérica e sobre a Carta Militar de Portugal 1/ 25 000



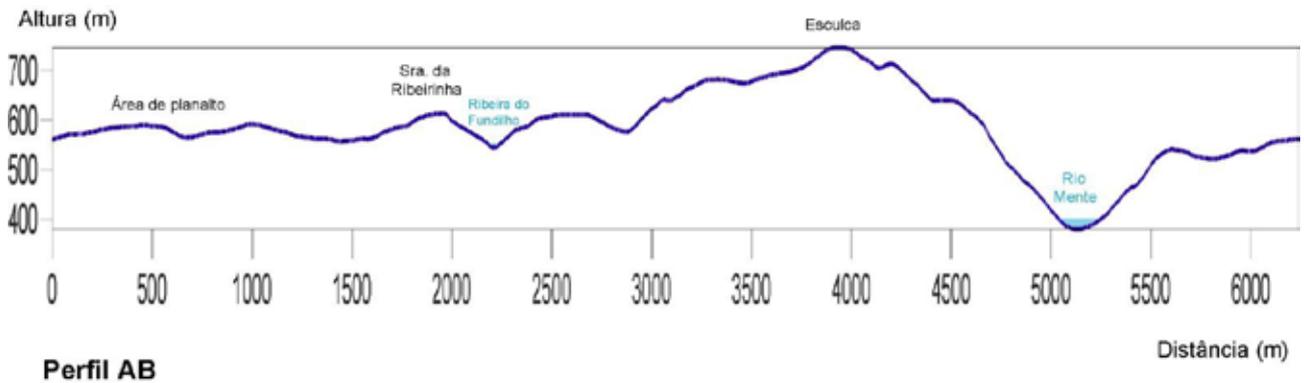
Estampa 2: Modelo Digital de Terreno



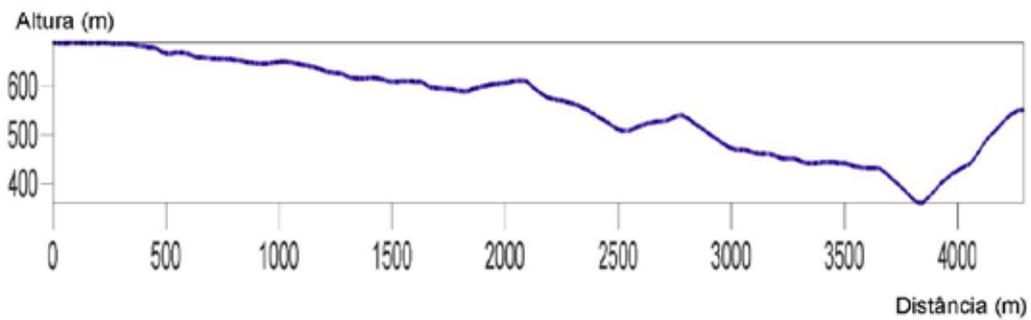
Estampa 3: Mapa hipsométrico da área de implantação do cabeço da Sra. da Ribeirinha



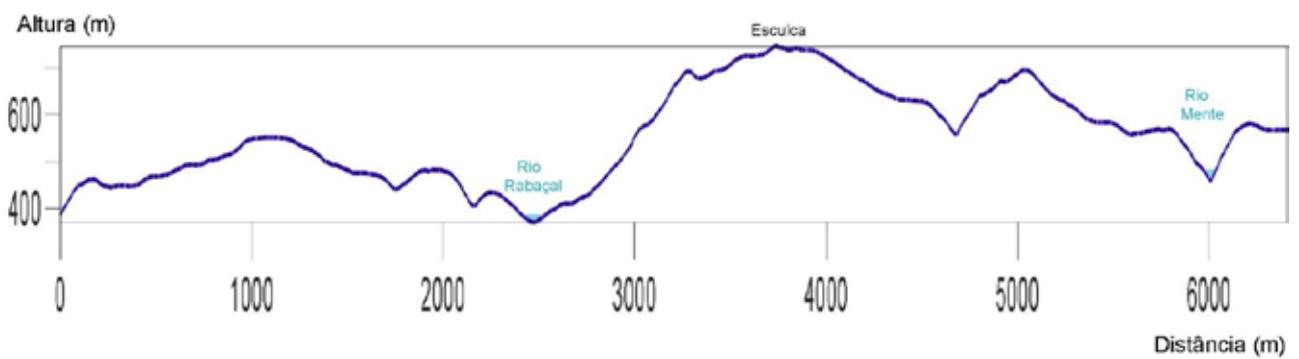
Estampa 4: Traçado dos perfis topográficos AB, CD e EF.



Perfil AB



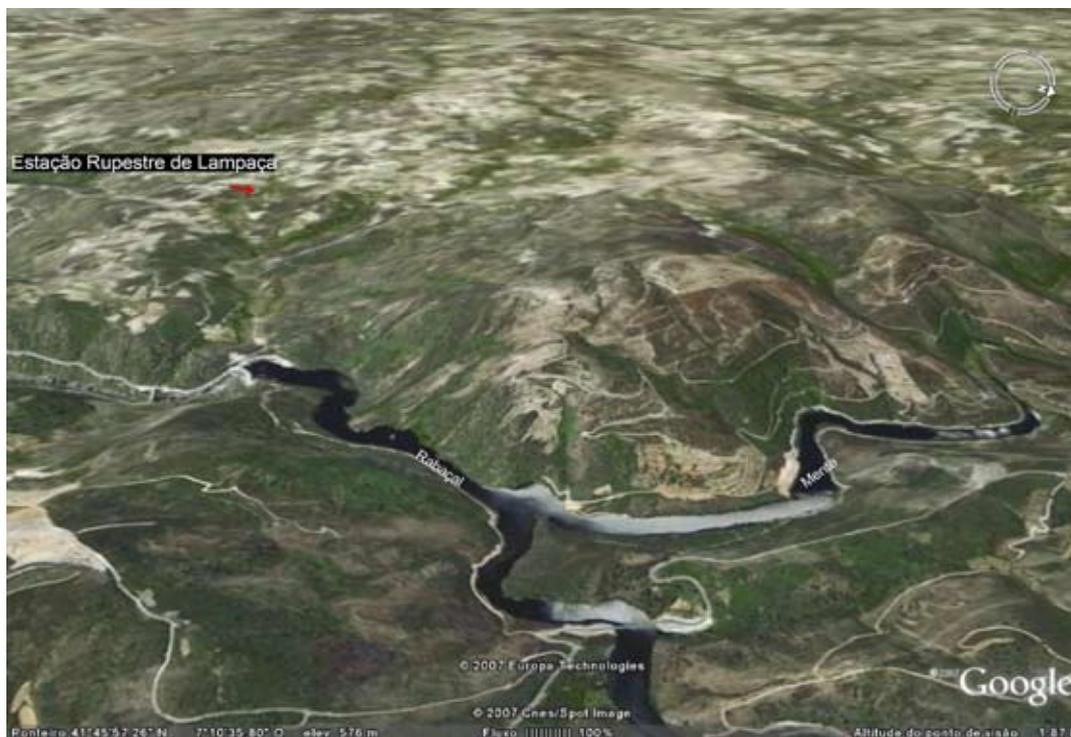
Perfil CD



Perfil EF

Estampa 5: Perfis topográficos

Anexo E: Fotografias e Figuras



Estampa 6: Vista aérea a partir de Leste sobre os principais aspectos geomorfológicos da área em que se insere a Estação Rupestre de Lapaça.



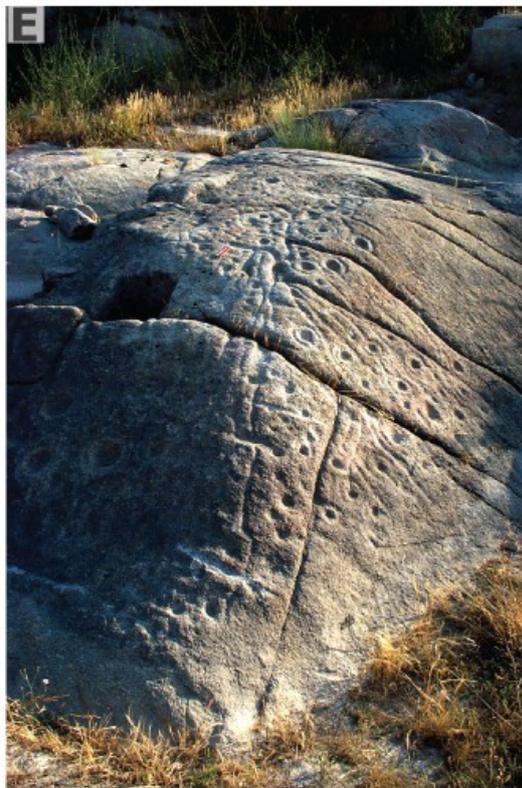
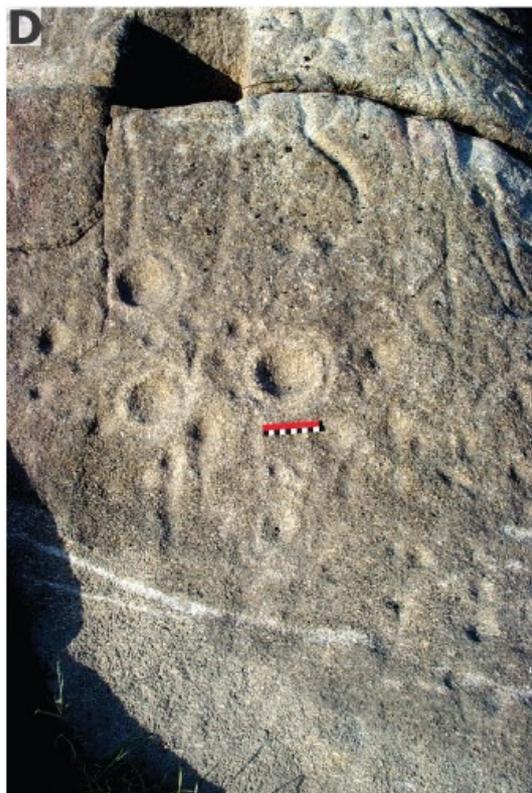
Estampa 7: Vista sobre a Sra. da Ribeira, lado Sul, a partir do topo do vale em direcção ao leito do Rabaçal.



Estampa 8: Vista geral dos afloramentos. A: Vista geral sobre a estação. B: Rocha II. C: Rocha I e II



Estampa 9: Rocha I. A: Vista sobre a área I1 a partir de leste. B: Subárea I2a. C: Subárea I2b



Estampa 10: Rocha I. D: Subárea I2c. E: Vista geral sobre a Rocha I a partir de Sul. F: Pormenor da subárea I2a, aspecto do possível antropomorfo.



Estampa 11 : Rocha II A. A: Área II A1. B: Área II A1, pormenor da transição entre esta área e II A2. C: Área II A4, de notar a organização em torno de uma composição sub-retangular/ ovalada central.



Estampa 12: Rocha II A, área II A2. D: Vista geral do todo compositivo que ocupa esta área. E: Aspecto da dorsal. F: Pormenor do entrelaçar dos sulcos partindo em direções opostas. De notar a profundidade destas gravuras, conferindo-lhe um excepcional carácter volumétrico, potenciado pelo jogo luz/ sombra.



Estampa 13: Rocha IIB. A: Vista sobre área IIB1. B: Aspecto da subárea IIB2b



Estampa 14: Rocha IIB. C: Aspecto da subárea IIB1a. D: Área IIB2.



Estampa 15: Vista para a Serra de Passos/ Sta. Comba, a partir da Estação Rupestre de Lampaça.



Estampa 16: Estação Rupestre de Saínça, Fraga das Covinhas, Tinhela, Valpaços



Estampa 17: Abrigo com gravuras rupestres da Solhapa, Duas Igrejas, Miranda do Douro

Anexo F: Plantas, Perfis, Levantamento das Gravuras



Estampa 19: Conjunto dos levantamentos das gravuras da estação rupestre de Lapaça



ROCHA I



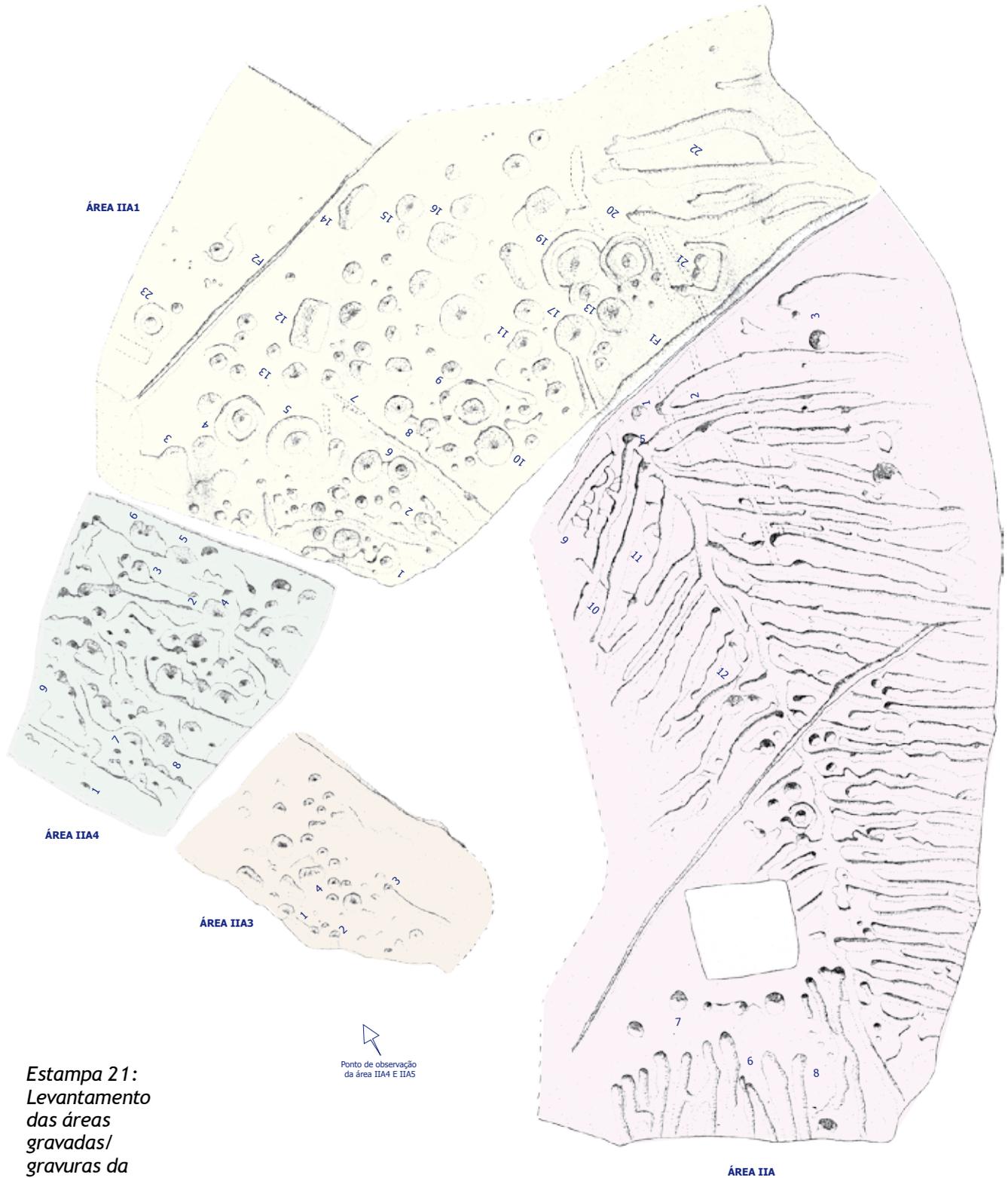
*Estampa 20:
Levantamento
das áreas
gravadas/
gravuras da
Rocha I.*



ROCHA IIA



Ponto de observação da área IIA1



Estampa 21:
Levantamento das áreas gravadas/gravuras da Rocha IIA

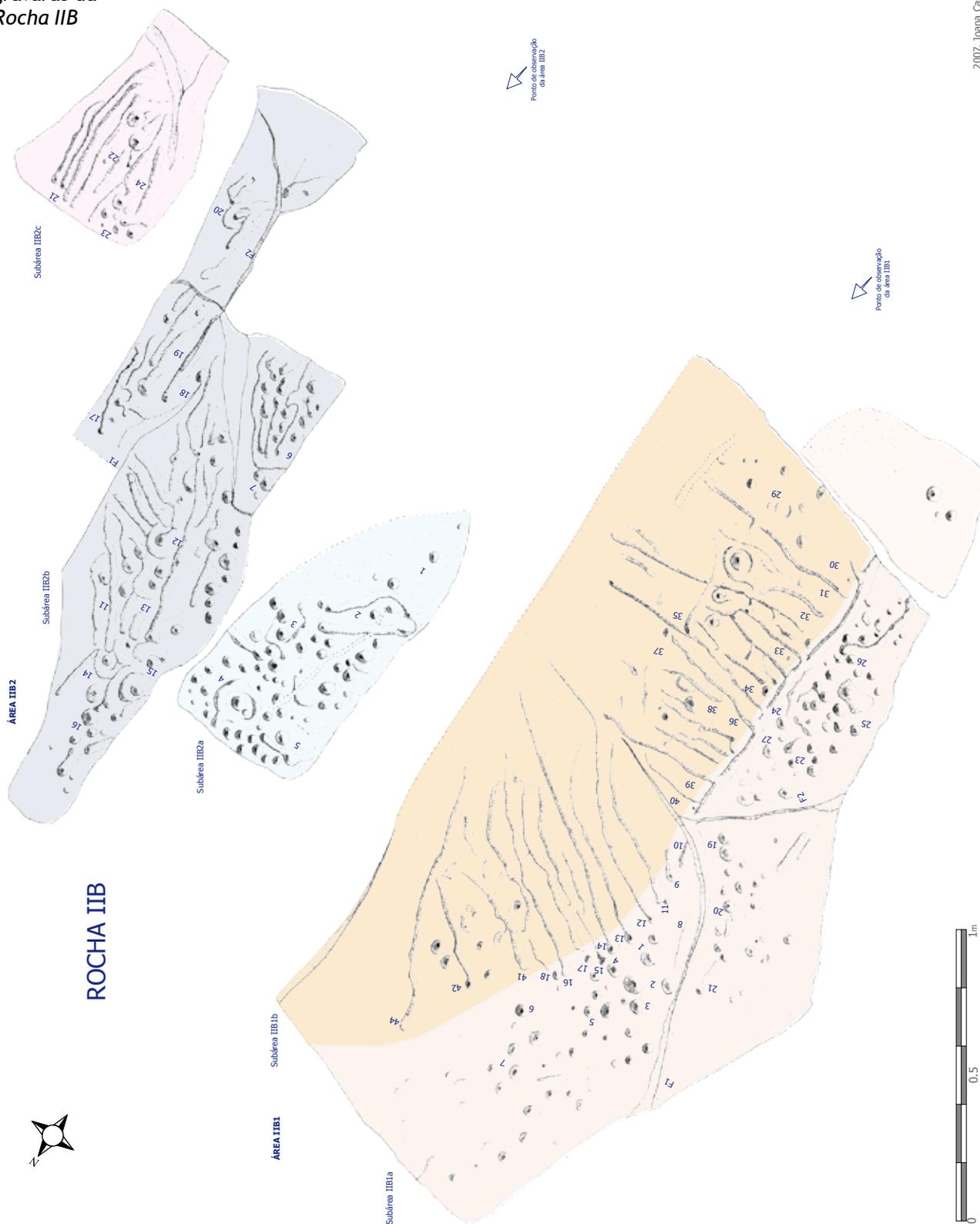
Ponto de observação da área IIA4 e IIA5



Ponto de observação da área IIA2



Estampa 22:
Levantamento
das áreas
gravadas/
gravuras da
Rocha IIB



2007, Joana Castro Teixeira